Secretaria de Educação e Cultura

Boletim

do

Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais

Anos de 1954 e 1955

Rio Grande do Sul
Brasil

BOLETIM
DO CENTRO DE PESQUISAS
E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

BOLETIM

DO

CENTRO DE PESQUISAS

E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

1954 — 1955

RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

SUMÁRIO

Sugestões para o desenvolvimento de atividades nos Jardins de Infância — *Gilka N. Fontoura e Eloah Brodt Ribeiro* 7

CURSOS:

Curso Intensivo de Preparação Pedagógica para Professôres a serem contratados pelo Estado 49
Curso Intensivo de Português, para Professôres das Escolas Normais do Estado 49
Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico para Professôres de classes de 1.º ano 50
Curso Intensivo de Educação Pré-Primária 50
Cursos para Recreacionistas de Colônias de Férias 54
Estágios dos Orientadores das III, XII, XIII, XV Regiões Escolares de Professôres das X e XII Regiões Escolares.... 63
Missões Pedagógicas 64

COMUNICADOS:

I — de 1954

1. Organização das classes nos Grupos Escolares do Estado - *Lahidy Zapp e Fanny D. Garcia* 71
2. Critério para verificação do rendimento da aprendizagem nas Escolas Normais do Estado — *Eloah Brodt Ribeiro*.. 77
2A. Sugestões para a participação consciente e orientada da criança na IV Festa Nacional do Trigo — *Ruth Ivoty Tôrres da Silva* 79
3. Dos tipos de questões para a verificação da aprendizagem nas Escolas Normais — *Yandir Martins Santos — Dalva Rosa Dupuy* 82
4. Estudos Sociais na Escola Primária — *Eddy Flores Cabral* 90
5. Estudos Naturais na Escola Primária — *Ruth Ivoty Tôrres da Silva* 98

6. Excursões Escolares — *Yandir Martins Santos* 106
7. Métodos e Processos de Ensino — *Sydia Sant'Ana Bopp* 110
8. A Técnica de Pesquisa — *Edela Lanzer Pereira de Souza* 119
9. Sugestões para o ensino da Matemática nas classes de 1.º ano — *Sarah Rolla — Eloah B. Ribeiro — Margarida Sirângelo — Noely Sagebin — Maria Fernandes Oliveira* 123

II — de 1955

1. Sugestões para o ensino da Linguagem nas classes de 1.º ano — *Sara Rolla — Eloah B. Ribeiro — Sydia Sant' Ana Bopp — Jandira Cardia Szechir — Cecy C. Thofehrn — Lahidy Zapp* 136
2. Campanha contra a tuberculose — *Glacira Amaral Barros — Ruth Ivoty Tôrres da Silva* 145
3. Plano de atividades para as Comemorações do Decênio da Organização das Nações Unidas — *Eddy Flores Cabral* .. 150

O F Í C I O S:

Ofício nº 328, de 16.8.54 159
Ofício-circular n.º 340 de 18.11.55 161
Ofício-circular n.º 483 de 2.12.54 163
Ofício-circular n.º 343 de 21.11.55 165
Ofício-circular n.º 262 de 9.9.55 168

D I V E R S O S:

Exercícios indicados de acôrdo com as falhas verificadas nos Testes A B C 173
Programa de atividades para as classes de adaptação ao 1.º ano da Escola Primária — *Gilka N. Fontoura* 179
Instruções relativas ao Decreto n.º 4898, de 13.3.56 que regula o Ensino Religioso nas Escolas Oficiais do Estado 183
Semana da Criança 186

A P R E C I A Ç Ã O D E L I V R O S:

Ficha de análise de cartilhas 192
Julgamento de livros de leitura 194
Apreciação de livros informativos 196
Avaliação de livros informativos 197

SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES NO JARDIM DE INFÂNCIA

Professôras Gilka Niederauer Fontoura e Eloah Brodt Ribeiro,
técnicos em educação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais.

DAS FINALIDADES DA EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

A educação pré-primária, de alta significação no processo de desenvolvimento total do educando, destina-se a favorecer, atentas as possibilidades de cada criança, a formação de hábitos e atitudes, a aquisição de habilidades, o enriquecimento de experiências e conseqüentemente da linguagem, a socialização do pré-escolar, em suma, todos os aspectos que interessam a personalidade integral.

Estas finalidades serão atingidas se a jardineira, partindo do conhecimento da evolução psicológica da criança, souber ajustar o processo educativo às características individuais, procurando fortalecer as boas tendências, estimular interêsses sadios e substituir formas de conduta inconvenientes ou inadequadas à idade.

O mínimo a alcançar no Jardim de Infância, consubstanciado nestas Sugestões, enquadra-se no plano educativo geral, que, iniciado de forma intencional, mas informal, nas instituições pré-primárias, se desenvolve, nos períodos subseqüentes, em perfeita harmonia com os fins educacionais; a maneira de atingir êsse mínimo e graduar-lhe o desenvolvimento condiciona-se às possibilidades de cada criança podendo algumas alcançá-lo mais ràpidamente do que outras.

DA ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A) DIRETRIZES GERAIS

A orientação educativa deve fundamentar-se no aproveitamento das tendências naturais da criança compatíveis com os fins educacionais, respeitando a atividade lúdica indispensável ao desenvolvimento infantil.

Correndo, pulando, brincando, monologando, manipulando objetos, rabiscando sôbre o papel, está a criança, com estas atividades espontâneas, enriquecendo suas experiências, adquirindo noções de espaço, quantidade, consistência, forma, fixando palavras, controlando movimentos, exercitando habilidades.

E' necessário, pois, que a sala do Jardim não tenha o aspecto de sala de aula. Deverá ter o calor do lar, ser um ambiente acolhedor, sereno e alegre, permitindo que a natural atividade da criança tenha ali sua livre expansão. A esta expansão que a vida familiar em muitos casos reprime, por falta de espaço e meio adequado às atividades infantís, por exigências do trabalho ou bem estar dos adultos e, em outros, exagera, em virtude de uma falsa concepção de liberdade, por negligência, comodismo, desconhecimento da psicologia da criança e dos princípios educativos, o Jardim de Infância cria condições favoráveis, conciliando as manifestações espontâneas, no que diz respeito ao movimento e à linguagem, com a disciplina possível nesta fase.

Estudos relativos à evolução da psicologia infantil revelam que, em qualquer atividade manual, a criança, pela natural tendência de investigar, através de ensaios repetidos, descobre as propriedades do material e adquire a capacidade de manipulá-lo. Nesta fase inicial, a criança exerce a atividade ùnicamente pelo prazer que esta lhe causa. Não pode, pois, o professor contrariar a evolução natural da atividade infantíl; quando lhe entrega papel, lápis, barro ou areia, deixará ao pré-escolar a liberdade de usar o material como lhe agradar, aguardando, com paciência, que o educando controle seus movimentos e descubra por si mesmo as diversas formas de manejá-lo e de expressar suas idéias e seus pensamentos.

E' óbvio que a liberdade concedida à criança não vai a ponto de permitir a formação de hábitos inconvenientes, tais como a falta de respeito aos colegas, o uso inadequado do material, a desordem da sala de aula e outros.

Deve a jardineira levar o pré-escolar a perceber o prejuízo que para êle próprio e para o grupo resulta da maneira de agir de determinada forma.

Assim, se tôdas as crianças correm ao mesmo tempo para a porta da sala de aula na hora da saída para o recreio, na volta a educadora deverá reuní-las e fazer ver que não é possível sairem, de uma vez só, pela estreita porta da sala do Jardim. Compreendida a necessidade de ordem, combinará a educadora com as crianças sinais determinados para a formação de grupos e retirada dos pequenos.

A observância de uma ordem, depois de estabelecida pelo grupo, deverá ser controlada pela jardineira e pelas crianças; é evidente que uma regra aceita pelos pré-escolares, será observada com mais facilidade.

Também são muito comuns no Jardim de Infância os atritos entre crianças pela disputa de um objeto, pelo desejo de ter primazia em determinados brinquedos, pela não observância de ordens e regras.

Estas situações são, na maioria das vêzes, removidas, com muita facilidade pela jardineira, bastando que o educando tome consciência do prejuízo que sua atitude poderá causar a si próprio, a outrem ou ao grupo.

Exemplificando: Se duas crianças brigam, por causa de um objeto, bastará levá-las a compreender que, disputando-o ao mesmo tempo, nenhuma delas poderá usá-lo convenientemente, ao passo que se combinarem as duas dispor do mesmo, alternadamente, o proveito será recíproco.

Noutras situações, a criança se revolta pela incapacidade de satisfazer o que deseja, pois suas experiências e habilidades, muitas vêzes, ainda não estão em desenvolvimento paralelo com a evolução de interêsses.

Por conseguinte, nunca a jardineira exigirá da criança um trabalho para o qual não atingiu o nível de desenvolvimento necessário, porque, agindo de forma diversa, poderá causar-lhe um desgôsto resultante da impossibilidade de realizá-lo a contento, contribuir para uma atitude desfavorável ou negativa face ao trabalho ou cooperar para a formação de um sentimento de inferioridade.

Propiciam-se, dêste modo, atividades muito mais ricas em possibilidades educativas por não contrariarem os interêsses infantís e permitirem que a criança progrida de acôrdo com sua própria capacidade.

Pelo manuseio do material, a princípio sem plano nem objetivo, desenvolver-se-á a criança, passando, natural e gradualmente, desta fase inicial a outras nas quais representará idéias sem relação, até chegar àquela em que poderá apresentar figuras relacionadas num conjunto mais ou menos harmonioso.

A criança é muitas vêzes agressiva, recurso de que dispõe para impor sua vontade, forma de reação ao que lhe desagrada. Êste aspecto da conduta, envolvendo a educação da vontade, requer do educador muito tato, porque, recalcado, poderá conduzir a inibições, timidez, apatias e a outros estados para os quais a jardineira nunca poderá concorrer, mas, pelo contrário, prevenir.

Algumas vêzes a criança, quando impossibilitada de realizar seus planos de ação, apresenta reações de teimosia. Neste caso, o adulto não deverá

impor-lhe sua vontade; é preferível procurar contornar o problema, despertando-lhe outros interêsses.

Quanto às reações de mêdo, precisam ser evitadas, habituando-se a criança, aos poucos, às situações que a atemorizam, pela associação das causas que o produzem com impressões agradáveis.

E' sempre preferível mostrar aos pequenos os aspectos positivos dos fatos, fenômenos e coisas, não ressaltando os negativos ou aquêles que possam gerar estados de mêdo ou de inquietação.

E' normal o chôro, a raiva, até certo limite.

A raiva sobrevêm como conseqüência de uma frustração.

Crises de raiva, cólera e ciumes vão terminando com a idade, e, quando aumentam, é preciso investigar a causa.

As impressões recebidas neste período de desenvolvimento repercutem profundamente na personalidade do educando e são muitas vêzes responsáveis pelos desajustamentos e conflitos que tanto dificultam a ação educativa e a vida futura do pré-escolar.

Daí a necessidade que tem a jardineira de conhecer muito bem a psicologia infantil e os fatôres desfavoráveis que atuam sôbre sua formação. Só assim poderá ajustar seu trabalho à maneira de ser de cada um, atenuar as falhas da educação familiar, favorecendo o ajustamento emocional da criança e substituindo as impressões desfavoráveis por outras mais consentâneas com os fins educacionais.

A modificação da forma de conduta deve ser resultante de situações anteriormente vividas, onde as dificuldades foram solucionadas por uma forma aceita pelos educandos, e constituída, por êsse motivo, em regra a ser observada sempre que surja de novo aquela situação.

Caberá à jardineira desenvolver a capacidade de observação para que o pré-escolar forme imagens mais objetivas e precisas.

Deverá a educação processar-se em tôrno dos grandes centros de irradiação que o rodeiam e exercem influência decisiva na sua vida: o lar, a escola e a comunidade.

Valoriza-se o conhecimento, que decorre das atividades, como meio, não como fim, pois a finalidade do Jardim de Infância não é instruir, mas educar o pré-escolar, predispondo-o favoràvelmente e dotando-o do equipamento necessário à aprendizagem, ao ingressar na escola primária.

Para que se consigam as finalidades propostas, deverá a jardineira ajustar a obra educativa aos interêsses da criança, partindo de atividades que

lhe causam prazer. Estas devem ser exercidas em situação vital, dentro de um clima afetivo favorável e de um sentido social.

Exemplificando: Enfiar contas ou outros objetos constitui prática indicada para desenvolver a coordenação viso-motora do educando. Êsse objetivo, entretanto, deve ser atingido através de uma situação significativa para a criança, como a confecção de pulseiras e colares para bonecas, de guirlandas ou outros ornamentos para festas e dramatizações.

Ao orientar as atividades, procurará a jardineira recorrer a várias formas de concretização e associações diversas, facilitando, dêsse modo, a aquisição das experiências, a fixação dos conhecimentos e o desenvolvimento de hábitos e habilidades.

A satisfação da curiosidade infantil e o exercício da atividade lúdica constituem recursos muito indicados para o enriquecimento das experiências do pré-escolar.

O propósito educacional deverá estar sempre presente na jardineira, orientando-a sôbre a melhor forma de executar o jôgo para que se alcancem, a par do prazer que causa ao pré-escolar, os objetivos visados.

Um jôgo contribui sempre para desenvolver a criança, mas o interêsse da escola converge no sentido de conferir à atividade lúdica todos os valores educativos que ela pode proporcionar, evitando o desequilíbrio que o jôgo livre, sem orientação alguma, pode causar no psiquismo infantil, pela demasiada exaltação de certas emoções e sentimentos em prejuízo de outros desejáveis.

Atendendo à idade dos pequenos, procurará o educador estabelecer uma graduação nos jogos, iniciando pelos de caráter mais individual até chegar àqueles que requerem atitudes e hábitos socializados.

Nestas "Sugestões", as atividades não se acham agrupadas por períodos.

Atendendo à evolução psicológica da criança, procurará a jardineira selecioná-las distribuindo-as aos grupos de educandos de acôrdo com as possibilidades das crianças que os constituem (maturidade, desenvolvimento mental, experiências, etc.).

B) DIRETRIZES ESPECIAIS

I) LINGUAGEM

Uma das finalidades do Jardim de Infância é enriquecer as experiências do pré-escolar, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua linguagem e de seu pensamento.

Muitas oportunidades se oferecem à jardineira nesse sentido: respondendo a perguntas formuladas pelas crianças, conversando sôbre fatos de sua vida quotidiana e assuntos de seu interêsse, oportunizando a observação diária de gravuras, objetos ou situações que lhe despertem a curiosidade, proporcionando a realização de pequenas excursões, dramatizações e jogos, promovendo a participação em adivinhações e diálogos, narrando histórias, estará a jardineira contribuindo, consideràvelmente, através de vivências próprias da idade, para enriquecer e corrigir o vocabulário infantil e desenvolverá a linguagem, em geral.

As situações devem ser escolhidas entre as que mantenham vivo o interêsse dos educandos, por satisfazerem à sua curiosidade, à necessidade lúdica e às atividades características dessa fase de seu desenvolvimento.

No lar, na escola, na natureza, no ambiente social em que a criança vive, encontrará a jardineira ricos motivos para as conversas.

Atendendo às características do pré-escolar, do ponto de vista linguístico, a jardineira dirigir-se-á aos educandos em linguagem simples e sugestiva, apresentando as sentenças em ordem direta, usando vocábulos cujo sentido a criança já domine ou possa adquiri-lo, no momento, através de experiências sensoriais.

As crianças, ao ingressar no Jardim de Infância, aos 4 anos de idade, manifestam, ainda, reações peculiares à fase mágica da linguagem, atribuindo vida aos objetos.

Estas manifestações de animismo próprias do estádio de desenvolvimento em que se encontra o pré-escolar, não devem ser censuradas, nem reprimidas pelo educador, o qual deverá assumir, nestas situações, uma atitude neutra.

"A imaginação da criança dá aos seus brinquedos movimento e vida. Fala e pensa para se divertir".

Vai aos poucos distinguindo a ficção da realidade, desenvolvendo seu pensamento e sua linguagem.

Nenhum conhecimento sistematizado de leitura ou de escrita deve ser ministrado no Jardim de Infância.

Procurar-se-á, entretanto, manter e desenvolver neste período uma atitude favorável à aprendizagem dêsses aspectos da linguagem, por meio da escrita simulada, com caracteres de imprensa, de pequenos bilhetes a colegas ou pessoas da família, cópia do nome próprio da criança e, ocasionalmente, de plantas, animais ou objetos que lhe estejam, no momento, despertando o interêsse, de símbolos numéricos significativos, do reconhecimento, pela

imagem visual, dêstes nomes, símbolos ou de pequenos títulos.

Recomenda-se, outrossim, a leitura, também simulada, de pequenas frases que se apresentam algumas vêzes abaixo de uma gravura observada pelo pré-escolar, respeitando-se a espontaneidade da criança na interpretação do que vê, o que pode levá-la a não exprimir, fielmente, o que na realidade se lê no texto; cuidará a educadora ùnicamente de que a criança empregue os vocábulos adequados ao que observa.

Exemplificando: Abaixo de uma gravura está escrito: "Zuzu, o coelhinho travesso, está comendo uma fôlha de alface". A criança diz: "O coelhinho está comendo uma fruta". A jardineira terá de orientar, então, o educando sôbre a realidade a observar.

Com relação à escrita, deve condicionar-se a grafia às possibilidades da criança.

A linguagem, em pleno desenvolvimento nesse período, requer uma vigilância constante da jardineira que procurará observar, evitar e corrigir, sem tolher a espontaneidade infantil, defeitos comumente apresentados pelas crianças.

Quando êstes provêm de incorreções de linguagem ou vícios de pronúncia das pessoas com as quais convive o pré-escolar, a prática oportuna e intencional de exercícios adequados, (canções, reprodução de rimas, quadrinhas, frases, etc.) que incluam as dificuldades a serem vencidas, constitui meio eficaz de evitar e corrigir as deficiências de linguagem observadas.

A intensidade da prática nesse caso condicionar-se-á às necessidades individuais.

Sendo a causa fatôres de ordem emocional, sensorial ou outros, procurará a educadora, em colaboração com a família e o médico, criar condições favoráveis ao tratamento individual.

A) HISTÓRIAS

Concomitamente com o enriquecimento de experiências e o desenvolvimento da linguagem, as histórias deverão produzir na alma infantil emoções de alegria e beleza, proporcionando-lhe momentos de prazer e contentamento.

Para que se alcancem êstes objetivos, a seleção das histórias tem de atender aos seguintes princípios:

a) ajustar-se aos interêsses da idade;

b) satisfazer do ponto de vista artístico;

c) despertar na criança, pelos fatos que encerra, sentimentos sadios de alegria, otimismo, confiança, bondade, evitando-se as histórias que atemorizem ou ponham em evidência aspectos dolorosos ou tristes da vida;

d) adaptar-se, pelo conteúdo e pela forma, ao grau de compreensão do pré-escolar;

e) apresentar, de modo implícito, conceitos morais e valores educativos em geral;

f) conter poucos fatos, incisivos, cujas relações estejam ao alcance da criança.

Nessa idade são interessantes as histórias reais, relacionadas, de preferência, com o lar, a escola e a vida de animais. São ainda indicadas nesse período, dentro dos vários tipos mencionados, as histórias acumulativas.

Devem ser narradas com clareza, vivacidade e entusiasmo pela jardineira que poderá salientar certas passagens, recorrendo a meios adequados: batendo palmas, reproduzindo sons onomatopaicos, cantando, fazendo gestos imitativos, usando exclamações.

"Evitar-se-ão nas histórias as interrupções, as observações que dispersem a atenção, afastando o pensamento do enrêdo".

Do mesmo modo se cuidará de que a história contada pelo educando não seja interrompida. Deve-se deixar para o momento oportuno a retificação de qualquer fato, pormenores, expressões, vocábulos, tendo o máximo cuidado em não constranger ou inibir o pré-escolar.

O local e a maneira de dispor as crianças têm grande influência para a apreciação dos valores educacionais que a história proporciona; as crianças devem estar sentadas cômodamente, em cadeirinhas, ou em esteiras, em tôrno da Jardineira.

B) GRAVURAS

As gravuras constituem valioso material para enriquecer experiências, concretizar idéias, ilustrar situações vitais e desenvolver o senso estético.

Aconselha-se também o uso de gravuras que reproduzam atitudes ou hábitos que desejamos formar no pré-escolar.

Não poderá, pois, o Jardim de Infância prescindir de uma coleção de gravuras.

Recomendam-se as seguintes:

a) Gravuras destinadas à concretização; são as que apresentam objetos, plantas, animais, fenômenos, etc.;

b) Gravuras destinadas à enumeração; devem apresentar riqueza e variedade de elementos que possam ser enumerados pelo pré-escolar;

c) Gravuras destinadas à ilustração de pequenos contos; devem apresentar sòmente os fatos essenciais da história.

Quanto à seleção das gravuras, a jardineira terá em vista, além da finalidade a que se destinam, serem interessantes, de côres alegres e sugestivas, adequadas às experiências e ao nível de maturidade das crianças.

C) POESIAS

O sentimento do belo manifesta-se muito cedo na criança. Cabe à jardineira estimulá-lo e desenvolvê-lo.

Através da ornamentação simples, mas estética, da sala do Jardim, da beleza refletida nas histórias contadas, nas gravuras, nos motivos musicais, nas poesias acessíveis e artísticas, enfim em tudo que rodeia a criança, poderá a jardineira atingir êsse objetivo.

O tipo de poesia que mais se ajusta ao Jardim de Infância é a quadrinha, sôbre assunto da experiência infantil.

A jardineira deve memorizar prèviamente as quadrinhas a serem apresentadas para que não percam em naturalidade e aspecto artístico.

No Jardim de Infância a poesia e a música acham-se ìntimamente ligadas. Com que prazer vemos crianças entoarem espontâneamente quadrinhas com melodias, às vêzes, criadas por elas mesmas ou ensinadas pelo educador!

NORMAS A SEREM OBSERVADAS NO DESENVOLVIMENTO DE OUTROS TIPOS DE ATIVIDADES QUE CONCORREM PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM

A) EXCURSÕES

As excursões enriquecem as experiências, revigoram e alegram as crianças, socializando-as e desenvolvendo-lhes a capacidade de observação e de linguagem.

E' necessário que o educador conheça as peculiaridades do lugar a ser visitado e o que pode oferecer de interessante.

Para que sejam educativas, os pequenos e a jardineira conversarão prèviamente sôbre a excursão a ser efetivada e os meios necessários à sua realização.

Ter-se-á, ainda, em vista a formação de hábitos gerais e dos condizentes com a situação.

As experiências adquiridas poderão ser verificadas por meio de palestras, desenhos, construções, etc., atividades essas que oferecem à jardineira oportunidade para maior desenvolvimento do pré-escolar, quer quanto a noções exatas sôbre os fatos observados, quer quanto a hábitos e habilidades relacionados com os mesmos.

B) DRAMATIZAÇÕES

A dramatização é das atividades que mais empolgam a criança.

Através de exercícios imitativos de sêres e fenômenos, de sons onomatopaicos e de várias atividades, como: quadros vivos, teatro infantil e outras, a criança satisfaz sua curiosidade, o desejo de imitação, a necessidade de viver situações reais e algumas vêzes fantásticas.

C) PROJEÇÕES

A projeção de gravuras e fotografias, material êsse conseguido com a colaboração das crianças, de pais e professôres, constitui ótimo recurso para desenvolver a capacidade de atenção e observação pré-escolar, interessando-o, sobremodo, pelo cunho de novidade que envolve e oferecendo à jardineira oportunidade de orientar, no sentido educativo, as exclamações, comentários e atitudes infantis durante as projeções apresentadas.

D) FOTOGRAFIAS

Uma boa coleção de fotografias auxilia a aquisição de novas experiências, levando a criança a adquirir conhecimentos que por outro meio, muitas vêzes, não é possível. Permite, ainda, a observação e o estudo de aspectos novos ou pouco comuns.

O educador poderá solicitar a cooperação dos pais, das crianças e de casas comerciais, para enriquecer o álbum do Jardim.

Em excursões, passeios, representações, a jardineira poderá tirar algumas fotografias para assim documentar e fixar aspectos significativos da atividade infantil.

E) EXPOSIÇÕES

Pode existir, num dos cantos da sala do Jardim, o "Cantinho das Novidades", onde são apresentados e renovados, periòdicamente, objetos que interessam os alunos, tais como: tipos regionais, produtos, miniaturas de meios de transporte, instrumentos usados em algumas profissões, vestimentas, construções, álbuns contendo fotografias ou trabalhos realizados pelas crianças.

A exposição durará enquanto houver interêsse por parte dos alunos.

F) BIBLIOTECA

A biblioteca do Jardim poderá constar de livros de gravuras sôbre aspectos diversos e de álbuns variados contendo fotografias, páginas de revistas selecionadas, figuras compostas pelas crianças, acompanhadas de legendas curtas com a finalidade de despertar o gôsto e o interêsse pela leitura, o que é aconselhável, sobretudo, no 3.° período.

Na biblioteca encontrará a criança, muitas vêzes, sugestões para as atividades de desenho, trabalhos manuais e outras.

Poderão ser colocados, na biblioteca, álbuns confeccionados pelas crianças, individualmente ou em colaboração, relativos a vários assuntos, como: tipos humanos, alimentação, higiene, cenas familiares, vida nos campos e na praia, animais, flores, frutas, brinquedos, côres, retalhos de fazenda, retratos dos educandos, silhuetas, meios de transporte e outros.

Na biblioteca terão, ainda, os pré-escolares oportunidade de desenvolver, entre outros, certos hábitos e atitudes desejáveis, como:

sentir prazer em ver figuras, interessando-se pelo que elas representam;

ter cuidados especiais com os livros, para conservá-los;
compreender que os símbolos escritos têm significação;
saber tirar o livro e colocá-lo no mesmo lugar;
propiciar aos colegas a apreciação, em conjunto, dos livros manuseados;
ceder os livros a outros, quando solicitados.

G) TEATRO INFANTIL

O teatro infantil exerce grande influência nos educandos, sob o ponto de vista intelectual, social, emocional e artístico.

No Jardim de Infância a criança poderá ser espectador ou tomar parte ativa na representação; no segundo caso, cresce a significação desta atividade, pois entram em jôgo tôdas as aptidões artísticas e habilidades manuais dos pequenos.

Repertório — As peças deverão ser simples, movimentadas, com desfechos lógicos e agradáveis, não excedendo de 20 minutos o tempo de duração. Nestas peças deverão ser evitados os monólogos, sendo recomendados os diálogos curtos e vivos.

Sempre que possível, as representações serão acompanhadas de música, preferindo-se a prosa ritmada ao verso.

O ambiente em que se desenvolve a peça deverá ser relacionado com o assunto, mas discreto a fim de não distrair a atenção do espectador.

Recomenda-se, neste período, o teatro de fantoches, de marionetes, de sombra, sempre que possível com a participação do educando.

II) INICIAÇÃO MATEMÁTICA

Várias atividades de Jardim de Infância significativas para a criança facilitarão, mais tarde, a aprendizagem da Matemática na escola primária, levando o pré-escolar a adquirir, oportuna e informalmente, por meio de observação direta e manipulação de material variado e interessante, certas noções que se apresentam, a seguir, agrupadas:

Tamanho e quantidade — Poderão as crianças medir e comparar o tamanho de colegas, cadeiras, mesas, brinquedos, encher e esvaziar recipientes, reconhecer grupos de objetos, adquirindo, dêsse modo, noções relativas à grandeza e quantidade, como: grande, pequeno, pouco, muito, maior que, menor que, cheio, vazio, etc.

Forma — Realizando brinquedos e manuseando objetos de várias formas, a criança familiarizar-se-á com os têrmos: redondo, quadrado, oval.

Tempo — Através de certos têrmos empregados, como "anda depressa", "vai devagar", os pequenos adquirirão conhecimentos relativos ao tempo. Compreenderão, também, que existem horas determinadas para certas atividades, relacionando o relógio com o horário e familiarizando-se com as expressões: hora de, tarde, cedo, rápido, lento.

Pêso e Medida — Pela pesagem de objetos com a mão, pela justaposição e pelo enquadramento de blocos de madeira, pelo emprêgo do palmo, do lápis ou da régua, adquirirão os educandos habilidades relativas à maneira de medir.

Espaço e Distância — Poderá a jardineira levar as crianças a observar que necessitam de um espaço para construir a casa da boneca, para trabalhar na mesa, que há uma distância entre a escola e a casa, que precisam de certo tempo para chegar da casa ao Jardim, que há, portanto, uma relação entre distância e tempo, espaço e número, conhecendo a significação dos têrmos: longe, muito longe, muito perto, uma quadra, vazio, cheio, aumentando.

Número — Pela contagem do material do Jardim, pela separação de objetos de 2 em 2, 3 em 3, 4 em 4, 5 em 5, a jardineira levará a criança a interessar-se pela contagem e a sentir prazer nesta atividade.

Contando o material do Jardim, alterando sequências, pela retirada de um ou de mais objetos de uma série de livros, objetos, juntando, retirando objetos de um conjunto, medindo, por justaposição e enquadramento de blocos de madeira, vendo quantas vêzes blocos menores cabem em maiores, formar-se-á a noção de número.

Convém aqui ressaltar o que já se disse no início dêste trabalho, isto é, que tôdas as atividades devem ser executadas em situação vital, dentro de um clima afetivo favorável e de uma significação social.

Material concreto e semi-concreto, variado e interessante, usado em experiências de classe, nas condições a que acima nos referimos, fornecerá a base perceptiva e lógica necessária à formação de conceitos numéricos significativos. Aprenderão, inicialmente, a distinguir, pela forma, grupos de dois, três, quatro, cinco, etc. objetos. Reconhecendo o grupo, passarão a contar os objetos que o constituem, a verificar quantas vêzes um grupo menor cabe no maior, um grupo contém outro, etc.

O reconhecimento pela forma, pela contagem e pela medida, em atividades informais e assistemáticas, levarão o educando à compreensão dos conceitos numéricos.

III) CONHECIMENTOS GERAIS

Por meio de representações concretas, poderão os educandos conhecer a significação de certos vocábulos ligados às ciências naturais e sociais e adquiridos, algumas vêzes, por audição.

Valendo-se de situações favoráveis, como observações realizadas na escola, excursões ou atividades extra-escolares, ou, ainda, de material apropriado, como o taboleiro, poderá o pré-escolar adquirir, de maneira informal e interessante, muitas noções como: acidentes geográficos mais comuns, (monte, ilha, lago, rio), aspectos da vida no campo, na cidade, na praia; transportes.

Festejando certas datas como Páscoa, Dia do Soldado, Natal, conhecendo seu significado, os pequenos aprenderão que o Páscoa, o Dia do Soldado, o Natal são dias de festa, que devem respeitar os símbolos religiosos e patrióticos, reconhecendo o Hino e a Bandeira Nacional.

Brincando no páteo, passeando por jardins, praças e pomares, descansando sob árvores, colecionando fôlhas, os pequenos poderão aprender o nome de algumas plantas, pelo aspecto geral que apresentam.

Aconselha-se, também, no Jardim a observação diária das plantas, realizada através do cultivo de flores em vasos, jardineiras ou pequenos canteiros.

Na própria sala do Jardim poderá a jardineira fazer germinar sementes (de milho, feijão, abóbora, aveia, arroz, etc.) na terra ou em algodão úmido.

Poderá também a jardineira levar os pequenos a conhecer uma semente, uma fôlha, um talo, uma raiz, uma flor; a observar as sementes, em terra e em água; a verificar que a planta necessita de luz, de sol e de água para viver; a cuidar as plantas e a regá-las; a arrumar flores e pequenos ramalhetes cuidadosa e artìsticamente.

Poderá, ainda, a jardineira narrar historietas sôbre plantas e apresentar gravuras sôbre o assunto.

Os pequenos colaborarão com os alunos do curso primário, auxiliando na rega de plantação, oferecendo esta atividade oportunidade para o desenvolvimento dos bons hábitos de cooperação, auxílio mútuo e outros.

Através de visitas a parques e museus, de gravuras, narrativas, projeções, da observação de animais em ambiente natural ou de animais trazidos,

por algum tempo, ao Jardim, tais como: canários, gatos, cachorrinhos, tartarugas, galinhas, levará a jardineira os pequenos a se isteressarem pela vida dos animais.

Poderão os educandos fazer experiências diversas, como:

a) passar a mão no corpo do animal, sentindo a diferença entre os de pena e os de pêlo;
b) cuidar animaizinhos;
c) observar o vôo de uma borboleta e de um pássaro, o movimento das formigas, o arrastar de um réptil, o chôco de galinhas, o ruminar de uma vaca e outras características de animais.

Os pequenos aprenderão a melhor maneira de agarrar os animais, a vencer o mêdo, a tocá-los sem lhes causar susto; observarão seus hábitos e sua utilidade; reconhecerão os sons que emitem, como se alimentam, como e onde dormem; habituar-se-ão a ter certos cuidados de higiene, depois de haverem tocado os animais; sentirão prazer em cuidar em casa animais domésticos.

Através da observação do nascer e pôr do sol, de experiências com sombras, com o calor do sol, os pequenos poderão concluir que o sol nos dá luz e calor, que os objetos secam mais fàcilmente ao sol que na sombra, que as plantas precisam de sol para crescer; que o sol brilha todos os dias e que produz o dia e a noite.

Pela observação das plantas nos dias chuvosos, os pequenos observarão que a chuva é água, que ela faz crescer as plantas, as flores e os frutos.

Por meio de atividades diárias, como beber água, tirar água do filtro, lavar as mãos ou a roupa da boneca, regar plantas, fazer flutuar pequenos botes de papel ou borracha, observar peixinhos em aquários, tartarugas em terrários, os pequenos compreenderão que a água é necessária, que devemos beber água todos os dias, que se lavam objetos com água, que certos materiais flutuam e outros vão ao fundo, que alguns animais vivem na água, que esta se congela, (através de experiências com a água exposta num dia ou noite de intenso frio).

IV) ATIVIDADES MANUAIS

Qualquer que seja o aspecto sob o qual se apresentam os Trabalhos Manuais — construção, tecelagem, recorte, modelagem — com aproveitamento de todo material disponível, inclusive o considerado de pouco valor,

estará a criança, ao realizá-lo, desenvolvendo, entre outras capacidades, a observação, a imaginação, exercitando a coordenação viso-motora e cultivando as tendências artísticas e hábitos úteis e sadios.

Procurará a jardineira estimular a atividade espontânea da criança. Para isso terá o cuidado de imprimir ordem às atividades, selecionando e preparando o material de que as crianças necessitarão e colocando-o à disposição destas para que o escolham e usem de acôrdo com seus interêsses momentâneos e suas possibilidades.

Considerando que tôdas as atividades da criança como o desenho, a modelagem, o recorte, passam por fases características de sua evolução psicológica, — interêsse pela própria manipulação, construção de formas definidas sem interrelação, apresentação de figuras relacionadas num único conjunto — deverá a jardineira valorizar o trabalho do pré-escolar, seja qual fôr a forma pela qual se apresente, sem chamar atenção do mesmo para as deficiências apresentadas.

A crítica direta do professor não levaria à correção das imperfeições, porquanto esta não depende do interêsse e da boa vontade do pré-escolar, mas se condiciona ao estádio de desenvolvimento em que êle se encontra.

A atitude que se recomenda à jardineira é a de levar o pré-escolar a observar os aspectos omitidos ou mal reproduzidos na construção.

A crítica não é aconselhável porque pode conduzir a um estado de inibição, tão prejudicial ao desenvolvimento da personalidade do educando.

Para os trabalhos manuais no Jardim de Infância existe grande quantidade e variedade de material.

Neste tipo de atividade podem ser aproveitados carretéis, caixas, contas, sementes, conchas, cascas, areia, argila, plastilina, massa de gesso, figuras e sólidos geométricos construídos em cartolina, papelão, madeira e outros.

Utilizando êsses objetos poderão os pequenos, através de justaposições, dobraduras, recortes, colagem e modelagem, realizar trabalhos de grande valor educativo, desde que se atendam aos interêsses infantis, se ponha em exercício sua atividade própria e sua capacidade de imitação.

Executando o trabalho, individualmente ou em grupo, sob a orientação da jardineira, em qualquer dos casos, habituar-se-á o pré-escolar a observar, comparar, decidir, planejar e executar, desenvolvendo-se intelectual e socialmente.

Através dos trabalhos manuais não só se formam hábitos de ordem,

asseio e outros como ainda se pode proporcionar, de maneira informal, noções relativas a tamanho, forma, posição, distância, côr, etc.

Deverão ser aceitos pelo professor os motivos escolhidos pela criança em suas atividades espontâneas; entretanto, quando êstes não surgirem espontâneamente ou quando houver por parte da turma um interêsse geral, já despertado, poderá o professor sugerir atividades como o preparo da Festa das Mães, da Festa de São João e outros.

A) MODELAGEM

Distribuindo, entre alunos, bolas de argila com a conveniente plasticidade, verificará a jardineira as possibilidades de cada criança. Enquanto uns, pela manipulação livre do material, vão descobrindo as propriedades dêste e coordenando seus movimentos sem a preocupação de produzir formas definidas, outros empregam sua atividade em modelar objetos ou animais, e, ainda, outros procurarão representar cenas completas.

Modelando, exercita o pré-escolar o sentido da vista e do tato, desenvolve sua percepção de formas e tamanhos, bem como da proporção dos objetos, e concretiza conhecimentos.

B) RECORTE, COLAGEM E DOBRADURA

As crianças que, ao ingressarem no Jardim, tiverem dificuldade em recortar, desenvolverão sua capacidade neste sentido através do exercício da própria atividade, coordenando, pouco a pouco, seus movimentos e familiarizando-se com o manejo da tesoura.

Recomenda-se, não só para que as crianças vençam as dificuldades iniciais, mas ainda para não exigir delas atividades para as quais não tenham ainda o desenvolvimento necessário, o recorte livre, pois, como as demais atividades, passa pelas três fases a que já nos referimos, ao tratar da modelagem.

Os alunos que já atingiram o desenvolvimento necessário para compor cenas com figuras relacionadas, aproveitarão seus recortes em composições, criadas por êles próprios, o que é sempre mais interessante, ou sugeridas, algumas vêzes, pelo professor.

O recorte dirigido só deverá ser proposto à criança quando necessário à realização de um plano prévio, com objetivo definido, tais como: lanternas para uma festa de São João, figuras para festa das Mães, bandeirinhas para o dia da Pátria.

Os motivos recortados pelas crianças serão depois colocados, pelos pequenos, ocasião em que a professôra terá oportunidade de formar certos hábitos de ordem e asseio, relacionados com a atividade.

Com os recortes realizados poderão, ainda, ser feitas dobraduras muito simples pelos alunos que apresentam maior desenvolvimento.

C) CONSTRUÇÃO

Outro tipo de atividade que muito interessa as crianças, neste período, são as construções realizadas com material de várias espécies: blocos de madeira leve, de formas geométricas e dimensões diversas, papelão, cartolina, carretéis, caixinhas vazias, rôlhas, cascas de vegetais e outros.

Com êste material poderão ser construídos mòveizinhos simples para bonecas, bonequinhas, animais, flores, frutos, casas, escadas, pirâmides.

Esta atividade, além do prazer que proporciona à criança, permite, ainda, concretizar certas imagens que, algumas vêzes, não se acham claras no espírito infantil e que se formaram, assim, imprecisas, em virtude de uma descrição não objetivada ou de uma observação não bem dirigida.

D) OUTRAS OCUPAÇÕES

Além das já mencionadas, outras ocupações poderão surgir no Jardim de Infância em atividades complementares e ocasionais, tendo em vista determinada finalidade, tais como: trançado, perfuração, enfiadas, tecelagem e outras.

V) DESENHO E PINTURA

O desenho não só revela os interêsses infantis e certos estados afetivos, mas ainda permite apreciar a habilidade manual e o desenvolvimento mental do pré-escolar.

Ao iniciar o Jardim de Infância, as crianças se encontram na fase da "rabiscação", (rabiscam sem fim em vista); depois vem a fase em que apresentam "figuras desconexas", (cada uma das figuras tem um significado para a criança que não é capaz de relacioná-las num conjunto harmonioso), passam depois para outra fase, quando são capazes de relacionar figuras e representar uma cena.

As crianças devem desenhar livremente sempre que o desejarem.

Cuidará a jardineira de que indicações e correções não venham prejudicar a manifestação natural e espontânea, procurando respeitar e valo-

rizar o que o pré-escolar exprimir através de desenho, mesmo que a apresentação implique em rabiscos incompreensíveis.

Não se exclui, entretanto, a orientação da jardineira no sentido de desenvolver, no pré-escolar, a capacidade de observação de côres, formas e proporções.

O desenho deverá ser sempre espontâneo ou interpretativo de pequenas frases, canções, historietas, cenas, sonhos e outros motivos.

E' recomendado o uso do lápis de côr, pincéis e guache.

A criança deverá executar seus primeiros desenhos no plano vertical, na pedra ou em papel adaptado a cavaletes, e, à medida que se fôr desenvolvendo, poderá passar a desenhar sôbre a mesinha de trabalho, sendo, entretanto, aconselhado conservar, simultâneamente, o uso de cavaletes.

Dever-se-á associar, sempre que oportuno, o desenho a outras atividades. Assim como a narração de uma historieta ou uma canção se prestam para serem interpretadas, através do desenho, do mesmo modo o desenho infantil poderá motivar aquelas atividades ou a execução de um trabalho manual relacionado.

VI) MÚSICA E CANTO

E' de grande importância a música no Jardim de Infância, pois favorece a aquisição de bons hábitos, de conhecimentos úteis, desenvolve habilidades específicas, despertando, ao mesmo tempo, preferências, interêsses e atitudes sociais.

A música contribui também para despertar o gôsto pelas realizações artísticas, aprimorando a sensibilidade auditiva musical, bem como o sentimento do som e do rítmo.

Como exercício higiênico, regulariza a respiração, melhorando a dicção.

A música e o canto proporcionam aos educandos horas de alegria e valiosas experiências, motivam interessantes atividades e a prática de hábitos sociais.

Na orientação das atividades musicais deverá o professor escolher músicas de acôrdo com os interêsses infantis, procurando conduzir a criança de modo a que cante com afinação, rítmo, atitude correta, respiração natural.

Depois de conhecer as canções aprendidas pelas crianças, no lar ou no meio em que vivem, procurará a jardineira despertar o interêsse infantil com rimas maternais e pequenas canções adequadas, quanto à letra e à música, à idade do pré-escolar a fim de que êste passe a constituir seu reper-

tório, substituindo as impróprias e desprovidas de valor educativo que possam despertar vivências afetivas precoces.

O educando deverá conhecer o canto que vai entoar, compreender o sentido geral da letra e a significação de cada palavra, separadamente, decorrendo daí a entonação e o colorido.

Considerando a natural tendência da criança para o brinquedo, poderá a jardineira aproveitá-la, apresentando seu trabalho através de historietas, fazendo com que os educandos acompanhem com gestos as canções que estão entoando, e executando os movimentos que a letra e a música sugerem.

Constituem, ainda, motivos para a aprendizagem de canções, as dramatizações, os bailados, números de banda rítmica, o aniversário de educandos, as festas pátrias e outros.

E' necessário que as canções, no que se refere à parte musical, se situem dentro da extensão da voz do pré-escolar, ou seja: Mi 3 — Dó 4. Excepcionalmente poderão estar situadas na extensão aguda: Dó 4 — Mi 4 ou extensão grave: Dó 3 — Mi 3.

Apreciação Musical

Aos poucos poderá o educador ir conduzindo os pequenos à apreciação musical, fazendo com que digam se gostam ou não da música que estão ouvindo, se preferem êste ou aquêle trecho executado, se a música que estão ouvindo é triste ou alegre, se desperta vontade de repousar, dormir, marchar ou correr, se está perto ou longe.

Bandas Rítmicas

Para iniciação rítmica, nada mais aconselhável do que a organização de bandas infantis, pois a banda aumenta a sensibilidade ao rítmo, bem como responde à tendência lúdica e à necessidade de movimento, oferecendo oportunidade aos pequenos executantes de sentirem os efeitos do conjunto musical e avaliarem as possibilidades do esfôrço conjugado.

A banda infantil desenvolve também o poder de atenção e dos sentidos: o ouvido, ao perceberem o trecho musical; os olhos, ao observarem a batuta; as mãos, ao realizarem os gestos necessários à execução dos diferentes instrumentos.

O repertório de cada banda rítmica deverá constituir-se de músicas curtas, melodia continuada, rítmo marcado, fácil memorização, a princípio

com compasso binário, por ser mais acessível, passando, depois, ao compasso quaternário, e, por fim, ao ternário.

As bandinhas rítmicas poderão ser acompanhadas de solo de piano, de melodia por vitrola, ou de melodia a cargo dos próprios educandos, executada por solista em gaitas de sôpro ou foles, xilofones, marimbas, ou, ainda, cantada pela jardineira ou por uma das crianças.

Trabalhos prévios para organização de uma banda

Quando a professôra desejar organizar uma banda, recomenda-se, como primeira iniciativa, exercitar os pequenos em rítmo e som através de:

1.º — *Movimentos rítmicos variados como:*

a) Palmas espontâneas;
b) Palmas ajustadas, marcando os tempos do compasso;
c) Palmas, acentuando os tempos fortes em músicas de rítmo bem marcado;
d) Marchas simples e com evoluções; poderá a jardineira modificar, de surpresa, o andamento, bem como fazer acentuar os tempos fortes, evitando o exagêro para não alterar a expressão musical e cuidando que as crianças marchem com naturalidade, como se caminhassem;
e) Movimentos rítmicos e imitativos vários, como por exemplo, de balanço do vôo dos pássaros, sempre acompanhando o sentido da letra.

2.º — *Exercícios de Som:*

Procurará a jardineira, através de exercícios apropriados, levar a criança a diferençar sons graves e sons agudos.

Aprendizagem dos Instrumentos

A aprendizagem dos instrumentos será realizada da seguinte maneira: em primeiro lugar, a apresentação dos instrumentos, permitindo que as crianças observem; em seguida, a demonstração de seu manejo, conduzindo à aprendizagem de cada instrumento.

O ensino far-se-á por imitação; a Jardineira maneja o instrumento, dando a explicação em conjunto; logo após cada criança do grupo praticará. A educadora observará as condições de cada um e dará explicações individuais, a fim de escolher os mais aptos para a Banda, embora todos os pequenos devam ter oportunidade tanto de marcar o compasso como de manejar os instrumentos.

Conviria que cada criança tivesse um instrumento em suas mãos; não sendo possível, o trabalho se processará por equipe, enquanto uma exercita, as outras observam.

Como organizar uma banda rítmica

Poderá a Jardineira fazer uso do seguinte gráfico, ideado pelo professor Carâmbula, para classificar o ouvido das crianças.

Exemplo:

Nome do aluno:

Meses:	março,	abril,	maio,	junho,	agôsto
	M	R	R	R	B

M: mau; R: regular; B: bom; MB: muito bom.

Os pertencentes aos grupos B e MB serão os escolhidos para formarem as bandas. Os outros deverão ser treinados mediante jogos musicais, com a associação, muitas vêzes, do desenho.

Para ensaiar a banda deve a jardineira

a) tocar ao piano música fácil, curta e em rítmo binário;
b) pedir que notem os tempos fortes e fracos;
c) pedir que, em conjunto, batam palmas fortes e fracas;
d) separar a turma em dois grupos, A e B;
e) tocar e pedir que o grupo A bata sòzinho as palmas fortes;
f) tocar e pedir que o grupo B bata sòzinho as palmas fracas;
g) tocar e fazer com que os dois grupos batam juntos as palmas fortes e fracas;
h) apresentar um a um os instrumentos, percutindo-os e pedindo que as crianças digam se são de som forte ou fraco. Separar os instrumentos em dois grupos, A e B;
i) distribuir os instrumentos A para o grupo A e B para o grupo B;
j) ensaiar o grupo A com a música e instrumentos;
l) ensaiar o grupo B com a música e instrumentos;
m) ensaiar os dois grupos juntos;
n) agrupar os instrumentos do mesmo tipo;
o) a jardineira ensaiará bem a música e depois suspenderá os ensaios por alguns dias.

Após ensaiará de novo como se fôsse música nova. Depois de repetir esta técnica por três vêzes poderá apresentar em público os pequenos músicos.

Disposição dos pequenos

Apresentamos, abaixo, uma boa maneira de dispor as crianças que fazem parte da banda:

Grupos de menos de dez crianças, em volta ao piano;

Grupos de mais de dez crianças, em duas ou três filas concêntricas;

Na fila da frente: os triângulos e tamborins;

Na segunda fila: os guizos e instrumentos de madeira;

Na terceira fila: os zímbalos e tambores.

VII) RECREAÇÃO e JOGOS

A recreação e os jogos, além de favorecer o desenvolvimento físico do pré-escolar, estimula o desenvolvimento de bons hábitos sociais, de cooperação, iniciativa, solidariedade, disciplina, obediência, ordem, contrôle dos impulsos e outros.

Enquanto o pré-escolar joga, canta, maneja um instrumento, ouve histórias, dramatiza, tem oportunidade de apreciar e cultivar o rítmo, de reconhecer e reproduzir sons musicais e de educar o ouvido.

A duração das atividades de recreação e jogos no Jardim de Infância não deverá exceder de 20 minutos, compreendendo evoluções, jogos ou atividades rítmicas, marchas com canto.

O cuidado e a observação da jardineira deverão ser tais que a criança, ao regressar às outras atividades, deseje reiniciá-las, encontrando-se em melhores condições que quando as deixou.

Assim, as atividades rítmicas ou os jogos não deverão ultrapassar de três com intensidade variada, sendo os *ativos* aplicados em primeiro lugar, passando em seguida para os *moderados* e finalmente para os *calmos*.

A jardineira deverá planejar seu trabalho com flexibilidade, levando em consideração o desenvolvimento físico, mental e social dos pequenos e o local onde vai se desenvolver.

Deverá, também, cuidar que o programa seja variado, providenciar que as crianças participem alegremente das atividades e atender, sempre que possível, às sugestões apresentadas pelos educandos, intervindo, apenas, nos casos em que os conflitos surgidos não forem resolvidos pelos pequenos.

No Jardim de Infância não são indicados os jogos de eliminação e os de competição de partidos, pois a criança nesta idade é individualista, com pouca compreensão do ponto de vista alheio; interessa-se pelo convívio

social sòmente quando satisfaz seus interêsses, não podendo compreender seu afastamento da atividade.

Deve-se dar maior atenção à atividade espontânea do que à dirigida, porque aquela é mais consentânea com as características mentais e sociais da criança neste estádio de desenvolvimento.

Como atividades espontâneas temos os brinquedos, exercícios imitativos, jogos e dramatizações de livre iniciativa do pré-escolar.

A atividade dirigida compreende: as evoluções, os jogos, as atividades rítmicas, as dramatizações orientadas pela jardineira.

Nas atividades dirigidas não se deve tolher a liberdade de interpretação das crianças.

FORMAÇÃO DE HÁBITOS

No desenvolvimento das atividades do Jardim de Infância deverá o educador, pela prática contínua exercida em situações do agrado da criança, formar e desenvolver hábitos, atitudes e habilidades adequados à sua idade. Para isso deverá cercar "a criança de um ambiente agradável, todo de tranqüilidade e otimismo, que não incentive a cólera, o mêdo, o isolamento e o egoismo; ao contrário, tudo envidando para despertar a iniciativa, a confiança, a alegria, a obediência e o amor aos pais e às pessoas de seu meio".

Entre os hábitos a serem adquiridos pelo pré-escolar, em situações por êles vividas, incluem-se:

1) *Quanto à higiene:*

Banhar-se todos os dias; escovar os dentes diàriamente; pentear-se e escovar a cabeça; lavar as mãos antes das refeições e sempre que fôr necessário; usar o lenço; limpar e escovar os sapatos; conservar a roupa o mais limpa possível.

2) *Quanto à ordem e economia:*

Colocar as coisas de seu uso e o material didático nos lugares próprios; zelar pela conservação do vestuário, do material didático, do mobiliário e da sala do Jardim; não desperdiçar material; atender a sinais convencionais: para silêncio, formação de filas, entrada e saída do Jardim; manter a sala de aula em ordem, e as coisas nos respectivos lugares.

3) *Quanto à disciplina:*

Freqüentar com regularidade o Jardim, preocupando-se em obedecer o horário; ter relativo contrôle; obedecer quando necessário; saber movimentar-se sem ruído.

4) *Quanto à sociabilidade:*

Cumprimentar a jardineira e os companheiros; falar com moderação, clareza, sem gritar, nem excitar-se; sentar-se convenientemente; responder a perguntas formuladas pelo educador e pelos amiguinhos e participar de palestras curtas sôbre fatos da vida quotidiana e assuntos ligados às demais atividades do Jardim; saber ouvir.

Demonstrar respeito aos pais, professôres, pessoas idosas, colegas. Conhecer o limite da liberdade; manter atitude de respeito diante dos símbolos pátrios e ao ouvir o Hino Nacional.

5) *Quanto à segurança:*

Ter cuidado ao usar aparelhos como gangorras, balanços, dispensando o auxílio da professôra; ter cuidado em subir e descer escadas; ser cuidadoso com os veículos na rua, conhecendo os sinais de tráfego.

Além dos hábitos acima enumerados, outros poderão ser formados nas situações que propiciam, de modo específico, sua aquisição.

Apresentamos, abaixo, algumas dessas situações:

a) *Na hora da merenda*

Lavar e enxugar as mãos, procurando conservá-las limpas; preparar o cantinho da merenda, dispondo convenientemente as coisas; saber arrumar a mesa; saber sentar-se à mesa; esperar a vez de ser servido; levar o alimento à bôca naturalmente e em quantidade conveniente; utilizar os talheres e a louça sòmente para o fim a que se destinam; beber e comer sem ruído; conservar a roupa, a toalha e o chão limpos; saber usar o guardanapo; mastigar bem os alimentos; servir a mesa; tirar os objetos da mesa; enxugar a louça; sacudir e dobrar os guardanapos e a toalha; guardar os objetos nos lugares próprios.

b) *Nos passeios e excursões*

Não largar papéis e outros objetos nas ruas e calçadas; não pisar nos canteiros; não arrancar flores dos jardins; ceder o lugar a senhoras e pessoas de idade; obedecer aos sinais dos guardas, encarregados do trânsito; zelar pela conservação das coisas encontradas e alheias.

c) *Nos auditórios*

Ouvir, em silêncio, os números executados; saber aplaudir e agradecer os aplausos recebidos.

UNIDADES

Muitas das atividades recomendadas nestas "Sugestões" devem ser exercidas no desenvolvimento de unidades, facilitando-se, pelo maior número de associações, a aquisição das experiências.

Apresentamos, a seguir, algumas unidades que, de acôrdo com os interêsses infantís, poderão, entre outras, ser vividas pelos educandos no Jardim de Infância.

Ao sugeri-las, não incluimos tôdas as atividades que as mesmas comportam; a jardineira, com a sua capacidade criadora, poderá não só acrescentar muitas outras, mas substituir ou adaptá-las de acôrdo com as condições do meio, experiências das crianças, material de que dispõe e as solicitações do momento.

1) *A Casa da Boneca*

Atividades que podem ser desenvolvidas durante a construção da casa da boneca: dobradura, recorte, colagem, perfuração, tecelagem, modelagem, construção, etc.

Desenho da casa.

Identificação da casa (n.° —— nome da boneca).

Vestuário da boneca.

Cuidados especiais com a roupa: lavar, secar, passar a ferro, dobrar, guardar.

Vestuário mais apropriado às diversas estações do ano, aos dias de chuva, à freqüência ao Jardim, aos passeios, etc.

2) *O Jardim da Casa da Boneca*

Visita a um Jardim, para observação.

Construção do Jardim sôbre o taboleiro de areia; reconhecimento dos vários canteiros, quanto às dimensões (maior, menor) e quanto às plantas (rosas, violetas, etc.).

Ornamentação de vasos: revestimento.

Plantio de flores nos mesmos.

A plantinha de cada criança. Nome da criança. Nome da planta. Cuidados com as plantas. Nome das plantas cultivadas.

3) *Uma festa de aniversário*

Quadrinhas, canções, acompanhamento rítmico, com instrumentos de percussão, ginástica rítmica, pequenas frases de saudação, ditas ou entoadas.

Preparo de diversas lembrancinhas, empregando desenho, pintura, modelagem, tecelagem, dobradura, recorte, etc.

Arrumação da mesa de aniversário: disposição da toalha, de pratinhos, talheres, guardanapos, chícaras, copos, ornamentos, etc.

O bôlo de aniversário. Côr e número de velinhas. O apagar das velas.

Oferecimento aos convidados. Distribuição de lembrancinhas.

Arrumação dos objetos utilizados nos lugares convenientes.

4) *Um dia em casa*

Auxílio à mamãe.

Realização de pequenos afazeres domésticos acessíveis às crianças, utilizando material adequado à sua idade e a seu desenvolvimento: varrer, arrumar a cama da boneca, tirar o pó, lavar a louça, enxugar, guardar, pôr a mesa, etc.

5) *Estações do ano*

Observação dos aspectos característicos das estações do ano.

Verão — Tempo muito quente, dias claros, ensolarados, céu azul, estrelado.

Vida na praia e na serra.

Representação, no taboleiro, de aspectos próprios da praia e da serra.

Os pássaros. Observação de ninhos.

Coleção de tecidos apropriados a essa estação do ano.

Recortes de gravuras que apresentem paisagens e cenas comuns a essa estação.

Objetos de uso no verão: leques, geladeiras, ventiladores.

Canções.

Inverno — Chuva, cerração. Geada. Ventos.

Desenhos e recortes de cenas hibernais.

Vestuário de uma criança num dia de inverno.

Coleção de tecidos apropriados a essa estação do ano.

Recortes e gravuras.

Observação de gravuras. Enumeração dos elementos integrantes das mesmas.

Objetos de uso no inverno: estufa, aquecedor, lareira.

Canções.

Primavera e Outono — Temperatura agradável.

Estações das flores e dos frutos.

A colheita dos frutos. Exercícios imitativos.

A colheita de flores. Exercícios imitativos.

Recorte de plantas, flores e frutos.

Desenho, pintura, aquarela de plantas, flores e frutos.

Coleção de flores e fôlhas.

Recortes e gravuras.

Enfiadas, confecção de guirlandas para ornamentação.

Canções e bailados sôbre motivos relacionados com essas estações.

6) *O Carteiro*

Escrita de uma cartinha ao colega ausente. Ilustração.

Confecção do envelope: recorte, colagem, enderêço, sêlo.

A caixa da correspondência. Colocação da cartinha na caixa.

Dramatização da função do carteiro.

7) *O Sapateiro*

Exercícios imitativos do trabalho do sapateiro. Canto. Partes do calçado: sola, salto, botão, fivela, cordão de amarrar. Tipos de calçado: chinelas, sandálias, botinhas, galochas, tamancos, sapatos.

O aproveitamento de acôrdo com os dias, as horas, as ocasiões.

Enfiar cordões, trançar, abotoar, amarrar e escovar os sapatos.

Maneiras de andar: na ponta dos pés, levemente, pausadamente; exercícios imitativos.

8) *O Aviador*

A passagem do avião ou o reconhecimento de um avião em uma gravura.

Dramatização, pelos pequenos, do ruído e do movimento do avião.

As asas do avião. O pilôto. Uniforme.

Os brinquedos: avião, auto, carrocinha, carreta, cavalinho, trem, vapor, bonde.

A loja de brinquedos num dos cantos da sala do Jardim.

9) *O Guarda*

Excursão para observação do guarda no seu pôsto. A guarita. Reconhecimento do uniforme. As sinaleiras, significação dos sinais conforme as côres. Movimento do guarda.

Brinquedo: Reconstituição, no páteo da escola, de situações de trânsito: andar pela direita, parar, conforme o sinal. (Uma das crianças será o guarda e dará os sinais; as outras guiarão os veículos, atendendo aos sinais convencionais.

10) *O Circo*

Chegada do circo ao bairro da escola.

Armação de um circo no taboleiro de areia.

Animais. Nomes e identificação de certos animais, cujo conhecimento seja possível e de abrigos apropriados às diversas espécies.

Os animais amigos do homem e os animais ferozes.

Gravuras; palestras relacionadas.

Tratamento dispensado aos diferentes animais.

Recorte de figuras. Modelagem. Desenhos. Pintura. Exercícios imitativos. Bordado. Alinhavos. Canções relacionadas. Marchas de imitação.

11) *O Jardim de Infância e a localidade*

Passeio pelo bairro para as crianças situarem a Escola e a sala do Jardim de Infância. Representação, no taboleiro de areia, da sala do Jardim.

As ruas principais do bairro. A praça, a igreja, a feira, as lojas, os armazéns, o cinema e as principais construções.

Características principais do bairro.

Principais atividades locais.

Desenhos, aquarelas.

Pequenas dramatizações relacionadas com o assunto.

12) *Dia das Mães*

Preparo da festa para o Dia das Mães.

Palestras: os cuidados e o carinho maternos.

Canções e quadrinhas relacionadas com a data.

Confecção de lembrancinhas para serem ofertadas às mães nesse dia.

Flores, confecções de ramalhetes.

A recepção às mães. Tarefas confiadas aos vários grupos.

13) *Festa de São João*

Chegada do inverno. Dia de São João. Organização da Festa de São João em que os pequenos tomam parte.

Os fogos. A fogueira. Os alimentos usados na festa de São João.

Pequenas canções relacionadas com a data.

Confecção de enfeites adequados à data.

A gaita. Trajes típicos. Apresentação do teatro de fantoches.

Atitude nas festas, com relação aos convidados e colegas.

14) *A Feira*

Visita a uma feira, se houver no bairro.

Organização de uma pequena feira num cantinho da sala do jardim.

As verduras, as diversas espécies de frutas. As mercadorias existentes. Disposição nas prateleiras. Construção de tendas.

Os vendedores. Os compradores. Dramatização de supostas compras.

Resolução de situações problemáticas muito simples.

UM DIA NO JARDIM DE INFÂNCIA

Apresentamos, a seguir, atividades que devem ser desenvolvidas no Jardim de Infância, procurando a Jardineira ajustá-las às necessidades das crianças. O horário do Jardim de Infância requer flexibilidade, apesar de

certas atividades terem de ser realizadas diàriamente, em determinadas horas, como merenda, práticas de higiene, sociabilidade e repouso.

A entrada das crianças — Desenvolvimento de hábitos de cortezia: cumprimentos à Jardineira, coleguinhas e outras pessoas da escola.

Disposição de peças do vestuário e do material trazido pelas crianças em lugares adequados. Prática de hábitos de asseio e ordem; cuidados especiais com o vestuário, sapatos, etc.

Atividades livres — Cada criança ou grupo de crianças escolherá seu trabalho; a Jardineira orientará, dando o material desejado. Poderá ser construção com blocos, modelagem, desenho, pintura, observação de gravuras e outras que não perturbem o trabalho individual ou do grupo.

Atividades dirigidas — Desenvolvimento de unidades que envolvam palestras, narração de histórias, observação e descrição de gravuras, dramatizações, poesias, música, exercícios imitativos, jogos, conhecimentos gerais.

Preparo para a merenda — Lavagem das mãos. Cuidados higiênicos. Formação de bons hábitos relacionados com a hora das refeições.

Repouso — As crianças poderão deitar as cabeças sôbre a mesa ou descansar em esteiras.

Recreio.

Trabalhos Manuais — dobraduras, recortes, contas para enfiar, modelagem, construções e outros.

Desenho espontâneo.

Jogos.

Atividades ao ar livre — jardinagem, observação da natureza.

Arranjo para saída — Cada criança guardará seu material e a roupa no vestiário.

MOBILIÁRIO PARA O JARDIM DE INFÂNCIA

O mobiliário no Jardim de Infância será sóbrio, de tamanho adequado à idade do pré-escolar, pintado de côres claras, alegres, resistente, lavável, a fim de facilitar a limpeza, leve, para que a própria criança possa movimentá-lo, não necessitando, a todo momento, de auxílio dos maiores.

Sem prescindir do fator estético, deve reunir, em lugares especiais, o material necessário às atividades diárias do Jardim.

Como mobiliário poderá cada Jardim de Infância possuir:

a) o *vestiário,* constituído de pequenas divisões à altura das crianças;

b) o *armário da merenda,* onde, em pequenos escaninhos individuais, se guardam os copos, pratinhos, talheres, guardanapos e demais utensílios de cada um;

c) *armários destinados a guardar o material.* (Êstes deverão ser baixos, ao alcance da criança e pouco profundos, com número suficiente de escaninhos e com a comodidade necessária para desenvolver nos pequenos a idéia de ordem).

d) *mesas* com as dimensões de 1 m × 1 m e de 0,50 m × 1 m, com cantos arredondados.

e) *cadeiras,* simples e leves, proporcionais às mesas, com cantos arredondados e com borracha nos pés, para amortecer o ruído.

f) *mobiliário destinado ao repouso:* cadeirinhas preguiçosas, esteiras, rêdes, poltronas, etc.

g) *estantes para material didático,* reunido por espécie: blocos para construções, contas, jogos de paciência, pirâmides, cubos coloridos, bonecas, mobílias, pertences da boneca, carrinhos e outros brinquedos, papel colorido e de várias qualidades, gravuras, etc.

h) *cavaletes para pintura e desenho,* com os utensílios necessários a essa atividade, tendo à disposição das crianças lápis coloridos, tintas de várias côres e qualidades.

i) *o canto dos livros,* formado de gravuras, histórias mudas, livrinhos ilustrados.

j) *a caixa do material de limpeza da sala e instrumentos agrários,* como vassouras, panos de pó, espanadores, ancinhos, garfos de jardim, enxadinhas, regadores, pás, baldes, etc.

l) *taboleiro de areia*

m) *quadros negros*

n) *material para brinquedos ao ar livre:* escorregadores, balanços, gangorras e outros.

MATERIAL PARA O JARDIM DE INFÂNCIA

O material de Jardim de Infância deverá ser sugestivo, variado, durável e responder aos requisitos de arte e comodidade, agradando as crianças e não exigindo delas esforços visuais e musculares.

São aconselháveis no Jardim de Infância:

Jogos e Brinquedos:

blocos para armar;
brinquedos de encaixe;
bastões de côr;
pirâmides de madeira;
taboleiro de areia;
fôrmas, baldes, colheres, bonecos de madeira e de borracha, para brinquedos na areia;
massa plástica, depósito de argila, fôrmas;
jogos de paciência;
cubos coloridos;
bonecas, mobílias e utensílios domésticos;
carrinhos diversos, velocípedes, patinetes;
bolas;
cordas;
arcos;
caixa de costura com agulhas, dedais, tesouras (com pontas arredondadas), linhas, retalhos de fazenda;
fios e fibras diversas, brancos e coloridos;

papel colorido de várias qualidades — de sêda, crepon, brilhante, couché e outros;
gravuras; livros de gravuras (em cartão grosso ou pano);
livros de histórias.

Instrumentos de Carpintaria:

banco;
martelo;
plaina;
serrote; (serra tico-tico);
verruma;
chave de parafuso;
lima;
lixa; (fina e grossa);
madeira;
pregos de tamanhos diferentes;
alicate;
furador.

Instrumentos para pintura e desenho:

cavalete;
lápis de côr;
tintas de várias côres e qualidades;
pincéis;
fôlhas de papel de diversos tamanhos e qualidades;

Material para a Casa da Boneca:

mesas, cadeiras, vasos, roupas de mesa, de cama;
louça (deve-se evitar comprar coisas pequenas demais e quebráveis);
panelas, talheres;
bonecas; (25 ou 30 cm.);
carrinho de boneca;
cama (70 cm. × 20 cm. × 40 cm.);
telefone;

fogão (45 cm. alt. × 20 cm. larg.);
armário para a louça;
armário ou mala para a roupa.

Material para Atividades Domésticas:

material para limpeza: vassoura, pás, panos de móveis;
material para lavar: sabão, grampos de roupa;
material para engomar: tábua, ferrinho.

Aparelhos para Jogos e Recreação:

balanços;
gangorras;
argolas;
trapézios;
deslizador;
trepa-trepa;
arcos de arame ou de madeira para rolar;
carros para empurrar;
bolas;
pneus.

Material Científico:

vidros e caixas para experiências;
brinquedos de corda;
brinquedo elétrico;
iman;
aquário;
terrarium;
barômetro;
lentes;
espelhos;
globo.

RELAÇÃO DE MATERIAL USADO QUE PODE SER APROVEITADO NAS ATIVIDADES DAS CRIANÇAS DE JARDIM DE INFÂNCIA

O material, que abaixo se relaciona, poderá ser útil, depois de convenientemente preparado pelo professor, (lixado, aplainado, lavado, pintado, lustrado ou adaptado) em certas atividades a serem desenvolvidas pelas crianças, como contagem, trabalhos manuais, uso de instrumentos de percussão e outras.

caixas de: sapatos, injeções, fósforos, clips, cigarros, charutos, chapéus, meias, camisas, pasta de dentes;
latas de: banha, leite condensado, azeite, aveia, talco;
caixotes de: giz, doces, maçãs;
vidros de diversos tamanhos;
carretéis de linha, fita de máquina de escrever;
esparadrapo, sacos diversos;
cascas de côco, ovos, nozes, amendoim;
cascas de várias espécies;
sementes;
galhos de plantas;
pratos de alumínio, papelão, matéria plástica;
cascas de siri;
penas de aves;
cabos de vassoura;
conchinhas;
jornais;
serragem;
botões;
bambu;
paus de picolé;
revistas;
tampas;
serpentinas carnavalescas;
maravalha (fita de serragem);
cordão de sapato.

Relação de Instrumentos de Música:

piano;
vitrola;
coleção de discos;
campainhas e guizos;
cornetas;
pandeiros;
chocalhos;
lixas;
marimba;
tamborins (nunca devem ser de estanho);
triângulos, varas com guizos;
varas rítmicas torneadas; címbalos ou pratos;
castanholas, guizos de trenó;
castanholas montadas em suporte de madeira;
tambores e varinhas de madeira;
guizos de pulso presos em pulseira de couro;
blocos de areia; bigornas e martelo;
gongos e baquetas; tam-tans;
carrilhões; campainhas de bronze;
chocalhos; marimbas;
gaitas de sôpro de vários sons; gaitas de foles;
jungle-bells (discos de fôlha como os de pandeiro presos em suporte de madeira);
tone — bloks; trombetas;
apitos cordoniz (para chamar perdiz).

RELAÇÃO DE MATERIAL INDIVIDUAL

avental branco; chapéu de abas largas (palha);
sacola; toalha da mão;
lenço; guardanapo;
copo para água; prato;
talher; chícara;
pratinho; sabonete e saboneteira;
escôvas de dentes e porta escôvas; pasta de dentes;
esteira; bloco — borrão;

lápis prêto; caixa de lápis de côr;
tesoura com ponta redonda; goma arábica;
borracha; revistas.
Todo o material deverá ser marcado com o nome da criança.

BIBLIOGRAFIA

Charlotte Bühler — Infância e Juventude.
C. Bühler — El Dessarollo Psicológico del Niño.
Claparède — Psicologia da Criança.
A. I. Gates — Psicologia.
Guillaume — A Formação de Hábitos.
C. Bühler — Hetzer — Tests para la primera infância.
O. Klermm — Psicologia pedagógica.
Adler — Guiando el niño.
Dr. Oshea — Como educar meu filho.
Dr. W. Stekel — Educação dos pais.
F. W. Foester — Para formar o caráter.
Kergomard e Brès — Guia Prático de Pedagogia Experimental.
Madeleine Faure — El Jardin de Infantes.
Tula Muniz — El Jardin de Infantes de la Argentina.
Theobaldo Miranda Santos — O Jardim de Infância.
Elvira Vasquez Gamboa — Jardines de Infantes.
P. Smith Hill e outros — Programa de Actividades de los Jardines de Infantes.
Programa do Distrito Federal — Vida e Educação no Jardim de Infância.
Heloiza Marinho — A linguagem do Pré-Escolar.
Celina Nina — Um século de Jardim de Infância.
M. Audemars y L. Lafendel — La Casa de los Niños — (Le Maison de Petits)
Lola Mira Lopez e Armida M. Homar — Educação Pré-Escolar.
C. G. Rezzano — Los Jardines de Infantes.
Ethel Kawin — La Selección de Juguetes.
Felix Klein — Mon filleul au "Jardin d'Enfants".
Winifred E. Bain — Escolas Maternais e Jardins de Infância nos Estados Unidos.
Carmen Guimarães Gill — Orientação do Trabalho no Jardim de Infância.

Georges Rouma — El Lenguage Gráfico del Niño.
Silvio Rabelo — Psicologia do Desenho Infantil.
Anísio Teixeira — Educação Progressiva.
Kieffer — The child and you.
Wills, C. D. and Stegman, W. H. — Livin in the Kindergarten — Chicago.
Foster, J. C. and Headley, N. E. — Education in the Kindergarten — New York American Book Comp.
Gans, R., Stendler — Teaching young Children — New York, Word Book Comp.
Heffernan, Helen — Guiding and young child — Boston, D. C.
Gesell — The first five years of live.
Skinner e Harriman — Child Psychology.
Wilhelm Stekel — Cartas a una Madre.
Dr. Decroly e Mlle. Monchamp — Iniciação à atividade intelectual e motora pelos jogos educativos.
Maria Montessori — Ideas Generales sobre mi método.
Dr. Manuel Alcaine — Preparando la Lectura.
Nicanor Miranda — Jogos motores para crianças de 4 a 6 anos.
Nicanor Miranda — Vícios e defeitos na fala das crianças dos Parques Infantis de São Paulo.
Aristides Ricardo — Como educar as crianças.
Nina Caro — Jogos, Passatempos e Habilidades.
Pedro de Almeida Moura — Brinquedos para os dias de Folga.
Win, Ralfh — Enciclopédia de educación infantil. Agôsto de 1953.

CURSOS

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSÔRES DE NÍVEL PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E NORMAL

Continuou o C.P.O.E., neste biênio, realizando cursos intensivos de extensão e aperfeiçoamento para professôres de nível Pré-primário, Primário, Secundário e Normal do Estado, com a finalidade de oferecer ao magistério riograndense possibilidades de atualização da cultura geral e pedagógica.

I — CURSO INTENSIVO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

para elementos a serem contratados pelo Estado, a fim de preencherem vagas de professor primário, em escolas de difícil provimento.

O curso, iniciado em 17 de maio de 1954, prolongou-se até 10 de julho do mesmo ano e foi freqüentado por 180 candidatos.

Com um currículo de 13 disciplinas, foram desenvolvidos programas de: Didática Geral, Didática da Matemática, da Linguagem, de Estudos Sociais e Naturais, Fundamentos Sociais da Educação, Psicologia, Português, Matemática, Administração Escolar, Canto Orfeônico, Recreação e Jogos, Desenho e Artes Aplicadas.

Ministraram essas disciplinas, respectivamente, os seguintes técnicos em educação e orientadoras do C.P.O.E. e professôres: Sydia Sant'Anna Bopp, Noelly Sagebin, Lia Campos, Jaira Luterotti Santos, Suely Tavares da Silva, Emília Flores, Eleutéria Büell, Genny Marques Reis e Noemy Paradeda, Margarida Souza Sirangelo, Julia Souza Lobo del Rio, Hugo Muxfeldt e Leda Alves Morais. Coordenação: Prof.ª Suely Tavares da Silva.

II — CURSO SÔBRE "FATÔRES EMOCIONAIS NA SITUAÇÃO PEDAGÓGICA"

Realizou-se, de 22 a 24 de outubro de 1954, um Curso sôbre "Fatôres Emocionais na Literatura Pedagógica", com 6 sessões de estudo dirigidas

brilhantemente pelo Dr. Pedro de Figueiredo Ferreira, do Ministério de Educação e Cultura.

Assistiram a êste Curso mais de 300 professôres da Capital.

III — CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PEDAGÓGICO PARA PROFESSÔRES DE CLASSES DE I.º ANO

Iniciou-se em maio de 1955, sendo os trabalhos interrompidos nos períodos de férias regulamentares dos professôres primários.

Deverão ser reiniciados os trabalhos em março de 1956.

O curso em aprêço despertou grande interêsse entre o magistério da capital, tendo a matrícula atingido a 107 professôres.

Foram especialmente tratados, no primeiro período do curso, assuntos relativos à Didática da Linguagem, da Matemática, dos Estudos Sociais e Naturais, Instituições Auxiliares da Escola, Psicologia da Criança, sempre no que se refere ao trabalho em classes de 1.º ano.

Colaboraram nesta parte dos trabalhos os seguintes técnicos em educação e orientadores do C.P.O.E.: Sydia Sant'Anna Bopp, Suely Aveline, Margarida S. Sirângelo, Eddy Flores Cabral, Ruth Ivoty Tôrres da Silva, Antonietta Barone e Itália Faraco.

A coordenação geral dos trabalhos foi feita pela prof.ª Yandir Martins Santos, técnico em educação.

As sessões de estudos foram bi-semanais e a freqüência às mesmas demonstrou o interêsse entre as professôras-alunas.

Em março do próximo ano, serão abordados outros aspectos significativos do trabalho nessas classes, como: Religião, Música, Recreação e Jogos, Desenho e Artes Aplicadas.

IV — CURSO INTENSIVO DE PORTUGUÊS, PARA PROFESSÔRES DAS ESCOLAS NORMAIS DO ESTADO

Realizou-se êste Curso, de 22 a 30 de setembro de 1955, coordenado pela prof.ª Yandir Martins Santos, técnico em Educação do C.P.O.E.

As sessões de estudo foram dirigidas pelo professor catedrático da Faculdade de Filosofia Albino de Bem Veiga, especialmente convidado, e pelos técnicos em educação do C.P.O.E. Edela L. P. de Souza, Dorothy Cauduro Fossatti, Glacira Amaral Barros e Dalva da Rosa Dupuy.

Prestaram, ainda, valiosa colaboração ao trabalho as professôras Maria P. Guimarães, Adelina Tochetto e Jessy P. de Lima, do Instituto de Educação.

A Superintendência do Ensino Normal proporcionou o comparecimento de 40 professôres das Escolas Normais do Estado que se detiveram, com grande interêsse, no estudo de problemas atinentes à matéria.

TEMÁRIO DO CURSO DE PORTUGUÊS

Prof. Albino de Bem Veiga.

I — Conceito de certo e errado em lingüística.

II — Colocação dos pronomes átonos.

III — Gramática. Sua concepção moderna. — Sua necessidade.

IV — Estrutura da frase. Sugestões para simplificação da nomenclatura da análise sintática.

Professôras Glacira Amaral Barros e Dalva da Rosa Dupuy.

I — *Linguagem oral:*

a) Atenção a ser dispensada aos objetivos do programa de Português no que se refere à linguagem oral, nas Escolas Normais;
b) Observações obtidas no trabalho docente relativamente a deficiências dos alunos;
c) Situações da vida escolar que podem favorecer a expressão oral;
d) Apreciação de situações de aprendizagem.

II — *Composição:*

a) Influência do meio social e cultural na expressão lingüística;
b) Aspectos da composição que permitem verificar o desenvolvimento da linguagem do educando;
c) Recursos de que se poderá valer o professor para levar a compor com espontaneidade;
d) Preparo da composição nos cursos normais;
e) Recursos de que se valerá o professor para obter expressão criadora.

III — *Planejamento:*

a) Necessidade de planejar as atividades escolares;
b) unidades de aprendizagem e suas características;
c) como planejar uma unidade de aprendizagem.

IV — *Provas de Verificação:*

a) Provas:
   1) diagnóstico;
   2) de avaliação.
b) Necessidade de terem as provas não só interpretação quantitativa, mas também qualitativa.
c) Medidas formais e informais.
d) Requisitos das questões.
e) Critério de avaliação.

Professôras Dorothy C. Fossatti e Edela L. P. de Souza.

Psicologia do adolescente

I — Escolas psicológicas e correlatas concepções de adolescência.

Adolescência como fase evolutiva da personalidade

II — Conteúdo dos anímicos inherentes à adolescência
   a) no que se refere ao próprio eu;
   b) no que se refere à interrelação com outrem;
   c) no que se refere aos ideais abstratos.

III — Características mais evidentes do comportamento do adolescente. A vida erótica e a sexualidade na adolescência.

TEMAS PARA DEBATES

I — Linguagem e vida intelectual.
II — Linguagem e vida afetiva.
III — O aspecto psico-social da Linguagem. — O Bilinguismo.
IV — Interêsses Literários do adolescente.

V — CURSO DE GEOGRAFIA PARA PROFESSÔRES DAS ESCOLAS NORMAIS REGIONAIS DO ESTADO

Realizou-se êste Curso de 7 a 20 de março de 1955 e foram especialmente convidados a dêle participarem os professôres de Geografia das Escolas Normais de I ciclo.

Atendendo às necessidades imediatas dos referidos professôres, teve o seguinte temário, desenvolvido pelo técnico em educação Eddy Flores Cabral:

I — Comentário e distribuição de uma bibliografia sôbre Metodologia dos Estudos Sociais.

II — Objetivos do ensino de Geografia no curso secundário no Brasil.

III — Metodologia: princípios metodológicos do ensino da Geografia.
O problema da motivação.
A fixação da aprendizagem.
A verificação da aprendizagem: como organizar provas mensais e finais de Geografia.

IV — As excursões escolares.
A excursão geográfica.

V — Material didático: material permanente e de consumo. Material coletivo e individual. Material que se adquire e que é feito pelo professor. Importância do uso de material escolar no ensino da Geografia.
Projeção: tipos de projeção mais úteis ao ensino de Geografia. Stereoscópio.

PARTE PRÁTICA:

Demonstração de projeção fixa (diafilmes e diapositivos).
Como usar o estereoscópio.
Como organizar o fichário de professor (de documentação, bibliográfico, de anotações suplementares, etc.).
Observação e manuseio de outros materiais relacionados com a Geografia.
Pela prof.ª Maria de Anunciação Bina Machado, do Instituto de Educação, especialmente convidada, foi abordado o seguinte tema:
Método de Pesquisa na Geografia.

MATERIAL DISTRIBUÍDO

1 — Bibliografias para os professôres.

2 — Comunicados:
Técnica da Pesquisa;
Excursões Escolares;
Tipos de questões para verificações escolares.

3 — Boletins do C.P.O.E.

VI — CURSO PARA RECREACIONISTAS DAS COLÔNIAS DE FÉRIAS DA S.E.F.A.E.

Por solicitação da Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional, realizou o C.P.O.E. dois cursos para recreacionistas de Colônias de Férias, nos seguintes períodos:

De 5/10 a 12/11/55 para professôres da capital;

de 21/11 a 12/12/55 para professôres do interior do Estado.

Prestaram colaboração a êsses cursos os professôres abaixo que desenvolveram os seguintes temas:

Prof. Daniel Alves de Oliveira — Preparo de Líderes.
Dr. Rubens Menna Barreto — Nutrição do Escolar.
Prof.ª Gelny Maria D. Luz — Administração de Colônias de Férias.
Prof. Hugo Muxfeldt — Jogos recreativos.
Prof.ª Eunice N. Zani — Valor recreativo da Música nas Colônias de Férias.
Prof.ª Antonietta Barone — Aspectos sociológicos, psicológicos e pedagógicos da recreação.
Prof.ª Quintina C. Paccini — Direção de atividade recreativa com música.
Prof.ª Flávia C. Ciaglia — Influência do meio no ajustamento psicológico da criança.
Prof.ª Glacira A. Barros — Filosofia da Educação.

O objetivo dêsses cursos foi oferecer aos assistentes sugestões para maior aproveitamento e melhor adaptação do escolar nas Colônias de Férias.

Na coordenação dos Cursos estiveram os professôres Yandir Martins Santos do C.P.O.E. e Hugo Muxfeldt da S.E.F.A.E.

VII — CURSO INTENSIVO DE TEATRO ESCOLAR em Uruguaiana — de 23 a 28/5/55.

A convite da Sr.ª Delegada da 10.ª Região Escolar, esteve em Uruguaiana, de 23 a 28/5/55, a prof.ª Antonietta Barone, técnico em educação, dêste Centro, a fim de encerrar o curso intensivo do teatro escolar, organizado por iniciativa daquela Delegacia, sob a orientação do C.P.O.E., e realizou uma série de palestras pedagógicas.

Foram as seguintes as atividades desempenhadas pela referida professôra:

I — Representar a direção do C.P.O.E. na solenidade de inauguração do G. E. "Gen. Osório", e em visita às seguintes escolas:

G. E. Rheingantz; G. E. Flores da Cunha; G. E. Romaguera Correa; Escolas Normais: Elisa Ferreira Vals, N S. do Hôrto e Instituto União.

II — *Palestras:*

1) Necessidade de permanente atualização do professor.
2) O papel dos jovens na preservação da vida democrática.
   Estas palestras foram realizadas nas visitas feitas, respectivamente, às escolas "Elisa Vals" e "Instituto União" para os professôres e alunos daqueles estabelecimentos.
3) Valores e objetivos do Teatro Escolar, realizada por ocasião do encerramento do Curso Intensivo do Teatro Escolar, na Delegacia de Ensino.

III — *Conferências:*

1) A escola como um centro social da comunidade — Organização socializada da escola.
2) A recreação como um problema social — Influência da Escola.
3) Importância dos círculos de Pais e Professôres.
4) A leitura como um importante elemento de recreação — A literatura infantil e juvenil.

Estas conferências foram de caráter público, sendo realizadas à tarde e à noite.

Contaram com uma assistência média de mais de 300 pessoas — autoridades, professôres, alunos e elementos da sociedade local.

VIII — CURSOS INTENSIVOS DE EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

A — Realizado em abril de 1955

Destinado ao aperfeiçoamento técnico-pedagógico de orientadores e professôres de Jardim de Infância da XII Região Escolar.

Êste curso foi ministrado pela prof.ª Gilka Niederauer Fontoura, sendo desenvolvido o seguinte programa de estudos:

O Jardim de Infância e sua atual orientação. Finalidades da Educação pré-primária (Período de formação de hábitos, atitudes, desenvolvimento de habilidades). Objetivos. Meios para alcançá-los.

Desenvolvimento social e emocional do pré-escolar.

Edifício e instalações. Equipamento e material didático para uso nas Escolas Maternais e Jardins de Infância. Ambiente. Decoração.

Distribuição das crianças. Trabalho em grupo. Horário e distribuição das diferentes atividades. Unidades do trabalho no Jardim de Infância.

As atividades no Jardim de Infância. Normas gerais a serem observadas no desenvolvimento das atividades. Características e necessidades do pré-escolar, seu desenvolvimento e suas experiências, contribuindo para o enriquecimento da vida da criança.

A linguagem no Jardim de Infância. Histórias. Gravuras. Poesias. Fotografias. Projeções. Exposições.
Outros tipos de atividades que concorrem para o enriquecimento das experiências da linguagem:

a) Excursões

b) Dramatizações.

Aritmética no Jardim de Infância.

Trabalhos Manuais:
Modelagem — Recorte — Colagem — Dobradura — Construções — Outras ocupações.

Desenho no Jardim de Infância.

Conhecimentos gerais.

Música, Recreação e Jogos no Jardim de Infância. — Bandinha Infantil.

Teatro Infantil — Finalidades.
Teatro de fantoches, de sombra.

Associação de Mães:
Objetivos — Local — Atividades — Freqüência.

B — Realizado em junho de 1955

Destinado ao aperfeiçoamento técnico-pedagógico de orientadores de educação primária, professôres de Jardim de Infância de Escolas Normais oficiais e particulares, bem como professôres de Jardins de Infância de Grupos Escolares das diferentes Regiões do Estado.

As aulas inaugural e final foram realizadas pela professôra Alda Cardozo Kremer, diretora dêste Centro. As sessões de estudo das diferentes disciplinas foram dirigidas pelas professôras:

1) Gilka Niederauer Fontoura — Direção das Atividades de Educação Pré-Primária
2) Antonietta Barone — Sociologia Educacional e Teatro Infantil
3) Edela Lanzer Pereira de Souza — Psicologia Evolutiva
4) Dorothy Cauduro Fossatti — Psicologia Experimental
5) Eunice Nielsen Zani — Educação Rítmica e Musical.

Coordenação do Curso — Professôra Gilka Niederauer Fontoura.

PROGRAMA DESENVOLVIDO

DIREÇÃO DAS ATIVIDADES NOS JARDINS DE INFÂNCIA

Professôra Gilka Niederauer Fontoura

1) Valor do Jardim de Infância.
   Objetivos.
2) Organização.
   Material e Equipamento.
3) Programa do Jardim de Infância.
   Um dia no Jardim de Infância.
4) Atividades espontâneas, dirigidas e semi-dirigidas:
   a) Dentro da sala.
   b) Fora da sala.
   Rotinas.
5) Os 4, 5, 6 anos.
   Desenvolvimento físico, intelectual, motor, social, emocional.
   Diferenças individuais.
6) A jardineira.
   Características pessoais.
   Preparo da jardineira.
   A jardineira na escola e na comunidade.

7) Clima social do Jardim de Infância.
Ambiente e nível de maturidade do grupo.
Recursos e organização do conhecimento.
Visitas no Jardim de Infância.
8) A linguagem no Jardim de Infância. Como desenvolvê-la. Recursos de que dispõe a Jardineira.
9) Como orientar a iniciação à Aritmética no Jardim de Infância.
10) Como pode o Jardim de Infância favorecer a saúde e o crescimento físico?
11) Os 6 anos. A prontidão da linguagem no Jardim de Infância. Exercícios especiais para êsse período de desenvolvimento: seguir direções, estabelecer relações, discriminação auditiva, discriminação visual, reconhecimento de relações, etc.
12) Atividades artísticas no Jardim de Infância. Desenho, Pintura, Modelagem, Recorte. Técnica de sua aplicação. Materiais usados.

SOCIOLOGIA EDUCACIONAL E TEATRO INFANTIL

Prof.ª Antonietta Barone

1) Fundamentos sociológicos da educação.
2) Importância das instituições escolares, seus objetivos e valores.
3) A literatura infantil.
4) Evolução dos interêsses literários.
5) Adaptação de histórias. A arte de contar histórias.
6) O teatro infantil.
7) Objetivos e valores do teatro escolar. Sua importância na educação pré-primária.
8) O teatro infantil como expressão da capacidade criadora.
9) Literatura e teatro.
10) O valor do teatro no desenvolvimento da linguagem oral.

EDUCAÇÃO MUSICAL E RÍTMICA

Professôra Eunice Nielsen Zani

Educação rítmica e musical no Jardim de Infância. Objetivos e finalidades. Apreciação musical.
Músicas apropriadas — Brinquedos cantados.
Criação musical.

A música em relação às diversas atividades do Jardim.
Bandinha rítmica. Exercícios rítmicos.
Confecção de instrumentos.
Música e dramatização.
Teatro de sombra — Características.
Máscaras. Escolha de peças. Adaptação de histórias.

PSICOLOGIA EVOLUTIVA

Prof.ª Edela Lanzer Pereira de Souza

Introdução e conceituação

— Psicologia do adulto, psicologia da criança e psicologia evolutiva.
— Psicologia descritiva e psicologia explicativa.

O desenvolvimento infantil

— Aspectos descritivos: Fases. Maturação. Habilidades.
— Aspectos dinâmicos: Interêsses. Integração. Problemas.

PSICOLOGIA EXPERIMENTAL — TÉCNICAS PSICOLÓGICAS

Prof.ª Dorothy Cauduro Fossatti

1 — Métodos de observação.
2 — Tipos e meios de observar: fichas de observação mais modernas; critério no preenchimento da ficha.
3 — O desenvolvimento psicológico infantil através do desenho.
4 — Desenho livre — apreciação.
5 — O teste da figura humana (F. Goodnough):
    a) aplicação;
    b) avaliação;
    c) interpretação.
6 — Testes não verbais aplicáveis no Jardim (Pintner e P. Weill).

REFERÊNCIAS PARA ESTUDO DA PERSONALIDADE DO PRÉ-ESCOLAR E DO ESCOLAR

Estas referências devem ser preenchidas (cuidadosamente) pela educadora ou pela assistente social com a colaboração dos pais e do médico. Informações adicionais, mais pormenorizadas, poderão acompanhá-las antes de realizar-se a entrevista com a criança, quando necessário.

Nome da criança: .....

Enderêço: ..... Tel.:.....

Nome da Escola:..... Cidade:.....

Nome da professôra: .....

	Nome	Data nascimento	Educação
Pai:	.....	.....	.....
Mãe:	.....	.....	.....
	Nacionalidade	**Filiação Religiosa**	**Ocupação**
Pai:	.....	.....	.....
Mãe:	.....	.....	.....
	Nomes irmãos	**Data nasc.**	**Ocupação**
Irmãs:	.....	.....	.....
	.....	.....	.....
	.....	.....	.....
Irmãos:	.....	.....	.....
	.....	.....	.....
	.....	.....	.....

Quem observou o comportamento irregular na criança: .....
.....
.....
.....

História do nascimento: .....
.....
.....

História da saúde: .....
.....
.....

Deficiência física: — olhos: .....

ouvidos: ..... paralisia: .....

Defeitos de linguagem escrita: .....

oral: .....

Outros defeitos físicos: .....

Uso da mão: direita..... esquerda.....

Testes aplicados (Goodnough, Pintner, Pierre Weil, etc.):

	Data	I. M.	Q. I.
Coletivo	.....	.....	.....

	Data	I. M.	Q. I.
Individual	.....	.....	.....

Escala Stanford Binet — Revisão Terman Merril:

Forma	Data	I. M.	Q. I.
.....	.....	.....	.....

Teste A.B.C. .....
.....
.....

Testes não previstos: .....
.....
.....

História do desenvolvimento — .....
.....
.....
.....

História da família — .....
.....
.....

Lar de adoção — .....
.....
.....

História social — .....
.....
.....

Características do comportamento diário da criança: .....
.....
.....
.....
.....

Características do comportamento da criança nas atividades espontâneas específicas ao jôgo, recreação e desenho: .....
.....
.....
.....
.....

ESTÁGIOS

I — *De orientadores*

No cumprimento de suas atribuições, entre elas a de prestar assistência técnico-pedagógica direta a professôres, diretores e orientadores, propiciou o C.P.O.E., neste biênio, estágios aos orientadores das III, XII, XIII e XV Regiões Escolares.

Os temários dêstes estágios, que giram em tôrno de assuntos diretamente ligados à orientação do ensino nas escolas primárias, têm sido os seguintes:

a) Finalidades da educação pré-primária.
   Orientação psicopedagógica das atividades nos Jardins de Infância.
b) Orientação do ensino da Linguagem no Curso Primário.
c) Orientação do ensino de Matemática.
d) Orientação do ensino dos Estudos Sociais e Naturais.
e) Importância das Instituições Escolares.
f) Valor da Educação Rural.
g) Provas e medidas educacionais.

Fazem ainda parte do programa dos estágios: visitas de observação às escolas e instituições desta capital.

A duração dêstes estágios tem sido de 8 a 15 dias de trabalho de caráter intensivo.

A orientação dos trabalhos está sempre a cargo dos técnicos em educação do C.P.O.E.

Ofereceu, ainda, o C. P. O. E. um estágio para os orientadores do ensino rural, que se realizou na última semana de agôsto de 1955.

Dêle participaram 13 orientadores das diversas regiões escolares que, reunidos, discutiram problemas gerais e específicos atinentes à orientação do ensino rural.

Dirigiram as sessões de estudos os técnicos em educação Ruth Ivoty T. da Silva, Fanny Garcia e Glacira Amaral Barros.

II — *De Professôres*

Recebe ainda o C.P.O.E., para estágios de estudos e observações, professôres e diretores de outros Estados do País. No biênio 54-55, estiveram estagiando professôres do interior do R.G. Sul e de Estados do Norte do Brasil, com a finalidade de apreciarem a estrutura e organização do Órgão, para aplicá-la, na medida do possível, em seus Estados.

MISSÕES PEDAGÓGICAS

Em 1954, enviou o C.P.O.E. Missões Pedagógicas às cidades de Livramento, Bagé, Pelotas, Uruguaiana e Osório e, em 1955, às cidades de Rio Grande, Santa Maria e Uruguaiana.

Tiveram as referidas missões por finalidade atender às solicitações das Delegacias Regionais de Ensino e também de entidades particulares e Diretorias de Ensino das Prefeituras.

Assistiu a essas missões o professorado dos municípios que as promoveram e dos arredores, tanto de nível primário, como secundário e normal, considerando que os temas abordados sempre interessam ao magistério em geral.

Ficaram assim constituídas as referidas Missões Pedagógicas.

ANO DE 1954

LIVRAMENTO — 2 a 7 de junho

N.º de sessões de estudo 15 — Freqüência: 300 professôres

Atendendo à solicitação da Prof.ª Ana Alvares de Araujo, diretora do G. E. "Gen. Netto", de Livramento, realizou-se naquela localidade Missão Pedagógica, como parte das comemorações relativas ao Jubileu de Prata da referida Escola.

Os trabalhos foram dirigidos por técnicos em educação e orientadores do C.P.O.E.

Temário

Fundamentos Sociológicos da Educação — Organização Socializada da Escola
Professôra Antonietta Barone.

Metodologia da Linguagem.
Professôra Sarah Rolla.

Metodologia da Matemática
Professôra Maria F. de Oliveira.

BAGE' — 22 a 29 de setembro

N.º de sessões de estudos: 17 — Freqüência: 200 professôres

Temário

I — Fundamentos sociológicos em Educação — Organização Socializada da Escola
Técnico em Educação: Antonietta Barone.

II — Metodologia da Linguagem
Orientadora: Lia Campos.

III — Metodologia da Matemática
Orientadora: Maria Fernandes de Oliveira.

PELOTAS — De 11 a 16 de outubro

N.º de sessões de estudo: 8 — Freqüência: 300 professôres

Temário

I — Fundamentos sociológicos da Educação — Interrelação entre a escola e a sociedade — Organização socializada da Escola — Os processos, as atividades socializadas e as instituições escolares.
Técnico em Educação: Antonietta Barone.

II — Fundamentos metodológicos dos Estudos Sociais na Escola Primária — O problema da fixação da aprendizagem — Material didático — Necessidade de Variedade — O espírito que deve animar o ensino — Necessidade de promover a compreensão brasileira e a paz mundial e de proporcionar aprendizagem, do ponto de vista americano, através dos estudos sociais.
Técnico em Educação: Eddy Flores Cabral.

URUGUAIANA — De 18 a 23 de outubro

N.º de sessões de estudo: 13 — Freqüência: 350 professôres de tôda a 10.ª Região Escolar.

Temário

I — Características sociais e emocionais do pré-escolar — Seu ajustamento emocional — Preparo do professor e atitude da jardineira. A disciplina no Jardim de Infância — As atividades no Jardim de Infância — Diretrizes especiais — Problemas de adaptação à 1.ª Série.
Técnico em Educação: Gilka N. Fontoura.

II — Problemas de ensino da aritmética na escola primária.
A capacidade do indivíduo e as exigências sociais.
Princípios básicos da aprendizagem — Compreensões matemáticas a serem desenvolvidos na escola primária.
Demonstração de técnica do material didático a ser usado.
Orientadora: Noely Sagebin.

III — Importância do ensino da Linguagem — Composição — Composição oral e escrita — Composição para diferentes classes — Temas para composição — Processo de contos.
Fichas para análise de cartilhas.
Fichas para apreciação de livros informativos.
Orientadora: Noely Sagebin.

ANO DE 1955

RIO GRANDE — De 1.º a 6 de agôsto

N.º de sessões de estudo: 17 — Freqüência: 300 professôres

Por solicitação da Diretoria de Educação e Saúde da Prefeitura Municipal da cidade de Rio Grande, realizou-se nessa cidade Missão Pedagógica, a cargo do técnico em educação prof.ª Antonietta Barone e da orientadora de ensino prof.ª Lia Campos.

Os assuntos abordados durante êsse trabalho foram:

Fundamentos Sociológicos da Educação e Organização socializada da escola — prof.ª Antonietta Barone.

Metodologia da Linguagem e da Matemática — prof.ª Lia Campos.

Paralelamente a essas sessões de estudo, foram proferidas pela prof.ª Antonietta Barone três conferências sôbre os seguintes temas: A Literatura Infanto-Juvenil. A Recreação e seus aspectos social e psicológico.

SANTA MARIA — De 12 a 16 de outubro

N.º de sessões de estudo: 7 — Freqüência: 500 professôres

Por ocasião das comemorações do Jubileu de Prata do G. E. "Cícero Barreto", de Santa Maria, atendendo à solicitação da Escola, realizou o C.P.O.E., naquela cidade, missão pedagógica que foi assistida com grande interêsse, pelo professorado da Região.

Temário

I — A Educação Integral na Escola Primária.
Prof.ª Alda Cardozo Kremer, Diretora do C.P.O.E.

II — A Escola Primária, A Escola e o Desenvolvimento Social do Educando.
Prof.ª Ruth Ivoty Tôrres da Silva, Técnico em Educação.

III — A Escola e o Conceito Evolutivo da personalidade.
Prof.ª Itália Faraco, Técnico em Educação.

IV — O Educador.
Prof.ª Glacira Amaral Barros.

COMUNICADOS

DA ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES NOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO

30 de janeiro de 1954

No propósito de orientar os diretores dos estabelecimentos de ensino primário quanto à organização das classes e criar condições mais favoráveis ao trabalho docente, recomendamos sejam adotadas, na distribuição dos alunos, as normas constantes dêste Comunicado.

CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE 1.º ANO

Os alunos de 1.º ano, conjunto que apresenta maior heterogeneidade, serão classificados, inicialmente, em 6 grupos:

GRUPO "A" — Alunos novos que não venceram sequer as dificuldades iniciais da leitura e escrita.

GRUPO "B" — Alunos novos que já dominam parte das técnicas fundamentais da leitura e da escrita.

GRUPO "C" — Alunos Novos quase alfabetizados.

GRUPO "R 1" — Alunos repetentes que não venceram as dificuldades iniciais de aprendizagem da leitura e da escrita.

GRUPO "R 2" — Alunos repetentes que já dominam parte das técnicas fundamentais da leitura e escrita.

GRUPO "R 3" — Alunos reprovados em Linguagem e os quase alfabetizados que, tendo freqüentado o 1.º ano em 1953, não obtiveram o parecer favorável da professôra da classe quanto à promoção.

Considerar-se-ão alunos novos os matriculados no 1.º ano, pela 1.ª vez; não serão considerados novos, para efeito dessa classificação, os alunos que tiverem freqüentado a 1.ª série de outros estabelecimentos de ensino.

O baixo nível de maturidade, a deficiência física ou mental, a infreqüência escolar, os desajustamentos são, geralmente, as causas prováveis do pouco aproveitamento dos escolares que não conseguiram, num ano de estudos, vencer as dificuldades iniciais da leitura e da escrita.

Os alunos do grupo "A" serão classificados de acôrdo com os resultados dos testes ABC, do Professor Lourenço Filho. Na aplicação dêstes deverá o professor observar, rigorosamente, a técnica de aplicação do teste.

Nas escolas de elevada matrícula no 1.º ano, quando o número de alunos integrantes do grupo "A" fôr muito grande, exigindo a organização de duas ou mais turmas, recomenda-se a observância das instruções que seguem:

I — A matrícula das classes constituídas por alunos que obtiveram melhor classificação nos testes "ABC", deverá ser maior do que a das demais.

II — As turmas que reunem crianças com menor número de pontos terão a matrícula mais reduzida.

III — As classes constituídas de alunos que estejam nas condições previstas no grupo "A" serão designadas por essa letra à qual se atribuirá um expoente indicativo do mínimo de pontos alcançados, no teste ABC, pelos alunos que as integram.

Exemplificando:

1.º ano A 16 — Classe de alunos novos, analfabetos, que obtiveram no teste ABC 16 pontos ou mais.

1.º ano A 12 — Classe de alunos novos, analfabetos, que obtiveram, nesse teste, de 12 a 15 pontos ou de 12 pontos para cima, no caso de não haver, na escola, classe de nível superior a esta.

Sempre que possível, as crianças que obtiveram 7 (sete) pontos ou menos, no teste ABC, deverão constituir uma classe especial para efeito de tratamento adequado.

Se, entretanto, o número de alunos, nas condições previstas no grupo "A", fôr insuficiente para constituir duas ou mais turmas, ou, ainda, se o número de salas ou afastamento temporário de um professor não o permitir, aconselha-se a formação de uma única turma: 1.º ano A. Dentro dêsse conjunto heterogêneo, entretanto, formar-se-ão grupos homogêneos, para efeito do tratamento diferenciado.

A classificação dos alunos nos grupos "B", "C", "R 1", "R 2", "R 3", far-se-á em face do nível do aproveitamento escolar que revelarem no início do período letivo, após a aplicação de uma prova de revisão dos conhecimentos previstos na série anterior.

Para êsse fim providenciará o diretor da Escola quanto à organização de provas de Linguagem e Matemática que incluam as dificuldades gradativas do programa e através das quais se possam determinar os aspectos do aprendizado da leitura ou da escrita, já vencidos pelos alunos. De acôrdo com os resultados desta prova, far-se-á a classificação.

Se o número de alunos que deverão integrar um dos grupos, acima especificados, fôr insuficiente para constituir uma classe, pelos motivos já apresentados, poderão reunir-se alunos de dois grupos, escolhendo de preferência aquêles que, do ponto de vista do nível de adiantamento, apresentem maior homogeneidade. As classes assim formadas terão a designação dos grupos que reunirem.

Exemplificando:

1.º ano R 2 R 3 — alunos dos grupos R 2 e R 3

1.º ano C R 3 — alunos dos grupos C e R 3

Quando, por circunstâncias excepcionais, houver necessidade de reunir três ou mais grupos, receberão as classes as designações que seguem:

1.º Ano N — novos de todos os níveis (grupos A, B e C) - não selecionado
1.º Ano R — repetentes de todos os níveis.

Se a classe fôr constituída de alunos novos e repetentes de vários níveis, designar-se-á 1.º Ano M (misto).

As situações decorrentes das condições materiais e os casos de desajustamento que ainda persistirem, após a classificação, serão resolvidos pela direção, ouvidos os professôres e, sempre que possível, a orientadora de educação primária.

Com exceção dos alunos do grupo "A", os demais deverão prosseguir na aprendizagem, a partir do nível de aproveitamento que apresentarem; não se lhes devem exigir estudos e práticas desnecessárias, por suficientemente dominados.

As crianças que encontram dificuldade em expressar-se em português, por procederem de meio onde se fala língua estrangeira, não devem ser submetidas ao teste ABC, por não existir forma equivalente ao mesmo aplicável em tais casos.

Êstes alunos deverão integrar uma classe de adaptação, cuja finalidade precípua será familiarizá-los com o uso do idioma nacional.

Oportunamente, serão enviadas instruções relativamente à orientação das atividades nessas classes.

CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE 2.º A 5.º ANO

Quanto à constituição das classes de 2.º a 5.º ano, deverão os alunos ser agrupados de acôrdo com a média global obtida (média aritmética das notas finais alcançadas em Linguagem, Matemática e Estudos). Assim, a classe A reunirá os alunos que obtiveram médias globais mais elevadas; a classe B, os de classificação imediatamente inferior e, assim, sucessivamente.

As classes regulares de 2.º ano, segundo instruções expedidas, por êste Centro, serão constituídas pelos alunos que alcançaram os limites mínimos de suficiência estabelecidos para aprovação nas provas escritas de Linguagem e Matemática.

Aquêles que lograram aprovação sòmente na prova de Linguagem (prova escrita e prova oral de leitura), sem atingirem os limites mínimos em Matemática e Global, serão reunidos numa classe especial de 2.º ano.

Cumpre ao diretor e professôres da escola zelar para que os alunos, em nenhum caso, tomem conhecimento da classificação a que pertencem, isto é, forte, média e fraca.

Recomenda-se, outrossim, não fazer referência perante o aluno ou a classe da pouca capacidade de aprendizagem ou de outras deficiências apresentadas pelos educandos.

Deverão realizar-se, na primeira quinzena do mês de março as provas destinadas à classificação dos alunos novos, não procedentes de estabelecimentos oficiais do Estado ou daqueles que, por motivo de doença devidamente comprovada, deixarem de submeter-se às provas objetivas na época regulamentar.

Realizar-se-ão, na segunda quinzena de março, as provas para os alunos que não obtiveram o limite mínimo exigido em Estudos Sociais e Naturais e nas matérias especializadas.

Encontram-se, abaixo, as instruções por que se deve reger a elaboração dessas provas.

Para a elaboração das provas, deverá a direção indicar, sempre que possível, duas professôras, sendo uma delas a regente da classe que os alunos dependentes da prova de reajustamento (alunos que não obtiveram o limite mínimo exigido, apenas, em Estudos Sociais e Naturais e matérias especializadas) estão freqüentando condicionalmente.

No propósito de facilitar e imprimir certa uniformidade ao trabalho, apresentamos, abaixo, algumas sugestões que deverão ser observadas pelas professôras encarregadas da organização das provas:

1 — as questões, tanto quanto possível, serão suscetíveis de avaliação objetiva, dando lugar a uma única resposta ou respostas equivalentes;

2 — o programa da classe deve ser cuidadosamente consultado, a fim de que as professôras possam decidir quais os pontos mais importantes a incluir na prova, de preferência àqueles julgados acessórios;

3 — as questões devem ser formuladas de modo a exigir a aplicação de conhecimentos adquiridos em situações reais de vida, apelando não sòmente para a memória, mas também para a capacidade de reflexão do aluno;

4 — a prova poderá conter vários tipos de questões. Tôdas as questões do mesmo tipo, entretanto, devem ser agrupadas e precedidas de um "modêlo", quando se fizer necessário;

5 — as questões devem ser graduadas, apresentando questões fáceis, médias e difíceis. Exemplo de uma boa distribuição quanto à dificuldade das questões:

16% de fáceis, 68% de médias e 16% de difíceis;

6 — ao formular as questões, deverão considerar o nível mental dos alunos, verificando se a linguagem é correta, simples, acessível, etc.;

7 — o número de questões, incluindo História, Civismo, Geografia, Higiene e Estudos Naturais, deverá ser no mínimo:

20 questões para o 2.º ano
24 „ „ „ 3.º „
28 „ „ „ 4.º „
30 „ „ „ 5.º „ sendo cada questão valorizada em 1 ponto;

8 — a cada prova corresponderá uma instrução especial necessária à sua aplicação;

9 — a correção das provas será feita por duas professôras: uma apuradora e outra revisora. Ao fim de cada prova, ambas lançarão as notas dadas no espaço reservado para tal fim;

10 — o aluno será aprovado, quando obtiver a metade do total de pontos da prova; assim, se a prova de 2.º ano constar de 20 questões, num total de 20 pontos, o grau mínimo de aprovação corresponderá a 10 pontos.

Idêntico critério se adotará na elaboração das provas a serem realizadas pelos alunos novos e os que, por motivo de doença comprovada, não puderam realizar as provas finais de 1953.

Essas provas constarão de Linguagem, Matemática e Estudos Sociais e Naturais.

Com relação aos alunos que ficaram dependendo das matérias especializadas, deverá ser observado o seguinte:

Os que foram matriculados condicionalmente, por deficiência da nota alcançada em uma ou mais matérias especializadas, realizarão, na mesma época, *provas suplementares* que poderão constar da apresentação de trabalhos executados pelos alunos durante as férias ou, a critério do professor, durante o mês de março, em se tratando de Desenho, Trabalhos Manuais e Música.

As listas de exame com a relação nominal dos alunos e pontos por êstes alcançados, com a indicação de "aprovado" e "reprovado", nome da escola, designação da classe, etc. serão enviadas, na Capital, ao Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, e no Interior, às Delegacias Regionais de Ensino, até o dia 1.º de abril, impreterìvelmente. Deverá ser enviado, também nessa ocasião, o relatório contendo informações sôbre o número de turmas organizadas e sua constituição.

CRITÉRIO PARA VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO DA APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS NORMAIS DO ESTADO

Abril de 1954

À Direção da Escola

No intuito de orientar as Escolas Normais do Estado, quanto ao critério a ser adotado na organização e no julgamento das provas destinadas à aferição do rendimento da aprendizagem, enviamos as seguintes instruções:

1) — As provas serão organizadas pelo professor da cadeira e submetidas à aprovação do Diretor, nas Escolas Normais Oficiais. Nas Escolas Normais sob regime de inspeção, o professor apresentará as questões ao Diretor que as submeterá à aprovação do Professor Fiscal.

2) — As questões versarão, tanto quanto possível, sôbre tôda a matéria dada, até a data prevista em lei e deverão ser apresentadas sob a forma de problemas ou de situações práticas, conforme a disciplina.

3) — Na organização das questões, considerar-se-ão os processos mentais que conduzem à solução das mesmas, evitando-se aquelas que apelem, quase exclusivamente, para a memória.

4) — Serão levadas em consideração, no julgamento das provas, seja qual fôr a disciplina: a ortografia, a correção e propriedade de linguagem e a organização lógica do pensamento.

5) — Da prova de Português e Literatura constará uma composição sôbre assunto não desenvolvido em classe e valorizada em 60% do total da prova.

7) — O número de questões dependerá das mesmas e da parte do programa desenvolvido.

No julgamento das provas, recomendamos aos senhores professôres a utilização de um critério tão objetivo quanto possível e a atribuição de um determinado número de pontos ou graus a cada questão de acôrdo com a dificuldade que apresentar. Serão mais valorizadas as questões mais difíceis e aquelas que melhor informarem sôbre atitudes e conhecimentos imprescindíveis à personalidade do professor.

Considerando o propósito de elevar cada vez mais o nível de cultura dos futuros educadores, solicitamos aos senhores professôres que sugiram além destas, outras medidas que com sua experiência do problema educacional julguem convenientes para a consecução daquele objetivo.

SUGESTÕES PARA A PARTICIPAÇÃO CONSCIENTE E ORIENTADA DA CRIANÇA NA IV FESTA NACIONAL DO TRIGO

Agôsto de 1954

Realizando-se em Carazinho, de 22 a 24 de outubro, a IV Festa Nacional do Trigo e devendo a escola integrar-se na vida da comunidade, lembramos a conveniência da participação dos educandos nesse acontecimento.

A fim de que a criança possa participar de maneira eficaz e consciente, convém se faça preparação psicológica nas diferentes classes, levando-se em conta o nível das mesmas e a maturidade dos alunos. Outrossim, cabe aos professôres aproveitar as ricas e variadas oportunidades que se apresentarem, para desenvolvimento de vários aspectos dos programas, em situação real, ao par da formação de hábitos e atitudes desejáveis, do ponto de vista geral da educação e especial, com referência às idéias e sentimentos que nos propomos sugerir ao educando, com essa comemoração.

Assim sendo, destacamos, entre outros, os seguintes objetivos:

1.º Desenvolver o espírito de colaboração entre a escola e o meio social.

2.º Valorizar a contribuição do trigo na alimentação, na indústria e na riqueza do município, do Estado e do País.

3.º Despertar o interêsse pela vida agrícola da localidade, levando a criança à justa apreciação do valor da Agricultura:
   a) para o município e o Estado;
   b) para o Brasil;
   c) para a vida humana.

4.º Criar o espírito científico, nos alunos, dando-lhes conhecimento de técnicas racionais modernas, empregadas na triticultura e industrialização do trigo, salientando as vantagens de seu emprêgo.

5.º Desenvolver a capacidade de observação e o senso estético dos educandos, chamando atenção para o aspecto das espigas, dos trigais e das paisagens circundantes, despertando-lhes emoções e sentimentos capazes de fazerem-nos apreciar e sentir o Belo, nas coisas simples e naturais que os cercam.

Visando, pois, tais objetivos, poderão ser desenvolvidas em classe várias atividades, como:

Discussão e pesquisas de informações, para estudo de como a classe e a escola poderão colaborar na "Festa do Trigo". Participação da criança na organização do programa a ser executado, destacando-se o valor e o verdadeiro sentido da cooperação.

Coleta de dados estatísticos e informativos, em geral, sôbre o trigo. Êste cereal como alimento; seus subprodutos e principais processos de industrialização usados na localidade. Comparação com outros municípios; Estados do Brasil e países produtores de trigo. Introdução da cultura do trigo no município. Outros produtos de importância, cultivados na localidade. Excursões a locais onde se cultiva e industrializa o trigo.

Relatórios sôbre as observações feitas. Interpretação, comparação e levantamento de gráficos. Redação de cartas e cartões, solicitando e agradecendo informes. Redação de convites. Descrição oral e escrita de gravuras sôbre os temas em estudo ou de cenas observadas. Exercícios de vocabulário, para fixar expressões novas. Elaboração de frases para cartazes. Leitura de trechos em prosa e verso, relacionados com o tema. Coleção de gravuras, para serem empregadas em álbuns, frisos, cartazes, etc.

Modelado. Recorte e colagem. Desenho de cartazes, frisos e quadros murais; ilustração de histórias e poesias, que se relacionem com o assunto.

Cálculo com dados reais sôbre os estudos feitos — percentagens de produção, emprêgo de capital, juros, custo da produção, vantagens em melhorá-la. Espécies de trigo cultivadas na localidade; tipo de solo apropriado para êsse cultivo; adubos indicados; relações entre a planta, o solo,

o clima e as condições topográficas da região. Experiências sôbre germinação do trigo e de outros cereais; determinação do poder germinativo ou percentagem de produção de sementes.

Compreensão do respeito que se deve ter pelos vegetais e pelas diversas profissões, especialmente a agrícola, considerando a sua importância na vida humana e na economia do nosso País; o que representa o trabalho consciente e produtivo, no grande conjunto nacional.

Vantagens da vida ao ar livre e da alimentação sadia; comparação, sob êste aspecto, entre a vida urbana e a rural. Ginástica imitativa, bailados que se relacionem com o assunto, jogos e competições interclasses ou interescolares.

Pelas sugestões enumeradas, vimos como são variadíssimas as oportunidades de realizações para as diversas classes, motivadas pela "Festa do Trigo". Cabe ao professor, ajustando aos interêsses dos alunos e ao nível da classe, fazer a seleção das mesmas, ampliá-las ou reduzi-las, desprezar umas e criar outras, aproveitando ao máximo as oportunidades para vitalizar o ensino, dentro do moderno conceito de educação integral, levando a criança, realmente, à participação consciente e ativa na vida da escola e da comunidade.

DOS TIPOS DE QUESTÕES PARA VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS NORMAIS DO ESTADO

Outubro de 1954

E' desnecessário dizer que o trabalho escolar, em qualquer grau de ensino, só apresentará bons resultados, se o professor tiver a preocupação de verificar as falhas apresentadas no decorrer do trabalho escolar. Essas verificações são feitas com a finalidade de corrigir, por meio de exercícios adequados e de acôrdo com as necessidades individuais e coletivas, as deficiências notadas.

Entretanto, para que êsse trabalho seja plenamente satisfatório, são indispensáveis exercícios cuidadosamente elaborados, a fim de que as dificuldades sejam bem dosadas.

Passaremos, pois, a analisar as formas de verificação mais usuais na Didática hodierna; essa verificação poderá ser feita através de questões objetivas e subjetivas.

Salientaremos, inicialmente, as vantagens e desvantagens apresentadas por um e outro tipo.

VANTAGENS DAS QUESTÕES SUBJETIVAS

A — Obrigam o estudante a dar respostas corretas em vez de reconhecê-las apenas, quando lhes são apresentadas.

B — Exigem do estudante organização de seus conhecimentos o que pressupõe um alto grau de habilidade.

C — Permitem iniciativa da parte do estudante.

D — Exigem, do professor, menos tempo para a elaboração.

DESVANTAGENS DAS QUESTÕES SUBJETIVAS

A — Abrangem muito pouco dos assuntos estudados.
B — Como requerem tanto habilidade de compor, quanto conhecimento do assunto do exame, é freqüentemente difícil descobrir as causas da deficiência do trabalho.
C — O julgamento é subjetivo e, portanto, impreciso.
D — Requerem muito tempo para serem respondidas.
E — Exigem mais tempo para julgamento.
F — Não permitem a fixação de normas bem definidas e tornam difíceis as comparações.

VANTAGENS DAS QUESTÕES OBJETIVAS

A — O exame abrange muito maior extensão da matéria estudada.
B — Consome menos tempo tanto na realização como no julgamento.
C — Para sua elaboração, os professôres têm de pesar e avaliar tôda a matéria dada.
D — O julgamento torna-se objetivo e, portanto, mais preciso.
E — Os resultados dos exames dêste tipo favorecem a análise estatística e o estabelecimento de normas ou padrões.
F — Os exames e seus resultados podem ser mais vantajosamente analisados; portanto, precisam melhor as deficiências.

DESVANTAGENS DAS QUESTÕES OBJETIVAS

A — A elaboração exige do professor mais tempo e prática.
B — Não requerem do aluno habilidade de organizar os seus próprios conhecimentos.
C — Não medem a iniciativa e a capacidade criadora do educando.

A consideração das vantagens e desvantagens dos tipos de questões deve habilitar o professor a selecioná-los, segundo as diferentes situações de ensino. Ambos são usuais e capazes de dar ao professor valiosas informações sôbre o progresso e a fixação dos conhecimentos.

A preferência de um tipo sôbre o outro ficará na dependência do campo da aprendizagem a ser medido.

O professor experimentado usará ambos os critérios, conjugando as vantagens de um e outro.

Se é verdade que a prova objetiva é um instrumento mais sistemático, mais seguro, de resultados mais uniformes, também é verdade que as

provas subjetivas são, em alguns casos, o único recurso ao alcance do professor.

E' então que o critério misto se apresenta como fórmula conciliatória capaz de resolver, em grande parte, as dificuldades apontadas pelos educadores contemporâneos, quanto à melhor forma de medir o rendimento escolar, principalmente, nos cursos de nível médio.

Assim é que os itens do programa que comportarem aferição objetiva, serão medidos objetivamente. Os demais serão apreciados subjetivamente.

NORMAS PRÁTICAS PARA PREPARAÇÃO E USO DAS QUESTÕES OBJETIVAS

Ao organizar as questões, deve o professor formular clara e definidamente os objetivos das mesmas, isto é, antes de elaborá-las, considerar as informações que deseja e o que vai ser medido.

Deverá estar seguro de que as diferentes questões envolvem fatos importantes, princípios, relações, etc., de preferência a minúcias secundárias.

Ao formular as questões cuidará o professor de que o enunciado seja feito em linguagem simples, precisa e acessível ao desenvolvimento da classe, o que é indispensável para que às dificuldades da matéria não se acrescentem as oferecidas pela interpretação da linguagem.

Atenderá, também, a que as dificuldades das diversas questões sejam convenientemente dosadas.

Não podendo ser estabelecida de forma rigorosamente objetiva, segundo o critério estatístico, a classificação das questões em "fáceis", "médias" e "difíceis", valer-se-á o professor da prática docente, do registo sistemático das percentagens de acêrto, os quais lhe oferecerão elementos relativamente seguros, para avaliação das dificuldades.

Uma prova bem equilibrada deverá apresentar 16% de questões fracas, 16% de questões difíceis e 68% de questões médias.

Na realização das provas, obedecerá o professor ao critério usual, que deverá oferecer base segura e uniforme para atribuição de notas ao aluno.

A apuração e o julgamento serão feitos segundo normas prèviamente estabelecidas, inclusive a determinação do valor de cada questão.

ESCOLHA DO TIPO DE QUESTÕES

Dependerá a escolha do tipo de questões, em grande parte, da matéria a ser medida. Algumas disciplinas comportam qualquer tipo de questão o que não sucede com outras.

Uma mesma prova pode apresentar questões variadas. Entretanto, tôdas as do mesmo tipo devem ser agrupadas.

Esta variedade pode ser verificada no esquema abaixo:

- TIPOS DE QUESTÕES
  - RECORDAÇÃO
    - RECORDAÇÃO COMPLETA
      - questionários
      - enumeração
    - LACUNA
      - resposta sugerida
      - resposta não sugerida
  - RECONHECIMENTO
    - RESPOSTAS ALTERNADAS
      - sim — não
      - verdadeiro — falso
      - certo — errado
      - igual — oposto
    - SELEÇÃO
      - escolha única
      - escolha múltipla
      - melhor resposta
    - EMPARELHAMENTO
      - reordenação
    - IDENTIFICAÇÃO
    - ASSOCIAÇÃO
    - RACIOCÍNIO

TIPOS DE QUESTÕES

Os exemplos que seguem são apresentados de um modo geral, a título de sugestão e para maior compreensão do esquema anterior, sem a preocupação de atender a tôdas as matérias que compõem o currículo das Escolas Normais, devendo os mesmos serem convenientemente adaptados às várias matérias de ensino.

1. *RECORDAÇÃO COMPLETA:*

A) QUESTIONÁRIO: Em que ano foi descoberto o Brasil?

B) ENUMERAÇÃO: Antes de chegar a ter uma expressão socializada a linguagem da criança atravessa 4 etapas. Enumere-as:
1 ..... 3 .....
2 ..... 4 .....

2. *LACUNA:*

A) RESPOSTA SUGERIDA: Com referência aos indivíduos portadores de oligofrenia em vários graus e aos insuficientes morais, uma comissão de psicólogos chegou à seguinte conclusão:

Os ..... devem ser alimentados; os .....
..... assistidos; os ....., fiscalizados e os
....., segregados do convívio social.

Sublinhe a resposta que achar certa:
A ilha da Pólvora fica no
(rio Uruguai — rio Guaíba — rio Taquari).

B) RESPOSTA NÃO SUGERIDA: ..... constitui a síntese integral da atividade psíquica do homem.

3. *RESPOSTAS ALTERNADAS:*

A) Risque a palavra conveniente:
A observação infantil é superficial, egocêntrica, fragmentária, por isso deve o professor estimulá-la e dirigí-la. (Certo — Errado).

B) Se as proposições abaixo forem verdadeiras, ponha, à esquerda, um V; se forem falsas, um F:
a) A hipótese desempenhou papel importante na Psicologia.
b) A observação sistemática é um dos processos introspectivos.
c) Para Watson, a consciência tem fundamental importância nos processos mentais.
d) A reflexão é a forma mais pura dos procedimentos introspectivos.

C) A matemática, na escola primária, vale por si para resolver os problemas da vida prática. (sim — não)

OBSERVAÇÃO: As questões de respostas alternadas, por apresentarem 50% de possibilidades de acêrto, devem ser usadas em número reduzido. Podem ser utilizadas, simultâneamente, com outras de caráter subjetivo. Ex.: O impulso instintivo é o ponto de partida das condutas (sim — não). Justifique a sua resposta.

4. *SELEÇÃO:*

A) ESCOLHA ÚNICA: Assinale, com uma cruz dentro do parêntese, a expressão que complete a frase de modo certo:

O jôgo nos trabalhos escolares
( ) era usado na escola tradicional.
( ) é uma forma de aprendizagem.
( ) serve para evitar o êrro.
( ) desenvolve a capacidade motora.
( ) auxilia a memorização.

B) ESCOLHA MÚLTIPLA: Marque com uma cruz, dentro do parêntese, as manifestações próprias do tipo ciclotímico:

( ) Reação inadequada às excitações, reservada, rígida.
( ) Tendência a reagir com extrema violência.
( ) Tonalidade afetiva pronunciada, oscilando entre a alegria e a tristeza.
( ) Correlação natural entre as impressões e reações.
( ) Falta de correspondência entre a receptividade e a reação.
( ) Tonalidade afetiva pouco pronunciada.
( ) Repercussão psíquica das ações do ambiente da hiperexcitabilidade à mais completa frieza.

C) MELHOR RESPOSTA: Assinale a melhor resposta:

( ) Aprender é adquirir hábitos e conhecimentos.
( ) Aprender é estabelecer uma cadeia de condicionamentos.
( ) Aprender é modificar a conduta para fazer frente a situações novas.
( ) Aprender é formar conexões entre estímulos e respostas.
( ) Aprender é modificar a conduta através do treino.

5. *EMPARELHAMENTO:*

Numere a coluna da esquerda de acôrdo com a coluna da direita:

( ) Objeto conservado com respeito por ter pertencido a uma pessoa da família.

( ) Pedaço de madeira tomado como navio.

( ) Pessoa que submerge em sonhos intermináveis e fica cada vez mais incapacitada de retornar à realidade.

( ) Pessoa idosa que retorna completa ou quase completamente à infância.

( ) Pessoa que sonha freqüentemente com um fato angustioso.

( ) Adotar as maneiras de um herói ou de outra pessoa.

1. Regressão
2. Introversão
3. Transferência afetiva
4. Simbolização lúdica
5. Identificação
6. Simbolização
7. Extroversão
8. Reprodução de lembranç..
9. Contraste
10. Associação por contigüidade
11. Semelhança de relação

6. *ORDENAÇÃO:*

Ordene os estádios por que passa a evolução do desenho de acôrdo com o tempo em que se sucedem:

Estádio do girino.
Estádio fisiográfico.
Estádio da garatuja.
Estádio do perfil.
Estádio da transição.

7. *IDENTIFICAÇÃO:*

Escreva, na linha pontuada, o nome do Estado do Brasil a que se refere o seguinte trecho:

"O subsolo é riquíssimo em ferro, manganês, ouro e diamantes. As jazidas de ferro são encontradas na bacia do rio Doce que é, quanto

a êste mineral, a mais opulenta do globo terrestre. Nela são existentes também ricas jazidas de manganês, indispensável para transformar o ferro em aço.

.....

8. *ASSOCIAÇÃO:*

Indique, dentro do parêntese, o tipo de inteligência que cada uma das situações mencionadas à esquerda requer:

a) Abrir, depois de várias tentativas, uma caixa cujo mecanismo se desconhece. (.....)

b) Resolver um problema de Matemática. (.....)

c) Encontrar uma fórmula que concilie dois partidos em divergência. (.....)

d) Improvisar um discurso. (.....)

e) Improvisar um aparelho. (.....)

9. *RACIOCÍNIO:*

F....., atualmente com 10 anos de idade, acertou todos os testes da escala de Binet-Terman, correspondentes à idade de 8 anos e 3 testes da idade de 9 anos. Aos 4 anos F..... tinha a idade mental de 3 anos.

Responda:

a) Qual é atualmente o Q. I. desta criança?

b) O atraso mental que se verificou aos 4 anos de idade cronológica, aumentou ou diminuiu?

.....

ESTUDOS SOCIAIS NA ESCOLA PRIMÁRIA

Novembro de 1954

I — IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE

Nos tempos atuais não há quem não se interesse pela vida em tôda parte do mundo. A rapidez dos meios de transporte, as facilidades de comunicação e as diversas formas de intercâmbio diminuem as distâncias, aproximando o homem dos locais e dos povos mais longínquos da terra.

Ora, para que qualquer pessoa possa acompanhar êsse movimento universal e, mesmo, o desenrolar da vida brasileira com interêsse, é necessário que tenha uma visão geral do mundo e que conheça o Brasil do ponto de vista histórico-geográfico. Mais ainda: no exercício de qualquer profissão necessita o homem de conhecimento de História e de Geografia, não sòmente pelo que representam para sua cultura geral, mas também encarados como elemento de utilidade no exercício de determinadas profissões.

A Geografia e a História no escola primária são reunidas e estudadas sob a designação de Estudos Sociais, por que existe entre ambas estreita interdependência, porque se relacionam e se completam.

A única diferença que apresentam são as que se referem ao campo de estudos. Ambas são absolutamente indispensáveis porque representam preciosos instrumentos para a formação do espírito, nutrem e fortalecem o amor da pátria, cultivam o sentido da realidade das coisas, estimulam o sentimento de tolerância e de amizade com os povos estrangeiros, contribuem para corrigir a miopia intelectual da política de campanário, enfim, contribuem para o desenvolvimento da personalidade integral do educando.

Os estudos geográficos na escola primária vão favorecer situações vitais como: contato espiritual com outros povos e outros meios; formação do espírito nacional e de solidariedade entre as nações; desenvolvimento das capacidades de criticar, de observar, de generalizar, de orientar e sistematizar a imaginação.

A tendência moderna do estudo da Geografia é sempre partir de que o homem deve ser o centro da aprendizagem; portanto, os valores humanos sempre deverão ter preponderância sôbre os valores materiais. Uma montanha, um rio ou um aglomerado humano nada significarão se não expressarem antes de tudo, uma relação com as condições da vida humana. As indústrias, o comércio e os meios de transporte e comunicações serão assim postos em evidência, nas suas relações de dependência com o meio físico.

A História, através da análise do passado, explica o presente e estabelece um conjunto de princípios para servir de guia no futuro. Ela nos apresenta múltiplos exemplos que seguir ou que evitar e nos ensina que a civilização é sempre o resultado de qualidades positivas dos povos. Ela nos mostra o valor incontestável da cooperação e solidariedade humanas através do progresso que se observa entre os povos que são unidos.

Não é o desconhecido nem o longínquo, nem o extraordinário e monumental que mais agrada à criança de nível primário. Ela aprecia mais descobrir maravilhas nas coisas familiares e encontrar explicação para fatos comuns.

Assim também, para que chegue à significação de certos fatos histórico-geográficos, necessita pontos de apoio, para que sua imaginação seja orientada no sentido da imparcialidade, veracidade e universalidade.

Nunca esquecer que a História e a Geografia estudam fatos e não coisas e que o ensino deve ser feito da maneira mais objetiva possível, por meio não só da observação direta mas da representação através de copioso material ilustrativo.

Quanto à nomenclatura, só ensinar o essencial, procurando esclarecer quanto à origem e ao significado; quanto aos dados numéricos e cronológicos, só os mais significativos, ou os que podem ser entendidos de maneira integral. As crianças não devem memorizar extensas listas de nomes, fatos e datas. As duas disciplinas são por demais interessantes para que sejam prejudicadas, em sua aprendizagem, com a sobrecarga da memorização de dados que possam ser encontrados através de consultas.

II — OBJETIVOS GERAIS

A — GEOGRAFIA

1 — Levar a criança a conhecer as realidades geográficas mais significativas do mundo em que vive.

2 — Desenvolver o pensamento científico, levando o aluno a com-

preender as relações entre o meio e o homem, entre a geografia e a vida e a interpretar os fatos geográficos em suas mutações e importância.

3 — Capacitá-la a utilizar os instrumentos de estudo da geografia para que possa compreender as realidades espaciais.

4 — Proporcionar uma visão, a mais completa possível, do País, de seus principais problemas e de suas relações vitais com os demais povos.

5 — Orientar sôbre os melhores usos da terra e os seus recursos, bem como sôbre a necessidade do uso de processos que conservem e aumentem sua capacidade produtiva.

B — HISTÓRIA

1 — Conhecer os principais fatos da História do Brasil.

2 — Desenvolver o pensamento científico do aluno, levando-o a compreender as causas e as conseqüências dos fatos históricos e a estabelecer relações entre fatos semelhantes.

3 — Cultivar o sentimento patriótico pelo despertar de disposições afetivas favoráveis aos fatos e aos homens que a História imortalizou.

4 — Fortalecer os sentimentos de amor à liberdade, de fraternidade e solidariedade humana, pelo respeito às tradições e aos direitos de outros povos e pela prática dos princípios democráticos.

III — SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O 1.º ANO

A criança, antes de entrar na escola, acumulou imagens, nomes, conhecimentos, quando ouviu conversas, contos ou histórias ou quando observou a realidade que a rodeia. No curso pré-primário a iniciação geográfica e histórica continua à base de contos, histórias e atividades diversas. Cumpre à escola primária, pois, aproveitando êsses conhecimentos dispersos e variados, sistematizar, dar forma e organização de maneira, entretanto, que não impeça o ocasional e o imprevisto, que possa surgir no decorrer da aprendizagem.

O ensino da História no primeiro ano consiste apenas num trabalho preparatório em que o professor procura dirigir a atenção da criança para certos fatos, que a levem a compreender a sucessão do tempo, contribuindo para a formação de seu pensamento histórico.

Pouco a pouco a criança vai tomando consciência de si mesmo, de seu próprio passado. E' através da evocação de fatos significativos dêsse passado que o professor iniciará a formação do pensamento histórico do aluno, procurando objetivar e tornar clara a noção de sucessão do tempo, que só será interiorizada quando a criança tiver mais maturidade.

Quanto à aprendizagem da Geografia, o primeiro estudo a ser realizado será o relativo a aspectos locais, isto é, observação das coisas e fatos mais próximos que permitam a apreciação e o exame com mais objetividade.

1.° OBJETIVO:

Levar a criança a conhecer o ambiente em que vive, sob o aspecto histórico-geográfico e promover o ajustamento da criança a seu pequeno meio.

A — ATIVIDADES SUGERIDAS:

1 — Visita às dependências da escola.

a) Desenho representativo da sala de aula num todo maior (a escola).

b) Desenho da parte externa do prédio escolar.

c) Escrita do enderêço da escola.

2 — Excursão aos arredores da escola.

a) Planejamento da excursão.

b) Observação dos principais acidentes e realidades geográficas situados nas proximidades da escola.

c) Conversa sôbre a excursão realizada.

d) Representação no taboleiro de areia de aspectos mais significativos da zona observada.

e) Traçado simples do trajeto percorrido pelo aluno da casa à escola, acompanhado de descrições orais.

f) Desenho dos meios de transporte mais usados na localidade.

g) Endereçamento, pela própria criança, de envelopes dirigidos a pessoas de sua família, contendo recados ou avisos do professor.

h) Desenho da casa em que mora.

B — NORMATIVA PARA O PROFESSOR:

Introduzindo o estudo da geografia, acompanhará o professor seus alunos numa visita à escola, orientando o pensamento dos mes-

mos, no sentido de observar a situação e a posição relativa das salas.

1 — *Planta baixa da escola* — Numa fôlha bem grande de papel, de qualquer espécie, estendida sôbre o chão da sala de aula, ou numa área, ou no páteo da escola, se traçará de maneira rudimentar e simples, a planta baixa do edifício escolar, usando lápis ou giz de côr. Partirão os alunos do traçado da parte externa do edifício, após o que localizarão, neste contôrno geral, as salas de aula em posições e proporções o mais aproximadamente possível.

2 — *Fachada da escola* — A fachada da escola será desenhada livremente e colorida se o aluno assim preferir. O professor não exercerá crítica, quando fizer a apreciação da mesma. Se os desenhos apresentarem incorreções que afetem a exatidão quantitativa da representação ou deformem, visìvelmente, a realidade observada (por exemplo: número de andares e aberturas alterados ou mal situados), o professor se limitará a orientar a observação no sentido de descobrirem os alunos, por si mesmos, os aspectos e detalhes mais significativos não reproduzidos ou incorretamente representados, sem alusão ao desenho da criança.

3 — *Localização da casa do aluno e da escola* — Tôda oportunidade que leve o aluno a praticar a escrita do enderêço de sua residência ou do enderêço da escola deve ser aproveitada pelo professor. Assim, quando tiver necessidade de enviar recados ou convites aos pais ou quando fôr preciso remeter avisos a pessoas na escola, os sobreescritos devem ser atividade geral da classe.

4 — *Conhecimento dos principais acidentes e realidades geográficas situados nas proximidades da escola* — Para que o aluno conheça os arredores da escola será interessante que a classe realize uma excursão. O professor deve conhecer, de antemão, o lugar a ser visitado, pois só assim poderá orientar o grupo numa observação convenientemente dirigida.

A excursão será planejada, com antecedência, pelos alunos, sob a orientação do professor, dirigindo-se as observações e o pensamento da classe no sentido dos aspectos principais e dos detalhes significativos que o local a ser visitado apresenta.

Evitar-se-á, com isso, desperdício de tempo e dispersão de atividades.

Realizado o passeio, através de uma conversa, se verificarão as observações feitas individualmente, corrigindo-as e desenvolvendo-as, se necessário, com o auxílio de todos os alunos.

A reunião, em frisos, álbuns ou coleções, de fotografias tiradas ou conseguidas pelo professor e pelos alunos, relativas a aspectos observados e, bem assim, a representação de acidentes, por meio de desenhos, da modelagem ou da construção, acompanhados de letreiros explicativos, são atividades muito indicadas para objetivar e fixar os conhecimentos adquiridos.

Conhecidos os arredores da escola será fácil a cada aluno traçar o itinerário percorrido, diàriamente, da casa à escola, tomando como pontos de referência os lugares visitados ou do conhecimento de cada criança, ocasião em que o estudo de acidentes e realidades geográficas diretamente observáveis pode ser ampliado.

Sempre que possível, deverá o professor promover a observação direta dos meios de transporte usados na localidade, através do levantamento de problemas, tais como: "Qual o meio de transporte usado por você e por membros de sua família?" "Que outros meios de transporte você conhece? de todos, qual é o mais rápido, o maior, o mais cômodo, o mais barato? o mais antigo, o mais moderno?" etc.

Pequenas ocorrências sôbre meios de transporte podem motivar atividades interessantes como dramatizações e narração de histórias ilustradas com miniaturas, desenhos, etc.

2.º OBJETIVO:

"Formar hábitos de observação e levar a criança a apreciar a contribuição que os outros trazem ao seu bem estar e despertar a atenção para a sucessão do tempo.

A — ATIVIDADES SUGERIDAS:

1 — Organização de pequenos álbuns, contendo:

a) Narração da vida da própria criança ou de um irmãozinho desde o nascimento, com dados recordados por ela mesma e contados pelos pais ou outras pessoas da família.

b) Ilustração do álbum com desenhos e fotografias relativos à vida da criança.
c) Indicação do nome da criança, idade, nome dos pais, irmãos e outras pessoas que convivam com ela no lar.

2 — Organização de mostruários ou exposições:
a) com roupinhas ou objetos usados pelos alunos, quando eram pequeninos;
b) com peças de vestuário antigas, do tempo dos avós ou de quando os pais eram crianças;
c) de objetos característicos do passado;
d) de fotografias ou recortes de outras épocas, etc.

B — NORMATIVA PARA O PROFESSOR:

Despertando o interêsse por fatos significativos ocorridos na vida das crianças através de perguntas sôbre acontecimentos familiares como nascimentos, aniversários, viagens, etc., promovendo a comparação do vestuário atual com o que usou em tempos passados e motivando a observação de aspectos da moda em diferentes épocas, favorecerá o professor a formação da idéia de sucessão do tempo, condição essencial à formação da consciência histórica do educando.

3.º OBJETIVO:

Despertar interêsse pelos símbolos da Pátria e levar a conhecê-los.

A — ATIVIDADES SUGERIDAS:
1 — Audição do Hino Nacional.
2 — Desenho, recorte, coladura, interpretação e memorização de quadrinhas e rimas para as festas escolares, tendo como motivo a Bandeira Nacional.

B — NORMATIVA PARA O PROFESSOR:

Segundo os recursos de que disponha a escola e conforme as possibilidades do meio, o Hino Nacional será ouvido pelas crianças em disco, ou por orquestra, em solo de algum instrumento, por meio do canto de uma pessoa ou de um côro.

De qualquer maneira a execução deverá ser absolutamente correta e as ocasiões de ouvir deverão se repetir até que o reconhecimento seja real e o aluno possa identificar a melodia do Hino Nacional.

Sugerimos, a seguir, algumas quadrinhas que se prestam para leitura, cópia, memorização, ilustração e para outras inúmeras atividades escolares:

1) "Não há por certo,
No mundo inteiro,
Pendão mais lindo
Que o brasileiro!"

2) "Bandeira de minha terra,
Pano sagrado e gentil,
Em cujas dobras se encerra
O coração do Brasil!"

3) "Minha formosa bandeira
Retrato do meu Brasil,
Desta pátria hospitaleira
Do céu azul como anil..."

4) "Olha êste pano, criança.
Um pano verde — esperança —
Que em todo o Brasil se vê.
De norte a sul tôda a gente
Dessa terra independente
Na sua grandeza crê."

OS ESTUDOS NATURAIS NA ESCOLA PRIMÁRIA

Novembro de 1954

A natureza influi na criança de modo poderoso, mesmo antes de freqüentar a escola, para a qual já traz um cabedal de conhecimentos, de experiências e observações, referentes ao meio em que vive.

O estudo das ciências naturais na escola primária, apresentando sêres e fenômenos, coloca a criança em contato direto com a natureza, promovendo, portanto, o desenvolvimento do espírito de observação, do raciocínio e da crítica, o hábito de distinguir o fundamental do acessório e de julgar sob um ponto de vista impessoal. Propicia, também, formação da atitude científica, dando-lhe ao mesmo tempo uma compreensão afetiva da natureza. Proporciona, ainda, a oportunidade da redescoberta de certas verdades, a admiração pelo esfôrço e pelo trabalho científico, bem como a aplicação dêsses conhecimentos no progresso industrial e melhoria das condições de vida.

Os estudos naturais, abrindo os olhos da criança para a natureza que a cerca, levam-na a amá-la cada vez mais, pois oferecem ricas oportunidades para muitas lições de moral, de civismo, de ordem, de disciplina, despertando o amor à verdade e o afeto aos demais sêres da natureza.

Proporcionando ao educando, sem formalismo, rico e variado material, podemos apontar como principais finalidades dos estudos naturais na escola primária, a formação e aquisição de atitudes, ideais e apreciações, métodos de pensamento, conceitos e generalizações, informações úteis, experiências, disciplina mental, conservação da herança da raça, preparação para estudos subseqüentes.

No estudo dos animais, importa à criança saber que se trata de um ser especialmente adaptado à vida em certas condições, quais as suas características gerais e suas relações com o homem.

No estudo das plantas, não é necessário que a criança conheça minúcias a respeito delas, mas saiba que vivem em determinadas condições

de meio e qual o seu valor na vida humana. Também a terminologia relativa às experiências, que vão sendo adquiridas, deve ser usada com propriedade e correção pelas crianças (germinação, desenvolvimento, embrião, pétalas, etc.), pois a dificuldade está na assimilação do conceito e não, apenas, no uso do têrmo.

Quanto ao corpo humano, deve a criança adquirir conhecimentos que, no mínimo, a levem a compreender a complexidade e a interdependência de seus órgãos e funções. Por outro lado, é mister capacitar a criança a perceber o valor da higiene, que deve ser praticada ou vivida por ela.

Assim, através de atividades interessantes, predominantemente práticas, todos os assuntos tratados poderão, com mais facilidade, ser fixados e desenvolvidos.

Na zona rural as oportunidades de observação em situações reais e as vivências dos alunos, relativas aos sêres e fenômenos da natureza, serão mais ricas do que na zona urbana. Não obstante, na cidade, o professor deverá proporcionar situações reais, em classe ou fora dela, a fim de que a aprendizagem se revista de cunho prático, evitando-se a simples memorização, com todos os seus inconvenientes. Dessa maneira, nos meios urbanos serão estudados, primeiramente os animais domésticos e as plantas de jardim; na zona rural, os animais úteis, em especial os que trabalham na lavoura, bem como as aves que povoam os matos, as principais culturas da localidade e os animais que prestam serviços, de modo geral; na zona litorânea ou ribeirinha, as espécies mais comuns de peixes e de plantas locais, bem como os fenômenos peculiares às mesmas.

OBJETIVOS GERAIS PARA O CURSO PRIMÁRIO

1. Despertar, na criança, o interêsse pela vida dos animais e das plantas em seu meio natural.

2. Prover o educando de conhecimentos sôbre sêres e fenômenos naturais, despertando e afirmando os sentimentos de bondade, de amor e respeito à natureza.

3. Formar hábitos de observação, investigação, comparação e apreciação, no contato direto com a natureza, levando a criança a redescobrir verdades científicas, afastando assim a idéia do falso sobrenatural, das arendices e superstições, através da valorização da verdade e desenvolvimento do espírito científico.

4. Dotar a criança de conhecimentos, hábitos e atitudes que a tornem capaz de defender a própria saúde e de colaborar para a defesa da saúde daqueles com quem convive.
5. Despertar na criança sentimentos e emoções, desenvolvendo o senso estético e religioso, a fim de formar espíritos reflexivos, capazes de "perceber" e "sentir" a ordem existente na natureza, a interdependência dos sêres e a revelação de suprema inteligência, causa de tôda perfeição.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O 1.º ANO

O estudo das Ciências Naturais deve ser feito desde o primeiro ano da escola primária, porque é o estudo da própria vida, da qual a criança já possui experiências. Cumpre ao professor conhecer, corrigir, coordenar e desenvolver essas experiências.

Deverá o mestre pôr as crianças em contato direto com a natureza, orientar-lhes a observação, de modo que desenvolvam processos próprios de investigação e pesquisa (pegar, cheirar, experimentar, etc.), despertando-lhes o interêsse pelas coisas e fenômenos da natureza e ajustando-as ao meio em que vivem. Prover-se-ão, assim, as mesmas, de conhecimentos úteis à vida. Êsses objetivos serão alcançados através de observações reais e experiências muito simples, sem formalismo.

Em processo globalizado deverá o professor, gradativamente, partindo das experiências ou conhecimentos que a criança já possui do assunto ao ingressar na escola, levá-la à aquisição de novos conhecimentos e à formação de hábitos que se harmonizem com os visados nos objetivos gerais da matéria e específicos desta série.

I — OBJETIVO

Iniciar a criança no conhecimento da vida dos animais e das plantas pela observação em ambiente natural.

A — TIPOS DE ATIVIDADES

1. Excursões:
   a) Palestras com as crianças, sôbre animais e plantas úteis e nocivos, mais conhecidos.
   b) Narração de historietas sôbre êsses animais e plantas.
   c) Apresentação de gravuras sôbre êles.

d) Observação e identificação dos mesmos, em situações vitais: Preparo da excursão, em classe — planejamento, realização e apreciação dos resultados.

2. Preparo de álbuns, frisos e quadros.
   a) Organização de listas com o nome de árvores, frutas, verduras, legumes, flores ou animais.
   b) Coleta e preparo de fôlhas de diversas plantas.
   c) Desenho ou recorte de frutas, fôlhas, árvores, animais, etc.
   d) Fixação ou colagem do material selecionado, nos lugares definitivos.
3. Interpretação e memorização de rimas ou quadrinhas sôbre os assuntos tratados.
4. Jogos e dramatizações.
5. Coleção de gravuras de animais e plantas.
6. Observações e experiências:
   a) Cuidado de um peixinho em aquário.
   b) Cultivo de plantas, pela classe.

B — NORMATIVA PARA O PROFESSOR

Para observar e identificar plantas e animais, são de grande valor as excursões que, necessàriamente, devem merecer cuidadoso preparc por parte do professor, sem o que não serão alcançados os objetivos previstos. Podem mesmo, as excursões sem preparo, além de dispersivas e inúteis, do ponto de vista da aquisição de conhecimentos, dar oportunidade à formação de maus hábitos, relativos à disciplina, ao respeito à propriedade alheia e outros.

A confecção de álbuns, frisos e quadros, pelas crianças, oferece ricas oportunidades para o desenvolvimento dos programas em situações vitais e de forma globalizada.

No caso dos alunos desejarem guardar material escolar coletado em excursões, para aplicação em frisos ou álbuns, como fôlhas, por exemplo, cuja conservação requer preparo especial, em se tratando de crianças de pouca idade, recomenda-se usar a seguinte pràtica: Conservação de fôlhas:

1) colocar, uma por uma, entre mata-borrão ou páginas de jornal dobradas três ou quatro vêzes;
2) prensar entre dois pedaços de tábua, papelão ou qualquer material

semelhante, pedras, tijolos, livros, para fazer pêso, a fim de ser mantida a necessária pressão sôbre os exemplares;

3) retirar da prensa, de dois em dois dias, mais ou menos, os maços que apresentarem mais umidade e deixá-los secar ao ar, sem abrir. Evita-se, assim, o môfo que pode fazer perder os exemplares, dando-lhes má aparência.

Se algum exemplar ficar enrugado, pode-se umedecê-lo em água pura e tornar a prensá-lo.

Verificando-se a completa secagem, podem ser as fôlhas fixadas em papel, por meio de tirinhas de fita plástica ou papel comum.

São de grande valor na aprendizagem as observações e as experiências, que devem ser praticadas desde a primeira série do curso primário, cabendo ao professor selecioná-las. Assim, é interessante o cuidado de pequeno aquário, em classe, para as crianças poderem observar aspectos da vida de um peixe, principalmente do ponto de vista da necessidade de alimentação.

Para proporcionar à classe diversas oportunidades de observação relacionadas com as plantas e suas necessidades essenciais de vida, é aconselhável que as crianças as cultivem, em vasos, na própria sala de aula. Além do aspecto estético que decorre dessa atividade, ainda levará à prática dos tratos culturais indispensáveis a algumas plantas muito comuns.

Outrossim, possibilita observar certos tropismos, de fácil constatação. Entre muitas experiências simples, ao nível desta série, sugerimos as seguintes:

1) Colocar um vaso de folhagem próximo a uma abertura iluminada, levando a classe a observar que as fôlhas procuram voltar-se para a luz, o que é fàcilmente constatado, se fôr alterada a posição primitiva do vaso.
2) Plantar em vasos ou latinhas, duas mudas da mesma espécie. Regar diàriamente uma delas, deixando a outra sem molhar. O objetivo desta experiência é levar a criança a descobrir que a água é indispensável à vida das plantas.
3) Com duas plantinhas semelhantes, como na experiência anterior, deixar uma nas condições naturais e a outra coberta com um copo ou qualquer anteparo transparente, de modo que não receba ar. Observando os resultados, a criança concluirá que, sem ar, a planta não poderá sobreviver.

4) Plantar alguns feijões em duas latinhas ou vasos e deixar um dêles em condições naturais, isto é, exposto ao sol e o outro no escuro (dentro de um armário, por exemplo). Regá-los diàriamente, para as crianças poderem comprovar que a planta necessita de sol para seu completo desenvolvimento.

Nas observações sucessivas de cada um dos aspectos estudados, cuidará o professor para que a criança vá induzindo ou tirando conclusões, que anotará em um caderninho especial, em linguagem muito simples, acompanhadas de desenhos ou ilustrações. Isto será possível, quando a classe já estiver alfabetizada; caso contrário, a professôra escreverá, ao lado das ilustrações feitas pela criança, a frase por esta elaborada.

As experiências a serem realizadas pelas crianças, nesta série, devem ser simples, curtas e ter por objetivo apenas a verificação dos fenômenos. Esta verificação será feita, sempre que possível, pela própria criança, guardando o professor suas explicações apenas para elucidar ou completar, nunca porém para substituir a experiência real e a oportunidade que a criança deve ter da auto-descoberta.

II — OBJETIVO

Despertar o interêsse pelas coisas e fenômenos da natureza.

A — ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Solução de pequenos problemas, tais como:
   a) Por que o dia é claro e a noite escura?
   b) Por que quando estamos ao sol, sentimos geralmente menos frio do que quando estamos à sombra?
   c) Para onde vão as águas da chuva?
   d) Que ventos sopram, quando faz frio?
   e) Como se formam as nuvens?
2. Realizações de experiências:
   a) Lavagem de dois pedaços de fazenda do mesmo tamanho e da mesma espécie, expondo um dêles ao sol e conservando o outro à sombra, para verificação do que seca em primeiro lugar.
   b) Confecção de cataventos e bandeirinhas para observar a existência, a direção e a fôrça dos ventos.

3. Observação de aspectos do tempo: dias de sol, de chuva, de vento e sombrios.
   a) Uso de sinais convencionais para representar no calendário da sala de aula, diàriamente, as variações do tempo.
   b) Desenhos, recortes e observação de gravuras representativos de aspectos produzidos pelas mesmas variações.
   c) Dramatização de cenas decorrentes de dias de chuva, vento, sol e narração de histórias relativas a êstes fenômenos.
   d) Jogos imitativos: assoprar objetos leves, reproduzir o ruído do vento na folhagem das árvores, etc.
4. Confecção de um pequeno calendário para conhecimento e fixação:
   a) Dos nomes dos dias da semana e dos meses;
   b) do número de dias da semana e do mês, bem como do número de meses do ano.

B — NORMATIVA PARA O PROFESSOR

A realização de experiências muito simples, tais como as que foram sugeridas, levará os alunos a descobrir que o sol é a fonte de luz e de calor terrestre e servirá para comprovar a existência, a fôrça e a direção dos ventos.

Cuidará o professor de que os alunos descubram por si mesmos, através de observações e experiências, a solução dos problemas levantados.

Por meio de gravuras, desenhos, jogos, dramatizações serão proporcionadas noções relativas aos fenômenos naturais: forma aparente do sol, da lua, das estrêlas e nuvens; aspectos dos dias de chuva, vento e sol; conseqüências dêsses fenômenos.

Num calendário feito pelos próprios alunos registarão êstes, diàriamente, o dia do mês, o nome do dia da semana e o aspecto do tempo, no referido dia, usando um sinal convencional, por meio do desenho ou de fichas prèviamente preparadas.

III — OBJETIVO

Concorrer para o ajustamento da criança ao pequeno meio em que vive — o lar, a escola.

A — ATIVIDADES SUGERIDAS

1. Excursões.
2. Observações e experiências.

B — NORMATIVA PARA O PROFESSOR

O desenvolvimento cuidadoso, de forma prática e em situações reais, das atividades tendentes a atingir os objetivos anteriores, concorre para que êste seja, concomitantemente, alcançado. O ajustamento da criança ao ambiente em que vive decorre, principalmente, do conhecimento do mesmo e pelo conseqüente interêsse, assim despertado. Isto se obtém através da valorização do próprio meio, pelo educando, cuja resultante será a formação afetiva favorável, capaz de levá-lo a sentir a beleza das coisas simples e naturais, bem como compreender o que de útil os fatôres — indivíduo e meio — podem oferecer à coletividade. Dessa forma estará a escola primária, através dos Estudos Naturais, contribuindo para o ajustamento e a fixação do indivíduo ao meio, problema de relevância nacional.

BIBLIOGRAFIA

1. Rezzano, Clotilde G. de — DIDÁTICA ESPECIAL — Ed. Kapelusz, Buenos Aires.
2. Souza, Geraldo Sampaio de — METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS NATURAIS — Ed. Conquista, Rio de Janeiro.
3. Rioja, Enrique — LAS CIENCIAS NATURALES EN LA ESCUELA PRIMARIA — E.D.I.A.P.S.A. México.
4. Valls, Vicente — METODOLOGIA DE LAS CIENCIAS FÍSICAS — Ed. Losada, Buenos Aires.
5. Idem — METODOLOGIA DE LAS CIENCIAS NATURALES.
6. Fesquet, Alberto E. J. — História Natural — Guia de trabajos practicos — Ed. Kapelusz — Buenos Aires.
7. Idem — Curso de Ciencias Naturales — 5.° grado.
8. Faria de Vasconcelos — Didática das Ciências Físicas e Naturais — Francisco Alves, Rio.
9. PROGRAMA DE CIÊNCIAS do Distrito Federal (Brasil).
10. Tesouro da Juventude.

EXCURSÕES ESCOLARES

Novembro de 1954

DOS VALORES DAS EXCURSÕES

As excursões escolares

1 — propiciam amplas e variadas experiências e a aquisição de novos conhecimentos;

2 — proporcionam excelentes oportunidades para a prática da cooperação, cortesia e sociabilidade, em situação natural;

3 — fomentam a compreensão entre os diferentes grupos sociais, econômicos, raciais, etc.;

4 — proporcionam, enfim, à classe "experiências vitais com pessoas, coisas e processos que não podem produzir-se na escola".

DOS TIPOS

As excursões escolares podem assumir vários aspectos:

1 — o de pequenas excursões — realizadas periòdicamente e que devem acompanhar o desenvolvimento do trabalho escolar e são de pequena duração. Realizam-se na mesma localidade ou em localidades próximas de modo a poderem ser efetuadas em um só dia ou dentro do horário escolar;

2 — o de grande excursões, também chamadas "caravanas ou embaixadas", abrangem um período de tempo maior de acôrdo com a finalidade visada e o planejamento organizado — uma semana ou mais. Podem ser realizadas em outras cidades, dentro ou fora do Estado, dentro ou fora do País.

Essas atividades podem ser:

a) de intercâmbio cultural, quando se destinam a visitas a centros culturais, como estabelecimentos de ensino, museus, galerias de arte, lugares históricos, etc.;

b) de estudos especializados, em conexão com as diversas disciplinas do curso;
c) de intercâmbio artístico, quando têm por finalidade demonstrações de orfeão, teatro estudantil, fantoches, exposições de monografias, desenhos, etc.;
d) de intercâmbio esportivo, quando se destinam a jogos e competições esportivas.

DA ÉPOCA E DURAÇÃO

A época mais recomendada é o período das férias de inverno, principalmente para as grandes excursões, excetuando-se as que, pela própria finalidade, requerem o funcionamento de aulas, como, por exemplo, a relacionada com Didática e Prática da Educação Primária.

As grandes excursões, com prazo máximo de 30 dias, só podem realizar-se em época que não acarrete prejuízo à execução dos programas nem transtôrno aos períodos de exames.

Em nenhum caso, porém, o término dessas atividades deve ir além de 15 de outubro.

DOS PRINCÍPIOS

A excursão deve ser planejada, organizada e realizada de acôrdo com os seguintes princípios:

1 — Ter objetivos bem definidos.
2 — Ser precedida de sólida preparação.
3 — Seguir o planejamento.
4 — Relacionar-se tanto quanto possível com o trabalho de classe.

DA ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO

As excursões escolares podem ser realizadas no princípio, durante ou no fim — como motivo, esclarecimento ou complemento — de uma unidade de aprendizagem e exigem:

a) preparação adequada da classe, para que os alunos compreendam as razões da excursão e suas responsabilidades individuais e coletivas;
b) providências quanto ao transporte, alojamento, etc.;
c) entendimento pessoal ou por correspondência com as entidades concorrentes às competições artísticas, esportivas ou com os encarregados dos lugares a visitar;

d) planajamento das atividades dos alunos, durante a visita;

e) realização da excursão;

f) discussão e apresentação dos resultados a que chegaram.

Recomenda-se, sempre que possível, o conhecimento prévio, por parte do professor, do lugar a ser visitado.

Da elaboração do planejamento deve participar tôda a classe, embora nem todos os alunos possam tomar parte na excursão.

Devem tomar parte nas grandes excursões os alunos da 3.ª série do C.F.P.P., podendo as vagas, se existentes, ser distribuídas entre os alunos das demais séries.

O número de professôres acompanhantes depende do tamanho da turma, devendo a direção, no entanto, ser confiada ao professor da disciplina relacionada com a excursão.

Exige-se dos candidatos, além da apresentação de licença dos pais ou responsáveis, atestado de sanidade física e mental, passado por autoridade competente.

DOS RECURSOS

As excursões só podem se realizar sem ônus para o Estado, visto a Secretaria de Educação e Cultura não dispor de dotação orçamentária para êsse fim.

Na obtenção de recursos, devem ser permitidos sòmente os meios que estejam ajustados aos propósitos educativos e que não firam a dignidade exigida à atitude de futuros educadores.

DAS CONDIÇÕES DE LICENÇA

As excursões de uma ou mais semanas dependem de licença prévia desta Secretaria, mediante requerimento, acompanhado dos seguintes comprovantes:

1 — Planejamento da excursão;

2 — Relação nominal de alunos e professôres que nela tomam parte;

3 — Prova dos recursos orçamentários de que dispõem.

DAS EXCURSÕES AO ESTRANGEIRO

A viagem ao estrangeiro exige uma preparação mais demorada, implicando em entendimento com os representantes diplomáticos do país a ser visitado e os representantes do país que visita.

Além disso, recomenda-se o reconhecimento de mapas, guias, horários, prospectos, tudo, enfim, que permita a elaboração de um plano bem organizado.

E' da maior importância não esquecer certos detalhes, como bagagem reduzida, malas bem marcadas e conhecimento do câmbio do país a ser visitado, a fim de se obter o melhor aproveitamento do dinheiro.

Acrescenta-se, ainda, o conhecimento de, pelo menos, umas "cem palavras do país a ser visitado, especialmente as que se referem a números, moedas, transportes e alimentação".

DO RELATÓRIO

Finda a excursão, os alunos, sob a direção do professor responsável, devem apresentar à escola as conclusões a que chegaram, bem como o material colhido. Tudo isso deve constituir relatório circunstanciado que passará a fazer parte do museu pedagógico da escola, como fonte de consulta.

BIBLIOGRAFIA

Manual do Professor Primário — Theobaldo de Miranda Santos
A Escola Primária Rural — Ruth Ivoty Torres da Silva
Metodologia da Geografia e da História — Dinara Leite
Metodologia das Ciências Físicas e Naturais — José de Almeida
Didática das Ciências Naturais — Farias de Vasconcelos
El Tesoro del Maestro — Edição Labor
Enciclopedia de la Educacion Moderna — Harry Rivlin e Herbert Schueler
Metodologia General de la Enseñanza — Hernandez Ruiz
Aspectos de la enseñanza de la Geografia — John Hocket e E. W. Jacobsen
A Educação e seu Aparelhamento Moderno — Francisco Venâncio Filho

MÉTODOS E PROCESSOS DE ENSINO

Dezembro de 1954

I — MÉTODO — CONCEITO

Em geral, método (caminho que se deve seguir), pode definir-se: "o conjunto dos processos que deve empregar o espírito humano na investigação e demonstração da verdade." (1)

"A palavra método, vindo do grego, significa, resumidamente, caminho. O método, efetivamente, é o caminho, o plano, a ordem que o professor segue no desenvolvimento de um curso.

"Os métodos são normas para o ensino; são essencialmente, modos de ordenar e desenvolver os conhecimentos, de forma que o aluno possa assimilar fàcilmente, economizando, quanto possível, tempo e esforços." (2)

"Tôda a atividade humana é metódica, quando está sujeita à ordenação ou plano preconcebido e forma de tal arte uma unidade ou complexo de um caráter funcional." (3)

"A palavra método é de origem grega — meta odos — e significa "caminho para chegar a um fim." Por conseguinte, de um modo geral, podemos considerar metódica qualquer atividade refletida e ordenada visando atingir uma determinada finalidade. Sob o ponto de vista científico, porém, o método representa o conjunto de processos que o espírito humano deve empregar para a investigação e a demonstração da verdade.

No estudo de uma ciência, podemos visar três objetivos, constituindo cada um dêles uma etapa do trabalho científico:

1) pesquisar as verdades de que se compõe essa ciência;

2) sistematizar os resultados dessa pesquisa;

3) expor ou ensinar as verdades descobertas e sistematizadas.

Daí as três espécies fundamentais de método científico, correspondendo

a cada uma dessas finalidades:

1) métodos inventivos
2) métodos sistemáticos
3) métodos didáticos.

Os dois primeiros pertencem à lógica e o último à pedagogia." (4)

"Ordem ou sistema que se segue no estudo ou ensino de qualquer disciplina.

Filos. — Reunião dos meios que se empregam nas ciências para achar a verdade." (5)

"Emprêgo dos meios que se julgam os mais próprios para chegar a um fim; maneira de dizer, de fazer, de aprender, de ensinar qualquer coisa seguindo certos princípios e com uma certa ordem.

Na acepção filosófica, o método é a marcha racional do espírito para chegar ao conhecimento ou à demonstração da verdade.

O método é necessário ao progresso da ciência, à descoberta da verdade e à transmissão dos conhecimentos obtidos ou ao ensino." (6)

II — PROCESSO — CONCEITO

"As opiniões divergem quanto ao conceito de processo didático. Alcântara, Patrascoin e Charrier o consideram como "meios empregados na aplicação dos métodos".

Para Achille, os processos são aquêles meios mais ou menos externos que servem para dar instrução com mais clareza, variedade e eficiência.

Segundo Gonzales, os processos se diferenciam dos métodos porque êstes apresentam caminhos mais gerais e mais amplos, enquanto aquêles são circunscritos e minuciosos.

O método é o caminho, os processos são a marcha ou a maneira de andar pelo caminho na viagem do aprendizado.

Êles variam de matéria a matéria e de método a método.

Em suma, podemos definir os processos como recursos práticos utilizados na aplicação dos métodos.

O professor que numa lição de gramática parte de exemplos para atingir a regra, usa o método indutivo. Se mandar, em seguida, o aluno fazer um exercício de aplicação para verificar se a regra foi compreendida, recorre a um processo. A eficácia do ensino depende por conseguinte da escolha judiciosa e do bom emprêgo dos processos didáticos."

"Um exemplo sugerido por Gonzales distingue claramente êsses conceitos.

"Numa aula de ciência estuda-se o milho. O método analítico permite considerar as diferentes partes da planta: raiz, caule, fôlha, flores e frutos.

Dentro dêsse método, porém, podem ser empregados vários processos: a planta em seu estado natural, trazida pelo mestre, pelo aluno, ou observada na horta ou no campo, a planta desenhada no quadro-negro ou representada numa gravura. São processos intuitivos." (4)

III — MÉTODO E PROCESSO

"Para caracterizar ambos os têrmos de modo que resultem numa acepção distinta e inconfundível, teremos que atribuir a método o significado de *rota, direção* ou *orientação* seguida para ir até alguma coisa ou lugar ou para alcançar algum objeto ou fim; e a processo, o de via precisa, escolhida para marchar dentre os rumos assinalados pelo método.

Quanto mais aprofundarmos o estudo mais claramente nos iremos dando conta de que *método* é têrmo *genérico* dentro do qual se podem seguir vários processos; enquanto que *processo* é têrmo *específico,* que expressa alguns dos processos particulares que se podem seguir dentro de tal ou qual método." (7)

IV — MÉTODO PEDAGÓGICO

"Diversos têm sido as definições de método pedagógico formuladas pelos educadores modernos. Para Willmann, "o método é um princípio ou direção elaborado pelo mestre para, de acôrdo com o mesmo, realizar o seu trabalho educativo" e, segundo Aguayo, a "maneira de levar a cabo os fins da educação com a maior eficácia e economia possíveis.

Hernandez Ruiz e Benedi Tirado dão ao método pedagógico uma definição mais ampla:

"conjunto ou síntese organizada de meios educativos que se baseiam em conhecimentos psico-fisiológicos claros, seguros e completos, assim como em leis lógicas, e que, realizados com capacidade técnica e artística, conseguem da maneira mais direta e fácil o objetivo proposto à personalidade em formação do educando." (8)

V — CONCLUSÕES

Analisando a opinião dos vários autores chegamos às seguintes conclusões:

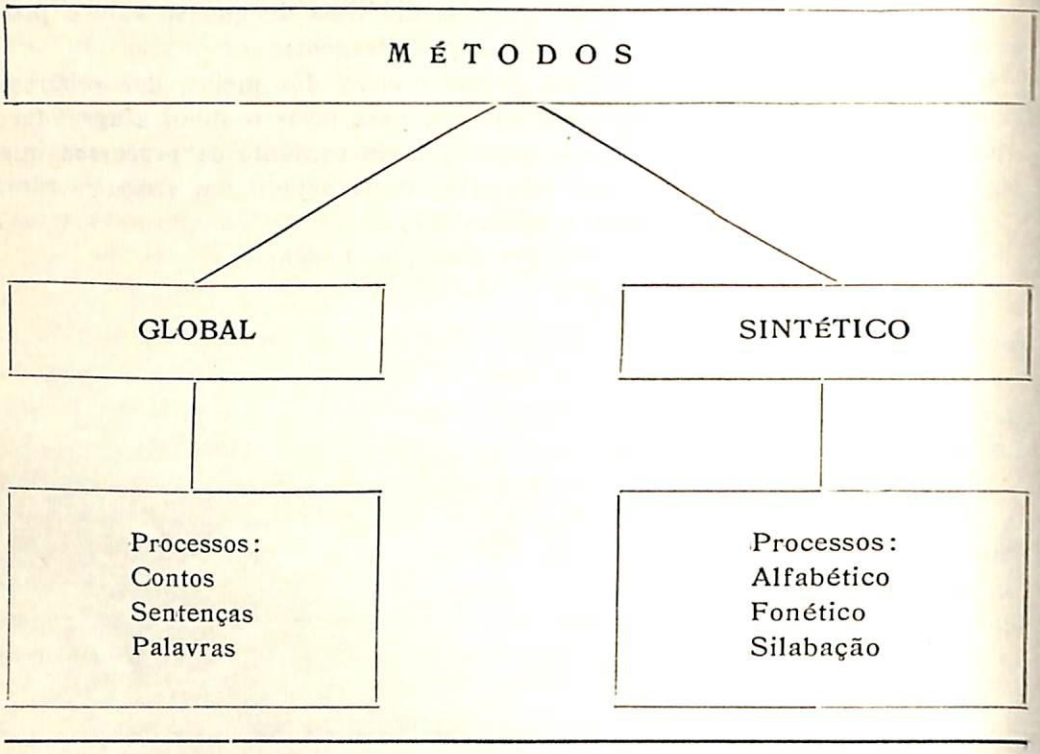
a) método é têrmo genérico e sob o ponto de vista pedagógico significa

o conjunto de processos, de medidas didáticas de que se vale o professor para orientar e dirigir a aprendizagem;

b) processo é têrmo específico, representativo dos meios, dos recursos utilizados pelo professor para ensinar, para levar o aluno a aprender;

c) "Temos em definitivo que o método é um conjunto de processos que permitem alcançar determinados fins como sejam, um conhecimento, uma descoberta ou uma verdade." (7)

Em se tratando da leitura, por exemplo, temos:



Assim, o método global abrange o processo de contos, o processo de sentenças e o processo de palavras.

Autores de renome como Aguayo, empregam os têrmos método e processo, indiferentemente, isto é, com a mesma acepção. (Veja-se Didática da Escola Nova, págs. 106, 134, 135, 136, 137, 140, 155, etc.)

Assim, como os processos de ensino mencionados, isto é, o processo de contos, o processo de sentenças e o processo de palavras, constituem uma forma completa de trabalho, pois que envolvem uma série de recursos, de meios e medidas que o professor utiliza para alcançar os objetivos que tem em vista, admite-se sejam os mesmos também chamados métodos.

O que não se pode e não se deve admitir é o que muito comumente se ouve dizer: Método de Lili, Método de Sarita. Os livros cujos personagens centrais são Lili e Sarita, não constituem métodos de ensino: adotam, sim, o processo de contos ou o método de contos.

Apresentamos, anexo a êste, alguns gráficos com a finalidade de bem esclarecer o assunto de que trata o presente comunicado.

MÉTODO	PROCESSO
Etmològicamente "caminho para chegar a um fim."	"Meios práticos utilizados na aplicação dos métodos."
Filosòficamente, "o conjunto dos processos que deve empregar o espírito humano na investigação e demonstração da verdade."	"Aqueles meios mais ou menos externos, que servem para dar instrução com mais clareza, variedade e eficiência."
Sob o ponto de vista pedagógico, o conjunto dos processos empregados para atingir determinados fins ou objetivos visados pelo ensino.	Recursos de que o professor lança mão para ensinar, para alcançar os fins visados pela educação.
Têrmo genérico dentro do qual se podem seguir vários processos.	Modo de dirigir a aprendizagem: motivação; exercícios de reconhecimento de sentenças ou palavras; atividades diversas: cópias, ditados, desenhos, jogos, etc.
Exemplo: Método global — parte do todo (conto, sentença, palavra).	

ENSINO DA LEITURA

MÉTODO: GLOBAL

PROCESSO: SENTENÇA
O ensino parte da sentença

1. Motivação

2. Apresentação do cartaz com a frase em letra de imprensa.

3. Exercícios de identificação.

4. Apresentação da frase no quadro-negro em letra manuscrita.

5. Exercícios de identificação e reconhecimento.

6. Cópia da frase pelas crianças.

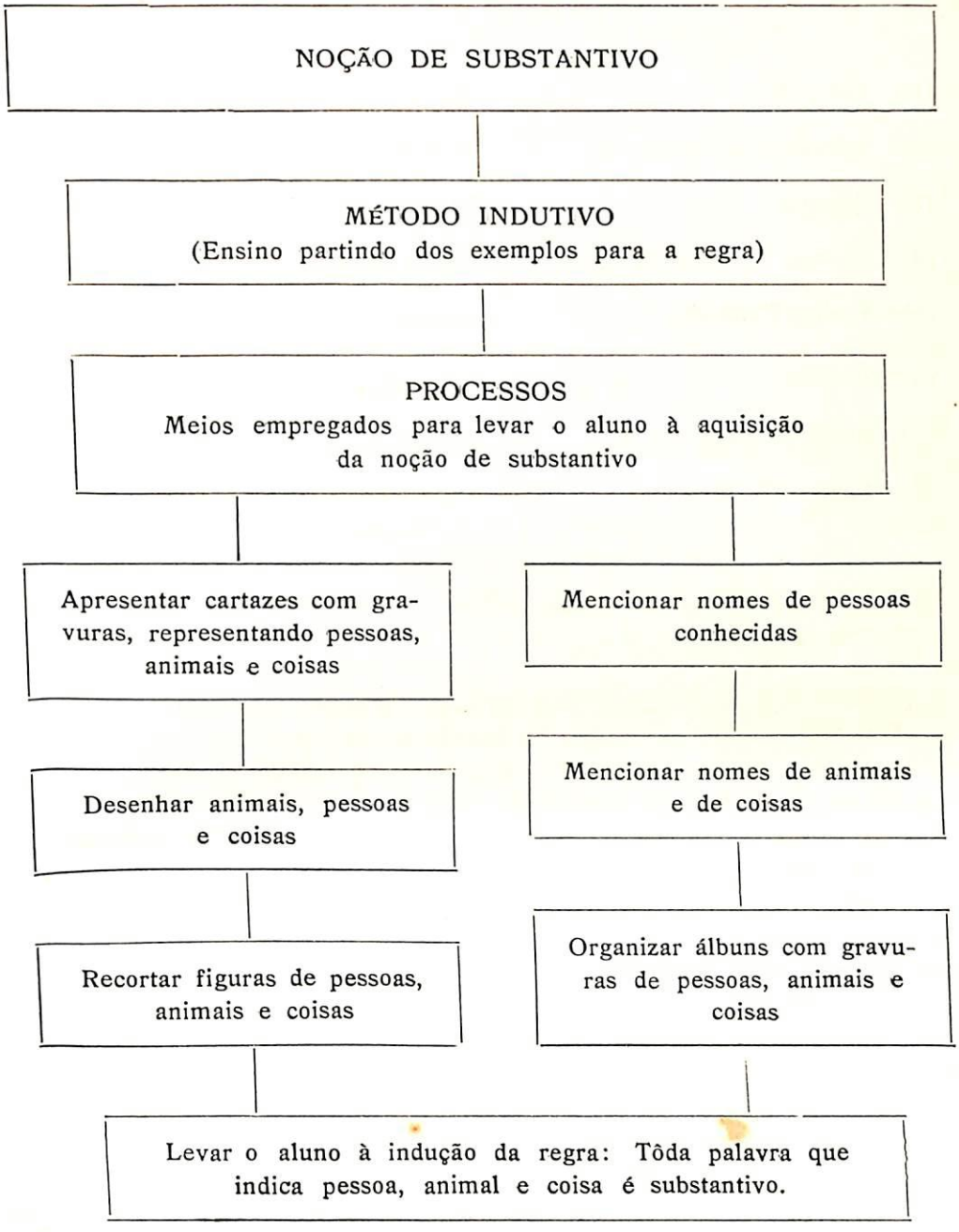
7. Divisão da frase em palavras.

8. Exercícios de identificação e reconhecimento das palavras.

9. Escrita das palavras.

10. Divisão das palavras em sílabas e sons.

11. Exercício de composição de novas palavras.


NOÇÃO DE SUBSTANTIVO
MÉTODO INDUTIVO
(Ensino partindo dos exemplos para a regra)
PROCESSOS
Meios empregados para levar o aluno à aquisição da noção de substantivo
Apresentar cartazes com gravuras, representando pessoas, animais e coisas
Desenhar animais, pessoas e coisas
Recortar figuras de pessoas, animais e coisas
Mencionar nomes de pessoas conhecidas
Mencionar nomes de animais e de coisas
Organizar álbuns com gravuras de pessoas, animais e coisas
Levar o aluno à indução da regra: Tôda palavra que indica pessoa, animal e coisa é substantivo.

BIBLIOGRAFIA

(1) Lahr, G. — Manual de Filosofia

(2) Carbonell e Migal, A. — Metodologia do Ensino Primário

(3) Aguayo — Didática da Escola Nova

(4) Santos, T. Miranda — Metodologia do Ensino Primário

(5) Freire, Laudelino — Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguêsa

(6) Quillet — Dictionaire enciclopédique

(7) Bassi, Prof. Angel C. — Principios de Metodologia General

(8) Santos, T. Miranda — Noções de Filosofia da Educação

A TÉCNICA DE PESQUISA

Dezembro de 1954

INTRODUÇÃO

Modernamente, o trabalho de educação põe mais ênfase sôbre o educando do que sôbre as matérias de ensino.

A técnica passou do "ensinar" para o "aprender". "Educar" é mais importante do que "instruir".

Apesar de ser isto questão pacífica, continuamos, lamentàvelmente, a dar mais importância ao conteúdo do programa do que ao desenvolvimento do educando.

Ainda queremos munir o aluno de uma grande bagagem de conhecimentos, para que esteja em condições de vencer na vida. E' preciso, no entanto, apercebermo-nos (e não apenas teòricamente) de que não é a soma de aquisições intelectuais que nos prepara para enfrentar as dificuldades, mas sim é a nossa formação pessoal que nos dá mais ou menos capacidade de mobilizar energias e superar obstáculos. Não são os cursos que dão valor às criaturas, mas sim as criaturas se valorizam conforme o proveito que tiram dos cursos; não são os programas que preparam os discípulos, mas sim os discípulos valem pelo uso que sabem fazer das matérias de ensino.

Por outro lado, a complexidade da vida moderna e o extraordinário alargamento da ciência trouxe, como decorrência, a impossibilidade de abarcar todo o conhecimento da época e a necessidade de especialização. Assim sendo, torna-se necessária uma visão geral do mundo do conhecimento e um domínio mais aprofundado de um determinado setor.

A escola (e aqui não se faz distinção de grau) tem, pois, entre outros, dois objetivos:

— fornecer conhecimento aos indivíduos e
— tornar êstes indivíduos capazes de adquirir, ampliar e aplicar conhecimentos — sendo êste mais importante.

Um dos meios mais eficazes, para a realização dêsses objetivos, é introduzir na classe o hábito de pesquisa.

CONCEITUAÇÃO

Por "pesquisa" entendemos uma investigação cuidadosa sôbre um tema, de certa extensão, que traga sempre uma contribuição original, uma inferência pessoal sôbre o que já foi dito a respeito. A pesquisa pode ser de laboratório, social ou simplesmente bibliográfica. Nós nos ocuparemos principalmente desta última. Mas a mera cópia de dados não constitui pesquisa; é preciso que dessa compilação se tirem ângulos novos. A pesquisa é uma tese em miniatura, com a diferença de que a tese procura argumentar, defender um ponto de vista, e a pesquisa procura simplesmente informar, expor, sendo, portanto, necessário que o pesquisador se liberte de posições preconcebidas.

IMPORTÂNCIA

Êste tipo de trabalho é de valor educativo extraordinário. Estimula o pensamento reflexivo, a objetividade, a criatividade, a iniciativa, a perseverança, a honestidade e o senso de responsabilidade — além de levar a fundo o conhecimento sôbre o tema. A pesquisa, se bem motivada, representa para o estudante a realização de uma obra sua, de grande valia, que lhe custou muito esfôrço e da qual se orgulha.

ETAPAS

A realização de uma pesquisa deve obedecer a uma sequência ordenada, que apresentaremos a seguir.

1.º — ESCOLHA DE UM TEMA

O professor poderá sugerir uma série de assuntos, mas é de conveniência que o aluno faça êle mesmo a sua escolha. A matéria deverá ser aquela que lhe desperte a curiosidade e o interêsse, que seja, por si só, a mola impulsora do trabalho. Mas a pesquisa deverá ser interessante, tam-

bém, para o leitor. Assim, convém que o tema escolhido seja atraente e a linguagem viva e simples.

O assunto não deverá ser por demais conhecido do pesquisador, pois quer-se estimular a busca bibliográfica, a leitura, o estudo.

Depois do assunto escolhido, é preciso limitar o campo. Temas muito amplos perdem-se em generalidades, sem dar lugar a contribuições pessoais.

2.º — CONHECIMENTO DA LITERATURA SÔBRE O ASSUNTO

Seja qual fôr o tipo de pesquisa, é preciso fazer sempre um levantamento bibliográfico sôbre o assunto. A leitura do que já foi escrito a respeito é indispensável não só para instruir e atualizar o pesquisador, como também para lhe evitar perda de energias e tempo, em repetições estéreis. Durante esta busca pode ir já anotando (preferìvelmente em fichas) os tópicos que lhe serão de valia na realização da pesquisa.

3.º — PLANEJAMENTO

Tôda a atividade que tenha um objetivo, requer um plano para orientar seu desenvolvimento. O planejamento estabelece a idéia central da pesquisa, os tópicos que nela devem figurar e a seqüência dêles. O planejamento é um esbôço do trabalho, que servirá de guia, devendo, portanto, ser lógico e claro.

4.º — REALIZAÇÃO

A esta altura, então, efetua-se a pesquisa, seguindo o planejamento. Se a pesquisa fôr bibliográfica, realizam-se as leituras com o fito de colher dados precisos, dispondo-os na ordem adequada e enriquecendo-os de contribuições pessoais. Se a pesquisa fôr social ou de laboratório, efetuam-se as observações, as experiências, e os respectivos registros.

5.º — RESULTADO

Nesta etapa dá-se o balanço do trabalho, as conclusões a que se chegou e a consideração das inferências.

6.º — RELATÓRIO E PUBLICAÇÃO

Por fim, a comunicação da pesquisa. O relatório pode ser oral ou escrito e nêle deverão constar os seguintes ítens:

a) introdução, em que podem figurar os motivos da pesquisa e o estado atual da matéria no campo do conhecimento;
b) esclarecimento da técnica de investigação utilizada;
c) apresentação do assunto pròpriamente dito, com sua idéia central e demais tópicos;
d) conclusões;
e) sumário;
f) relação bibliográfica.

CONCLUSÃO

E' de valor inestimável para a educação que os alunos realizem pesquisas, pois assim mobilizarão energias que permanecem mortas no ensino passivo. Só a participação ativa e profunda do educando é que leva à aprendizagem efetiva.

BIBLIOGRAFIA

Williams, Cecil B. and Stevenson, Allan H. *Research Manual*. N. York. Harper & Brothers, 1951.

Underwood, Benton J. *Experimental Psychology*. N. York: Appleton - Century. Crofts, Inc., 1949.

SUGESTÕES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS CLASSES DE I ANO

Dezembro de 1954

MATEMÁTICA

E' aspiração da pessoa humana afirmar-se, realizar-se, utilizando a própria potencialidade na elaboração de significados, no estabelecimento de relações, na criação de variados recursos para a interpretação racional da realidade.

Como produto dessa atitude mental e atividade humana, descobrem-se conceitos, relações, processos e símbolos matemáticos.

Quando o educando, vivendo situações reais, usando materiais manipulativos e audio-visuais, descobre a estrutura do sistema numérico, as inter-relações operacionais, as equivalências das partes da unidade, estabelece o conceito dos diversos padrões de medida, não só se capacita a solucionar questões matemáticas ligadas a problemas vitais, como adquire recursos para progredir na atitude reflexiva própria do pensamento evoluído.

A aprendizagem da Matemática, quando desenvolvida por métodos didáticos que atentem para as características do educando e da psicologia da matéria, traz possibilidades de promover a correta prática das operações do pensamento, fator influente na disposição do indivíduo para qualquer aprendizagem, pondo em atividade processos mentais como a indução, a abstração, a generalização, a reversibilidade do pensamento e levando o indivíduo a elaborar sistemas de idéias e relacioná-las com a realidade.

Para guardar fidelidade ao caráter propedêutico e instrumental da matéria, tornando o indivíduo apto ao uso do número e dos processos aritméticos, nas situações reais, deverá a aprendizagem da Matemática proporcionar ao educando , auto-suficiência na solução de problemas vitais e re-

cursos para cooperar em empreendimentos comuns, para ajustar-se a novos padrões culturais e promover o desenvolvimento da própria eficiência pessoal.

OBJETIVOS GERAIS DA MATÉRIA

I — Desenvolver, no educando, o pensamento matemático.

II — Capacitar o aluno a formular e resolver os problemas mais comuns e simples que a vida apresenta, com os recursos que a escola primária oferece.

III — Promover prontidão e habilidade no cálculo aritmético.

DIRETRIZES PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO 1.º ANO

Ao ingressar na 1.ª série do curso primário, a criança traz consigo uma série de conhecimentos matemáticos adquiridos através de experiências vividas no Jardim de Infância ou fora dêle.

Convém que o professor atente para o fato que ocorre comumente às crianças desta idade: recitam a série numérica, mecânicamente, sem ter noção do que os números significam, uma vez que lhes faltam experiências concretas relativas às quantidades que êles representam, ocorrendo o mesmo com as noções referentes às idéias de tamanho, forma, pêso e outras.

E' necessário levar a criança, pouco a pouco, a dar significação aos conceitos numéricos, bem como a outros conceitos matemáticos exigidos pelo programa vigente. Êste objetivo, que deve ser o máximo de cada professor, só poderá ser atingido através de experiências concretas, variadas e interessantes que levem os alunos a manipular materiais, recortar, desenhar, modelar, usar a representação gráfica. Com um trabalho assim dirigido, poderá o professor levar o aluno, través da indução, a elaborar conceitos, descobrir relações numéricas e construir um vocabulário quantitativo.

Quanto maior fôr o tempo e o esfôrço despendidos com a aprendizagem no 1.º ano e da base que fôr dada, nesta série, a criança — base rica em experiências quantitativas — maior será o progresso que ela terá nos graus seguintes.

A leitura e a escrita de números, a automatização, das relações numéricas decorrem, naturalmente, quando precedidas de um rico e sistematizado conjunto de experiências concretas e semi-concretas, adquiridas em situações vitais que atendam aos interêsses dos alunos.

Não obstante esta realidade pedagógica, o professor deverá organizar e distribuir, de acôrdo com as necessidades individuais, exercícios especí-

ficos, tendo em vista a fixação de conceitos, relações e processos, adquiridos através de um trabalho de elaboração própria.

Para as crianças, as atividades devem apresentar-se como necessárias para resolver problemas surgidos na classe, ocasionalmente, ou como decorrência de um planejamento prévio.

Para o professor, as atividades serão planejadas e orientadas, tendo em vista um objetivo definido, específico da matéria, em harmonia com as condições antes mencionadas, características do trabalho informal, realizado pelos alunos.

Atendendo a êstes aspectos tão importantes ao ensino de Matemática, apresentamos algumas sugestões que visam desenvolver:

I — A compreensão de conceitos relacionados com as noções de:

A — tamanho
B — distância
C — posição
D — forma
E — quantidade
F — pêso
G — ordem
H — tempo
I — valor

II — A significação de conceitos numéricos.

A — TIPOS DE ATIVIDADES — para atender ao item I:

1 — Construções diversas: casas, navios, veículos e outras, com o aproveitamento de cubos, prismas, cilindros de diferentes tamanhos.

2 — Brinquedos e jogos:

a) Organização de filas pela ordem crescente de altura. Dispersão. Reorganização.

b) Formação de filas com designação, pela ordem, das pessoas que as constituem: 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e a última.

c) Formação de grupos de pessoas e objetos.

d) Jogos:
"A minha direita está desocupada",
"O chefe manda" e outros.

e) Adivinhações:
Que está em cima da mesa, em baixo da cadeira, ao lado do quadro-negro, dentro da caixa, etc.

3 — Arrumação da sala de aula:
Confecção de frisos com figuras de pessoas, animais e plantas orde-

nadas pelo tamanho. Colocação de objetos, em lugares apropriados, em diferentes posições.

4 — Representação de paisagens e cenas no tabuleiro de areia, no quadro-negro, em retângulos de pelúcia, cartolina, etc.

5 — Preparação de festas, como por exemplo:

a) Festa da Páscoa — Pintura e distribuição de ovos. Arranjo de ninhos. Desenho, recortes, pintura e modelagem de ovos e coelhinhos. Ornamentação da sala de aula, com balões (redondos e ovais) e com motivos da Páscoa. Prática de jogos com bolas.

b) Festa das Mães.

Organização de álbuns para oferecer às mães, compostos de gravuras ou desenhos representativos de atividades da experiência diária da criança, no lar ou na escola; de fases da vida dos animais e das plantas. Preparo de refrescos.

6 — Dramatizações.

NORMATIVA

Orientando as atividades aqui propostas para desenvolver a compreensão de conceitos relacionados com as idéias de tamanho, distância, posição, forma, quantidade, pêso, etc., terá o professor oportunidade de verificar as noções já dominadas pelas crianças, segundo seus próprios recursos e insistir, através de um trabalho não formal, nos conceitos que não foram suficientemente compreendidos, corrigindo-os e desenvolvendo-os.

Surgida na classe, a necessidade de formar filas (para um jôgo, por exemplo), proporá o professor a seus alunos a organização pela ordem crescente de altura. Dispondo-os, com o auxílio dêstes, terá oportunidade de apreciar e desenvolver, em situação natural, a compreensão dos têrmos: maior que, menor que, o maior, o menor, alto, baixo, mais alto, mais baixo, o mais baixo, o mais alto, primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, último, na frente, atrás.

Formuladas perguntas, para estimular a capacidade de observar e comparar, as respostas surgirão prontamente:

A ..... é o aluno *menor* da classe.

F ..... é o aluno *maior* da classe.

O 1.º aluno da fila será A... porque êle é o *menor*, o mais baixo; o último será F... porque êle é o maior, o mais alto; B... ficará em segundo lugar, porque êle é *maior que* A... D... ficará *antes de* M...

porque *é menor que* êle. A dispersão dos alunos, a um sinal convencional, no pátio, e a reorganização da fila constitui brinquedo que muito agrada às crianças, ao mesmo tempo que lhes proporciona a aprendizagem da significação daqueles vocábulos e seu emprêgo correto.

Outro brinquedo que poderá ser proposto à turma, se necessário, é a entrada dos animais no circo, ordenados pelo tamanho: virá em 1.º lugar o cão, em 2.º, o macaco, em 3.º, o cavalo, em 4.º, o elefante, etc.

Na hora das "construções", aproveitando cubos, prismas e cilindros de diversos tamanhos, não só se revisarão algumas das noções (menor, maior, 1.º, 2.º, etc.) já adquiridas, como ainda haverá oportunidade do emprêgo de outros vocábulos (como em baixo, em cima, ao lado, muitos, poucos, mais, menos, curto, comprido, largo, estreito) ao chegarem as crianças, orientadas pelo professor, às seguintes conclusões:

Para esta casa eu preciso de *muitos* blocos de madeira.

Para fazer êste... eu preciso de *menos* blocos. Para fazer êste navio eu vou precisar de *mais*.

Para fazer esta porta, ou arco, eu preciso de *poucos* blocos de madeira.

Em cima dêste bloco eu vou colocar êste para ficar mais bonito; *ao lado*, eu vou usar êstes porque são menores.

Realizando estruturas simétricas ou não, desenvolverá o aluno, noções de tamanho, forma, posição, número e pêso.

Nestas condições, os vocábulos são usados conscientemente, porque as noções foram concretamente aprendidas e vitalizadas.

Brincando de "A minha direita está desocupada", aprenderão a distinguir a direita, a esquerda, noções que poderão ser desenvolvidas e aplicadas através de um jôgo, como por exemplo:

"O chefe manda" ...

... que Maria fique à direita de Lúcia, que João fique atrás de Maria, que ... se coloque à direita de ..., etc., etc.

Outras atividades, tais como adivinhações, representações, preparação de festas, etc., poderão ser propostas à classe com o objetivo de aplicar e fixar conhecimentos já adquiridos ou proporcionar novos

Para representar paisagens e cenas no tabuleiro de areia, no quadro-negro, em retângulos de pelúcia, cartolina, etc., deverá o professor levar os alunos a observar, preliminarmente, a paisagem ou cena a ser representada.

Usando medidas não convencionais, como passo, pé, palmo, réguas, etc., verificarão os alunos pelo número de vêzes que empregam o instrumento de medida (muitas vêzes, poucas vêzes, mais ou menos vêzes) as distâncias

relativas entre os vários elementos componentes da paisagem ou cena.

Dirão as crianças:

A árvore está *perto* da escola.

A igreja está *longe* da escola.

A igreja está *mais longe* do que a casa de Pedrinho.

A árvore está *mais perto* da escola do que a casa de Pedrinho.

A árvore está *entre* a escola e a casa; *depois* da escola, *antes* da casa.

Através da modelagem, do desenho e recorte, da dobradura e da colagem, conseguirão os alunos, orientados pelo professor, os elementos necessários à construção da cena. Embora sejam estas atividades manuais meios indispensáveis ao desenvolvimento e à fixação de noções matemáticas, não deverá o professor esquecer, durante sua realização, os cuidados que devem envolver a formação de hábitos desejáveis.

A disposição dos elementos, no conjunto, será feita pelos alunos, sob a orientação do professor, para que sejam aplicadas, corretamente, as noções adquiridas.

Fixando datas para a realização de festas, familiarizar-se-ão os alunos com o uso do calendário, tornando-se significativos os conceitos de tempo, tais como:

A nossa festinha se realizará *dia* . . .

Faltam, ainda, *muitos dias* para a nossa festinha.

Nossa festa se realizará pela *manhã* ou à *tarde*?

Ontem, nós recortamos gravuras de coelhinhos para enfeitar a sala de aula.

Hoje, vamos colar estas gravuras.

Amanhã, vamos terminar de arrumar a sala.

Nossa festa está marcada para às *9 horas.*

Nesse dia, nós viremos bem *cedo* para a escola.

A nossa festa vai terminar *tarde.*

Preparando refrescos, terão os alunos oportunidade de usar canecas ou garrafas de litro e meio litro, adquirindo, dessa maneira, noções relativas às quantidades correspondentes a estas medidas.

Pintando ovinhos para a Páscoa, observando e comparando balões, recortando gravuras para álbuns, concretizar-se-ão noções referentes à forma, tais como: redondo e oval.

Dramatizando situações da vida comum, como: pagamento de passagens

de bonde, ônibus, compra de balões, etc...., chegarão os alunos ao reconhecimento das moedas de 10, 20, 50 centavos, 1 e 2 cruzeiros.

Pelo decalque de moedas, em papel adequado ou por meio de carimbos, obterão os alunos o material necessário à realização de jogos e exercícios indicados para a fixação daquelas *noções*.

B — TIPOS DE ATIVIDADES — para desenvolver a significação de conceitos de grupos:

1 — Situações vitais que envolvam o reconhecimento de grupos:

a) Pela forma:
Disposição de objetos em diferentes grupos, de diversas maneiras. Reconhecimento, em gravuras, de grupos de objetos, pessoas e animais. Desenho dos grupos. Representação gráfica (substituição de objetos, pessoas e animais, por símbolos, pontos, linhas, etc....). Escrita dos números.

b) Pela contagem:
Contagem em grupos, de meninos, meninas e objetos (a princípio, grupos até 10) em oportunidades surgidas em experiências de classe. Desenho dos grupos. Representação gráfica. Escrita de números.

c) Na série:
Formação de grupos, constituídos por números consecutivos, com crianças, animais e objetos. Representação gráfica dos diferentes números de acôrdo com a posição na série, identificando os grupos com os respectivos símbolos. Escrita da série numérica.

d) Pela medida:
Composição e decomposição de grupos de objetos. Ajustamento de blocos de madeira, papelão ou fichas de cartolina, de dimensões proporcionais à unidade. Desenho e representação gráfica dos grupos e subgrupos que os constituem, identificando-os com os símbolos.

Formação dos conceitos de soma e de subtração. Significação das expressões "mais", "menos" e representação simbólica das mesmas. Escrita das combinações numéricas. Indicação nos conceitos de dezena e unidade.

N O R M A T I V A

Por diversos processos poderá o professor levar os alunos a desenvolver conceitos numéricos.

Um dos processos indicados é o reconhecimento pela forma.

Assim como a criança é capaz de identificar pelo perfil, uma sentença, também reconhece, pela estrutura, um número. Muito cedo, poderá distinguir uma quantidade de outra maior ou menor.

O número seis, por exemplo, apresenta um conjunto que o caracteriza, diferenciando-o de outros números.

Em brinquedos, jogos, histórias ilustradas ou situações surgidas, naturalmente, na classe, se apresentará a necessidade de dispor, dentro do mesmo grupo, pessoas e objetos, de diversas maneiras.

Exemplificando:

Brincando de soldado um grupo de 6 alunos, poderá apresentar-se de diferentes formas; o mesmo brinquedo se poderá realizar com 6 soldadinhos de chumbo.

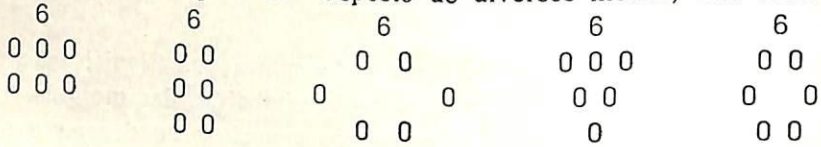
Depois de manipular, em várias situações de classe, materiais concretos (6 lápis, 6 borrachas, 6 cubos, 6 prismas de madeira, etc.), dispondo o grupo de diversas formas, verificará o professor, se a criança o faz com desembaraço, podendo, então, levá-la a dispor por meio de gravuras ou desenhos, 6 flores num friso, de diversos modos, para verificar qual a disposição mais bonita, dando-lhe oportunidade de observar, por si, as diferentes formas sob as quais o referido grupo se pode apresentar.

Se necessário, estas noções serão fixadas, ainda, por meio da observação de gravuras de grupos de objetos.

Até então, não deve o professor apressar-se em ligar o nome da quantidade ao símbolo escrito, a não ser que a criança demonstre interêsse em conhecê-lo.

Vencidas as dificuldades próprias desta etapa (material concreto e semi-concreto), passar-se-á à representação gráfica dos grupos, substituindo-se os objetos, pessoas ou animais, por pontos, quadrados, linhas, etc.

Nesta fase, deverá o professor levar a criança a reconhecer o símbolo, usando-o adequadamente. Um grupo de 6, sejam pessoas, animais, objetos ou símbolos gráficos, pode ser disposto de diversos modos, tais como:



Após êste trabalho, verificando o professor que a criança dá significação à estrutura do grupo, reconhecendo a quantidade em diferentes situações e formas, poderá passar para a fase mais abstrata que consiste na aprendizagem da escrita do número.

As atividades indicadas para esta etapa do trabalho, se bem orientadas, levarão os alunos a descobrir, por si mesmos, que o grupo se constitui de um conjunto de coisas e pela comparação do tamanho dos diferentes grupos, o lugar que cada um ocupa na série.

Pela contagem

Com a finalidade de generalizar e fixar, entre os alunos, o conhecimento de que o grupo se compõe de um conjunto de sêres, deverão ser aproveitadas as diversas oportunidades que se apresentarem, naturalmente, através de jogos e outras atividades, para contagem de grupos de meninos, meninas e objetos, por exemplo:

Preparação de uma festa:

A — Organização de comissões:

1) Comissão de recepção
2) Comissão de ornamentação da sala
3) Comissão de convites

B — Organização de brinquedos e jogos.

C — Organização de um auditório.

Desenvolvendo o planejamento de uma festa, por exemplo, a festa joanina, surgirá a necessidade de dividir a classe em grupos, em comissões, a fim de tomarem parte em diferentes atividades, necessárias à realização da mesma.

Poderá o professor, levar a classe a escolher grupos de colegas, para integrarem as diferentes comissões. Nessa escolha, as crianças irão contando os elementos, à medida que forem sendo escolhidos.

Assim, a comissão de recepção poderá ficar constituída por um grupo de 4 alunos, por exemplo, a comissão de ornamentação da sala, de 8 alunos e a comissão de confecção de convites, de 10 alunos. Apresentar-se-ão, ainda, muitas outras situações que podem exigir a formação de grupos pela contagem, como a organização de brinquedos e jogos, a reunião de alunos para bailados, números de canto, dramatizações, etc.

Demonstrando a classe desembaraço na contagem de elementos constitutivos de grupos, o professor poderá levar as comissões de convite e recepção a fazerem um levantamento do número de pessoas a serem con-

vidadas, a fim de providenciarem sôbre o número de convites, cadeiras, copos, guardanapos necessários.

Neste levantamento, não só as pessoas a serem convidadas, como material indispensável, deverão ser representados por sinais convencionais (pontos, linhas, círculos, etc.) acompanhados dos símbolos respectivos.

Estudando a possível distribuição dos balões e outros ornamentos, na sala, a comissão encarregada da ornamentação realizará a contagem dos objetos, representando-os, gràficamente, no papel.

Distribuindo 10 balões na sala de aula, poderão representar, no papel, a sala, e, por meio de sinais (pontos, linhas, círculos, etc.) os balões ornamentais.

Como decorrência das atividades acima sugeridas, associarão as crianças, prontamente, o símbolo escrito ao grupo de sêres que êle representa.

Exercícios especiais, destinados a levar o aluno a escrever com desembaraço e correção, o número, sem auxílio de materiais visuais, só deverão ser feitos quando o professor verificar que a criança prescinde dêstes, naturalmente.

No desenvolvimento das atividades previstas para esta etapa da aprendizagem, surgirão ocasiões para conceituar o "zero", cuja significação se desenvolverá e fixará, mais tarde, ao ser dada a noção de dezena.

Na série

Para sistematizar o conhecimento a que já chegaram os alunos pela comparação do tamanho de diversos grupos, do lugar que os números ocupam na série, é necessário que formem grupos consecutivos com pessoas, animais e objetos, para depois fazer a representação gráfica dos mesmos, dispondo-os pela ordem em que se apresentam na série, identificando os grupos com os respectivos símbolos, e escrevendo, por fim, a série numérica.

Organizando brinquedos, jogos e um auditório, o professor terá oportunidade para a formação de grupos consecutivos, levando as crianças a compreender a razão pela qual o grupo 2 vem depois do 1 e antes do grupo 3; o número 3, vem depois do 2 e antes do 4; e, assim, sucessivamente.

Percebendo o professor que a criança deu significação à ordem numérica, poderá, então, levar o educando a usá-la na indicação de lugares para o auditório da festa joanina. Exemplo: Fila A - cadeiras números 1, 2, 3, 4, 5, etc.

Fila B - cadeiras números 1, 2, 3, 4, 5, etc.

Será, então, oportuno o uso de exercícios mais sistematizados, como:

1 — Preenchimento de lacunas:

a) Escreva os números que faltam:

1 . . . 3 . . . 5 6 . . . . . 9 10

b) Escreva os números vizinhos:

. . . 6 . . .

c) . . . vem depois de 5.

2 — Riscar números numa série:

a) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6 — 7 — 8 — 9 — 10.

Risque o número que vem antes do 4.

Risque o número que vem depois do 6, etc.

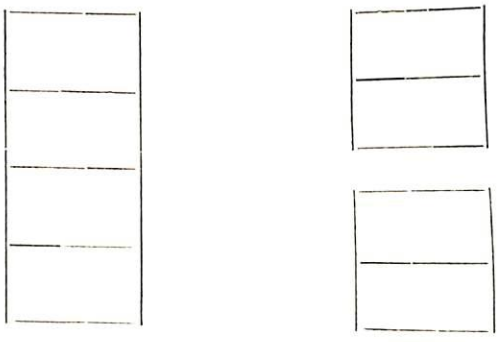
Pela medida

Através de um jôgo com blocos de madeira ou papelão (de dimensões proporcionais correspondentes à unidade), o professor levará a classe a conhecer as relações recíprocas dos números.

Apresentam-se blocos de diversos tamanhos que correspondam a 1, 2, 3, 4, etc. vêzes a unidade. A seguir, os alunos passarão a ordenar os blocos por tamanho (ordem crescente e decrescente), e a verificar, sob a orientação do professor, quantas vêzes o bloco 2, 3, 4, etc., contém o bloco 1 ou, recìprocamente, quantos blocos "1" serão precisos para formar o bloco 2, 3, 4, etc.

Êste mesmo trabalho feito com o *bloco 1* deverá ser feito com o bloco 2, 3, etc., levando a criança a estabelecer as relações numéricas.

Exemplo: De quantos *blocos 2* se precisa para fazer um bloco semelhante ao *bloco 4*, ao *bloco 6*, ao *bloco 8*, ao 10? De quantos blocos "3" se precisará para formar o bloco 6, 9?



A manipulação de blocos, através da qual a criança induzirá relações, é uma atividade que, por si mesma, proporciona prazer à criança.

Dominando os alunos as combinações numéricas mais simples, poder-se-á levá-los a uma fase mais avançada, ou seja, saber quais os diferentes blocos que poderão usar para formar outros, mediante jogos desta natureza:

Vamos ver quem é capaz de formar o maior número possível de combinações dentro do bloco "3", "4", "5", e assim sucessivamente, até o bloco "10". Nesta ocasião, deverá ser introduzida a noção de dezena.

Deve-se, ainda, levar a criança a decompor e a compor, de diferentes modos, os blocos, como o 5, preparando-a para compreender e responder, com prontidão, perguntas semelhantes a estas:

Do bloco "5", tirando o bloco "3", que bloco teremos?

Juntando o bloco "2" ao bloco "3", que bloco teremos?

A classe poderá fazer uma caixa de madeira, papelão ou cartolina, a fim de guardar o material acima exposto, com divisões proporcionais à unidade, tendo o fundo colorido, assinalando o lugar destinado a cada bloco. Assim, terá a criança oportunidade de representar, gràficamente, os blocos.

Por meio destas atividades, a classe fixará o conhecimento de que um *todo* é composto de partes, sendo que estas podem ser manipuladas, isoladamente, ou em grupos iguais ou desiguais, para compor e decompor o conjunto.

Só depois de um trabalho bem orientado e repetido tantas vêzes quantas se fizerem necessárias, é que a criança formará os conceitos de soma e de subtração, e dominará a significação dos têrmos mais, menos, vêzes e dividir.

Aproveitando coleções de objetos (soldadinhos de chumbo, pintinhos de lã cardada ou animaizinhos de matéria plástica), imaginará, o professor, uma história na qual apareçam elementos de uma das coleções citadas, a fim de encaminhar os alunos ao conhecimento e representação das combinações numéricas, pelo agrupamento e desagrupamento de quantidades.

Pintinho saiu a passear (representar um pintinho).

Andou, andou, até encontrar três gatinhos que brincavam. Um dos gatinhos correu para a tigela de leite que ali estava. (A classe representará os três gatinhos brincando e depois separados, conforme diz a história. O grupo e os subgrupos devem vir acompanhados do símbolo respectivo.)

Pintinho ficou olhando, até ver um grupo de 4 passarinhos que se encontravam num ninho. Pintinho aproximou-se do ninho e os passarinhos fugiram. (As crianças representarão, no papel, de diversas formas, os grupos de pássaros fugindo, associando, simultâneamente, o símbolo escrito correspondente. O mesmo deverá ser feito com as demais quantidades,

utilizando em historietas e outras situações interessantes, com a finalidade de introduzir exercícios de agrupamento e desagrupamento.

Quando o professor perceber que as crianças compreenderam que, juntando coisas da mesma espécie em grupos iguais e desiguais, compõem um grupo maior, e que desagrupando grupos maiores, em partes iguais ou desiguais, terão grupos menores, é que na realidade, elas sabem agrupar e desagrupar. Poderá, então, introduzir o uso dos sinais +, — e =, apresentando-os nas combinações numéricas.

Nos exercícios sistematizados, para conhecimento das relações recíprocas dos números até 10, deverá o professor cuidar que a apresentação do cálculo seja feita, de preferência, no sentido vertical, pois esta forma facilita a visualização, preparando o aluno para a automatização dos fatos fundamentais da adição e da subtração.

SUGESTÕES PARA O ENSINO DA LINGUAGEM NAS CLASSES DE I ANO

Março de 1955

OBJETIVOS GERAIS

1. Desenvolver a capacidade de expressar o pensamento com naturalidade, clareza e correção, tanto oralmente como por escrito.
2. Habilitar a ler inteligentemente, com facilidade e rapidez.
3. Levar a escrever com legibilidade, correção e relativa rapidez e a formar o hábito de dar aos trabalhos escritos disposição apropriada e apresentação cuidadosa.
4. Cultivar o gôsto pela boa literatura, através do conhecimento de obras de autores nacionais e estrangeiros, adequadas aos interêsses da criança e ao seu grau de desenvolvimento.
5. Formar o hábito de recorrer à leitura como meio de informação, autocultura e recreação.
6. Interessar o aluno pelo aperfeiçoamento da própria linguagem e despertar-lhe o amor pelo idioma nacional, considerado como um dos meios de conservar e fortalecer o sentimento de brasilidade.

O ENSINO DA LINGUAGEM NO 1.º ANO

O cultivo da língua impõe-se desde as primeiras manifestações da linguagem infantil, cumprindo à escola, como continuadora do lar, imprimir ao seu ensino uma orientação segura, face às finalidades da educação e sua influência na vida social, para que o aluno se possa valer dela como instrumento de progresso individual.

Há entre o pensamento e a linguagem a mais estreita correlação.

Para que se possa expressar o pensamento, ordenar e classificar as idéias, relacioná-las entre si e organizá-las, necessário se torna que os sons

e símbolos que constituem o corpo da linguagem correspondam ao conteúdo ideológico. Sòmente neste caso terão o poder de evocar as imagens e idéias que os criaram e poderão servir às necessidades da vida.

Antes da expressão oral, é preciso que haja uma elaboração mental.

Impossível será, portanto, iniciar-se o aluno na aquisição das técnicas de linguagem (leitura, escrita, automatização dos símbolos gráficos, etc.), sem que atinja certo desenvolvimento na capacidade de pensar e expressar-se oralmente. Assim sendo, no ensino da linguagem, é necessário, além de atender aos princípios gerais da aprendizagem, evitar o verbalismo, cuidando que o aluno empregue linguagem correta, reflexo de um pensamento exato, considerar o valor da imitação, afastando, sempre que possível, as oportunidades de linguagem imperfeita; fazer automatizar, pelo aluno, desde o início do aprendizado, as habilidades de linguagem oral e escrita, enriquecendo e corrigindo o vocabulário, treinando a construção de frases com propriedade e beleza e despertando o gôsto pela leitura, a apreciação pelo idioma pátrio e o desejo de expressar-se com facilidade, naturalidade, clareza e correção.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Corrigir e desenvolver a linguagem da criança.
2. Despertar o interêsse pela leitura e escrita.
3. Proporcionar o domínio das técnicas fundamentais da leitura e da escrita, procurando, formar na criança a atitude de compreender, sempre o sentido do que lê e escreve.
4. Incentivar o gôsto pelas historietas e poesias.
5. Levar o aluno a expressar-se, por escrito, através de pequenas frases.

I OBJETIVO: CORRIGIR E DESENVOLVER A LINGUAGEM DA CRIANÇA

TIPOS DE ATIVIDADES:

A — *Conversas.*

Capacidade de responder a perguntas simples e de relatar fatos ligados a seus interêsses e experiências.

1. Perguntas relativas:
   a) à família (nomes dos pais, irmãos e de outras pessoas que vivem no lar; idade da criança, suas atividades, jogos, brinquedos preferidos; trabalho dos pais e irmãos);

b) à casa (situação, rua, número e bairro, número de peças, jardim, horta);
c) à escola (situação, dependências, aspecto);
d) ao bairro (nome, praças e ruas principais, monumentos, meios de condução);
e) a gravuras e histórias lidas ou ouvidas;
f) a observações referentes à vida dos animais e das plantas;
g) a fatos observados em excursões e jogos.

2. Conversas sôbre:
a) a vida quotidiana do aluno (no lar, na escola, nas praças, no trajeto da casa à escola, nos passeios, etc.);
b) certas ocorrências da localidade;
c) aniversários, acontecimentos familiares, escolares e festividades locais a que as crianças tenham assistido;
d) fenômenos naturais observados;
e) o planejamento de trabalhos escolares em geral;
f) auditórios, excursões, jogos, etc.

B — *Cumprimento de deveres sociais (avisos, agradecimentos, convites, etc.)*

1. Reprodução de pequenos recados, avisos e convites a colegas, pais, professôres, direção da escola, etc.

C — *Gravuras.*

1. Confecção de pequenos quadros, frisos e álbuns:
a) álbuns, contendo gravuras sôbre a vida em família e na escola, animais, aspectos mais interessantes da localidade.

2. Enumeração, descrição e interpretação do conteúdo de gravuras adequadas ao nível da série:
a) Pequenas composições orais sôbre:
1) enumeração de elementos constantes de uma gravura com atribuição de qualidades;
2) formação de sentenças sôbre a cena apresentada;
3) escolha, entre vários títulos, sugeridos pelos alunos e pelo professor, daquele que melhor se ajuste à gravura.

D — *Hora de história.*

1. Audição e narração oral de pequenas histórias, contadas, lidas ou representadas.

E — *Dramatizações.*

1. Dramatização de histórias e situações da vida real:

a) dramatização de histórias completas ou passagens interessantes das mesmas;
b) dramatização de visitas, cenas familiares, situações relativas a profissões, a vida dos animais, etc.

F — *Jogos que exijam:*

1. Boa articulação e pronúncia correta das palavras do vocabulário comumente usado pelo aluno.
2. Repetição de palavras e sua divisão em sílabas para correção da pronúncia.
3. Substituição de formas de arrimo e têrmos de gíria.
4. Formação de frases sugestivas que incluam têrmos correspondentes às formas de arrimo e gíria empregadas pelos alunos.

G — *Poesias.*

1. Ler poesias, muito simples, para serem interpretadas pela classe.
2. Provocar oportunidades de recitação de poesias, motivadas pela vida social da classe (comemorações de datas cívicas, aniversários, recepção de visitas, etc.).
3. Copiar poesias, ilustrando-as com desenhos, recortes ou gravuras.
4. Organizar pequenas coleções de poesias em álbuns ou cartazes.
5. Selecionar poesias por assuntos: cômicas, cívicas, de animais, etc.

H — *Excursões.*

1. Planejamento (conversa sôbre o motivo e local onde se realizará a excursão).
2. Verificação das noções e conhecimentos da criança sôbre os objetivos da excursão.
3. Organização de material e outras providências necessárias à realização da excursão.
4. Solicitação de informações no próprio local da excursão.
5. Verificação dos resultados, ou seja, das noções adquiridas na excursão, por meio de:
   a) conversas
   b) desenhos
   c) modelagens
   d) pequenas construções
   e) organização de auditórios
   f) composição de frases
   g) resposta a questionários.

II OBJETIVO: DESPERTAR INTERÊSSE PELA LEITURA E ESCRITA

TIPOS DE ATIVIDADES:

A — *Visando despertar o gôsto e o interêsse pela leitura, desenvolver as atividades seguintes:*

1. Ornamentação da sala de aula.
2. Confecção do calendário de classe, do cartaz para registo de aniversários, do gráfico de freqüência.
3. Organização da biblioteca de classe, do museu, da hora de história.
4. Criação do "cantinho das novidades", do jornal de classe.

B — *Leitura oral, em unidades de pensamento, com boa dicção e inflexão de voz adequada:*

1. Leitura de pequenos contos.
2. Memorização dos contos.
3. Identificação e reconhecimento, pelos perfis, das sentenças que os constituem.
4. Composição de contos, dadas as palavras.
5. Decomposição de sentenças em palavras. Identificação e reconhecimento de palavras.
6. Formação de novas frases, com palavras conhecidas.
7. Decomposição de palavras em sílabas. Decomposição e composição de palavras. Formação de palavras e sentenças novas.
8. Composição de novos contos.
9. Reprodução de sentenças que apresentem dificuldades específicas de prolação.
10. Repetição de séries de palavras do vocabulário infantil, pronunciadas por um colega ou pelo professor.
11. Reconhecimento de semelhanças fonéticas no fim ou no início de palavras apresentadas em rimas ou sentenças.
12. Leituras de determinadas partes de histórias, de expressões ou palavras mais interessantes, das palavras de um dos personagens e de pequenos diálogos.
13. Leitura de material suplementar alternada com a do material básico, em situações oportunas, decorrentes de:
    a) atividades da classe ou da escola
    b) fatos ocorridos na localidade ou no lar

c) estudos sociais e naturais
d) calendário escolar
e) jogos, brinquedos e outras atividades
f) excursões, auditórios, etc.

C — *Leitura silenciosa de pequenas historietas e trechos, cujo sentido possa ser compreendido pelos alunos:*

1. Escrita, no quadro mural, de ordens relativas à vida diária da classe como, por exemplo: "Vamos desenhar", "Abram os cadernos", "Tomem os lápis", etc., as quais serão executadas pelos alunos.
2. Exercícios com cartões-relâmpago (pequenas ordens e perguntas).
3. Substituição de ordens e avisos orais por outros escritos, para que a criança os leia silenciosamente.
4. Leitura do jornal de classe.
5. Leitura silenciosa de histórias e do material suplementar geral.

D — *Utilização do material de leitura:*

1. Execução de ordens, tais como:
   "Abram o livro à página..."
   "Fechem o livro".
   "Procurem no índice a lição..."
   "Abram o livro à página do índice", etc.

III OBJETIVO:

PROPORCIONAR O DOMÍNIO DAS TÉCNICAS FUNDAMENTAIS DA LEITURA E DA ESCRITA, PROCURANDO FORMAR, NA CRIANÇA, A ATITUDE DE COMPREENDER, SEMPRE, O SENTIDO DO QUE LÊ E ESCREVE.

TIPOS DE ATIVIDADES:

A — *Para a criança ler e mais tarde copiar:*

1. Apresentação de cartazes com pequenos contos ou sentenças.
2. Gravuras sugestivas com legendas, desenhos, recortes:
   a) de animais;
   b) de brinquedos;
   c) de personagens das histórias lidas ou contadas pelo professor.

B — *Jogos interessantes em que a palavra falada seja substituída pela palavra escrita progressivamente.*

Exemplo:

o jôgo da "galinha voa" permite o emprêgo de cartões com as palavras *voa* e *não*.

Pela apresentação de um dêles se processa o jôgo, verificando o aluno a possibilidade da substituição da palavra falada pela escrita.

C — *Reconhecimento e colocação de cartões com os respectivos nomes dos objetos escolares.*

D — *Reconhecimento, pelo aluno, de seu próprio nome e do nome dos colegas nas fichas preparadas pelo professor para êsse fim e nos objetos e cadernos de uso dos alunos.*

E — *Reconhecimento de contos, sentenças, palavras ou sílabas (Organização de fichas para êsse fim).*

F — *Decomposição e recomposição de sentenças e palavras.*

G — *Organização do dicionário de classe com:*

1. figuras;
2. desenhos;
3. recortes;
4. palavras.

H — *Escrita, em pequenos cartões, do nome dos meses e dias da semana para a organização do calendário de classe.*

I — *Leitura e audição de historietas com a finalidade de:*

a) responder a perguntas referentes às mesmas;
b) escrever os nomes dos personagens de que mais gostou;
c) desenhar a cena que mais apreciou.

J — *Interpretação de pequenos contos, mediante ordens orais e escritas.*

Exemplo: Esta galinha é a Pintada.
Pintada tem sete pintinhos.
Os pintinhos fazem: piu... piu... piu...
Pintada está comendo milho.
Ela gosta muito de milho.

Ordem oral: — Marca, com uma cruz, a frase que diz o que Pintada está comendo.

IV OBJETIVO: LEVAR O ALUNO A EXPRESSAR-SE POR MEIO DA ESCRITA ATRAVÉS DE PEQUENAS FRASES.

TIPOS DE ATIVIDADES:

A — *Exercícios motivados:*

Levar a criança a escrever:

a) seu próprio nome;

b) o nome dos seus familiares;

c) o nome dos seus amigos;

d) o nome dos seus animais domésticos;

e) o nome dos seus brinquedos;

f) o nome dos personagens das histórias, que já ouviu ou leu;

g) pequenas frases com palavras do seu vocabulário e da sua experiência;

h) elementos de uma gravura (enumerar);

i) a ação principal de uma gravura;

j) um bilhete para seu pais ou amigos, pedindo-lhes algo de que necessita.

Exemplo:

"Papai.
Preciso de um caderno.
Mário."

José.
Podes emprestar-me uma revista?
Muito obrigado
Telmo.

V OBJETIVO:

INCENTIVAR O GÔSTO PELAS HISTORIETAS E POESIAS.

TIPOS DE ATIVIDADES:

A — *Apresentação de livros contendo historietas com gravuras coloridas e movimentadas.* (Levar a criança a ler ou ouvir essas historietas).

B — *Narração e audição de histórias que interessem à classe.*

C — *Dramatização de pequenas histórias.*

D — *Memorização de quadrinhas e pequenas poesias.*

E — *Organização da "Hora da História".*

F — *Organização da "Hora da Quadrinha".*
(As crianças recitam as quadrinhas que sabem e aprendem outras.)

G — *Organização de teatro de Fantoches.*
(Desperta o gôsto e o interêsse pela literatura, desenvolve a leitura e a linguagem oral.)

CAMPANHA CONTRA A TUBERCULOSE

Abril de 1955

No transcurso de seu "Jubileu de Prata" — 28 de junho de 1955 — a Liga Riograndense contra a Tuberculose e seu órgão técnico e científico, a Sociedade de Tisiologia do Rio Grande do Sul, solicitam a participação das escolas, em suas comemorações.

No programa apresentado pelas entidades citadas está prevista a "Semana da Tuberculose de 1955", de 24 de junho a 1.º de julho. Considerando, porém, que êste período coincide com a época de provas nas Escolas Normais, seguindo-se as férias de inverno, a Campanha nas escolas deverá se antecipar, ou seja, realizar-se-á na primeira quinzena de junho.

ESCOLAS PRIMÁRIAS

A — OBJETIVOS DA CAMPANHA, NA ESCOLA PRIMÁRIA

1 — Criar a consciência sanitária, no educando, em especial em relação ao problema da tuberculose.

2 — Formar e fortalecer, no aluno, hábitos de higiene.

3 — Proporcionar a aquisição de conhecimentos que levem a criança a melhorar suas condições de saúde, mediante: a prática da vida ao ar livre e do repouso necessário; a escolha da alimentação adequada; o uso da vacinação e desinfecção; o exame médico periódico e o contrôle pulmonar, através de radiografia e radioscopia, sempre que possível.

4 — Desenvolver o espírito de colaboração, na escola, no lar, na comunidade.

B — PLANO GERAL DE ATIVIDADES

Como em todo trabalho didático, cabe ao professor ajustar aos interêsses das crianças, ao nível da classe e ao meio, os objetivos da Cam-

panha, bem como as atividades tendentes a atingí-los.

Outrossim, deve o mestre aproveitar a motivação que uma atividade desta natureza proporciona, para desenvolver tópicos do programa que se prestem para associar ao tema.

Será interessante, principalmente nas classes mais adiantadas, a formulação de problemas, através dos quais os alunos planejem e executem atividades e experiências, no sentido de resolvê-los.

Alguns problemas apresentados podem ser subdivididos em outros, menos complexos, e distribuídos a equipes de alunos, que se responsabilizem pelas soluções dos mesmos.

Da forma sugerida, poderão ser enunciados problemas, como os seguintes:

O que é tuberculose?

A tuberculose é moléstia contagiosa? E' curável?

Que dizem as estatísticas a respeito desta moléstia?

Quais os primeiros sintomas da moléstia?

Que devemos fazer para evitá-la?

Que hospitais há para o tratamento da tuberculose, nesta localidade? E em nosso Estado?

Nós, os sãos, que devemos fazer para auxiliar os doentes?

Nossa escola, nossa comunidade, como podem colaborar no combate à tuberculose?

O estudo e a solução dêstes problemas e de outros semelhantes podem levar as crianças a iniciativas interessantes, intra e extraclasse, devendo, mesmo, a Campanha estender-se ao meio social, visando principalmente difundir certos conhecimentos e medidas profiláticas, em especial em relação a essa moléstia.

Se fôr oportuno, pode a Campanha, em algumas localidades, tomar cunho de assistência econômica a algum hospital ou entidade que se dedique ao combate a êsse mal.

SESSÃO DE AUDITÓRIO

Encerrando as atividades da Campanha, sugere-se a organização de auditórios, na escola, aos quais possam assistir as famílias dos alunos, para maior divulgação do assunto.

Do programa poderá constar a palestra de um médico, seguindo-se a apresentação de trabalhos das classes, como cartazes, frases, composições, dramatizações e o resultado de pesquisas realizadas sôbre o tema em questão.

ESCOLAS NORMAIS

A — OBJETIVOS

Levar o futuro professor:

a) a compreender o papel da escola na educação sanitária da comunidade;

b) a sentir a obrigação moral de zelar pela saúde da criança, afastando dela tudo quanto possa prejudicar seu desenvolvimento normal.

B — PLANO DE ESTUDOS

1 — Prevenção das doenças:
   a) Defesa do organismo contra as doenças
   b) Medidas gerais de profilaxia
   c) Profilaxia das doenças transmissíveis
   d) Vacinas
   e) Tuberculose.

2 — Mortalidade infantil:
   Causas e meios de evitá-la.

3 — A tuberculose na infância:
   a) Profilaxia da tuberculose na infância.
   b) B.C.G.
   c) Serviços de assistência social e de proteção à infância. Organização dos mesmos.

4 — A realidade local:
   a) Medidas preventivas contra a tuberculose.
   b) Iniciativas públicas e particulares nesse sentido.
   c) O censo toráxico entre os escolares da localidade.

5 — Importância da colaboração do professor nas obras de assistência e proteção à infância.

6 — Biografia de KOCH e outros cientistas que se dedicaram à busca dos meios para debelar êsse mal.

C — ATIVIDADES PREVISTAS

1 — Palestras.

Promover palestras de médicos, professôres ou outras pessoas, cujas atividades se relacionem com essa moléstia, destinadas aos alunos, aos pais e a outros elementos da localidade.

Convém que essas palestras não fiquem restritas ao ambiente da escola. Podem realizar-se, também, em salões paroquiais, em clubes sociais ou esportivos da localidade, de modo a facilitar o comparecimento às pessoas que mais necessitem de orientação nesse sentido.

2 — Projeções cinematográficas.

Estas podem ser fixas ou móveis e, como as palestras, devem ser proporcionadas ao maior número possível de pessoas, para isso convidadas pelos próprios alunos.

3 — Campanha de divulgação.

Redação de preceitos, avisos e conselhos higiênicos preventivos da tuberculose, para serem divulgados através do cinema e da imprensa, bem como afixados em clubes, casas comerciais, fábricas, estações ferroviárias e rodoviárias e outros estabelecimentos freqüentados pela população. Além disso, palestras curtas que podem ser proferidas pelos alunos nas estações de rádio da localidade.

4 — Visitas.

Propiciar aos alunos visitas a instituições de assistência e proteção à infância, a fim de que observem não só a sua organização, como o seu funcionamento.

5 — Campanha pela boa alimentação.

Levar a classe:

a) a participar da organização ou reorganização da merenda escolar, com base científica, na própria escola ou em outros estabelecimentos de ensino da localidade;

b) a propor a instituições assistenciais, já existentes, ou a elementos da sociedade local, a organização e manutenção de "cantinas infantis", para a distribuição de merendas ou refeições às crianças dos bairros mais desfavorecidos do ponto de vista econômico.

D — DIRETRIZES

A realização dêste plano de estudos requer, pela natureza das atividades sugeridas neste Comunicado, a colaboração de todos os professôres do curso. No entanto, a participação mais direta e efetiva deverá ficar a cargo dos professôres de Higiene e Educação Sanitária, Puericultura e Higiene e Biologia Educacional, disciplinas, cujo pro-

grama guarda mais estreita relação com o assunto.

O plano de atividades deverá ser elaborado nas escolas normais de 1.º e 2.º grau, de acôrdo com o nível dos alunos, as necessidades e peculiaridades do meio e, após, submetido à aprovação do Diretor, nas Escolas Normais Oficiais, e dos Professôres-Fiscais, nas Escolas Normais Particulares.

No planejamento do trabalho deverão ser fixados, de modo claro e preciso, objetivos de valor social e que possam ser atingidos pela classe. Assim, os estudos que os alunos efetuarem, deverão ser completados com alguma das realizações práticas aqui sugeridas ou com outras que atendam melhor às necessidades do meio.

A campanha contra a tuberculose, bem como outras, cuja finalidade seja a elevação moral, cultural, social, etc. da comunidade, deverá constituir motivo de permanente preocupação da escola que não se há de limitar a uma participação esporádica na solução dêsses problemas.

Os alunos do curso de formação de professôres primários, sob a orientação do professor de Didática e Prática da Educação Primária, deverão, ainda, participar ativamente da Campanha contra a Tuberculose no Curso Primário, corresponsabilizando-se não só pela elaboração, como pela execução do plano de atividades.

NOTA: — As realizações motivadas pelo presente Comunicado serão objeto do sucinto Relatório a ser enviado à Direção do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, da Secretaria de Educação e Cultura - Rua Sarmento Leite, 55 - 3.º andar, em Pôrto Alegre.

PLANO DE ATIVIDADES PARA AS COMEMORAÇÕES DO DECÊNIO DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

Setembro de 1955.

Se a guerra e a paz dependem, até certo ponto, de cada indivíduo, mais ainda estão dependentes da vontade das Nações.

A Organização das Nações Unidas, instituição internacional que pretende congregar todos os países, tomou o lugar antes ocupado pela Liga das Nações, para trabalhar em prol da paz, em função da construção de um mundo melhor e para guiá-lo num rumo certo de desenvolvimento econômico e social em benefício de todos os povos pacíficos.

Esta importante organização, que comemora a 24 de outubro a passagem de seu 10.º aniversário, atuou na maior parte das zonas perturbadas do mundo, pacificando-as e intensificando a colaboração internacional; tem progredido, consideràvelmente, nos últimos anos, na consecução de seus alevantados ideais. Embora seus esforços nem sempre apresentem resultados imediatos, sua influência, entretanto, tem contribuído para remover ou atenuar as causas determinantes das desinteligências entre os povos, para diminuir a intensidade da tensão existente entre os contendores. Se isso não fôsse suficiente, só o fato de aproximar as nações, pelo intercâmbio cultural, realizado em todo o mundo através da UNESCO, demonstra ter atingido a Organização, eficazmente, um dos seus objetivos precípuos.

Sendo o Brasil um dos países fundadores da Organização das Nações Unidas, a data de 24 de outubro tem, para todos os brasileiros, alta significação, pelo fortalecimento dos sentimentos de fraternidade que nos ligam aos demais povos, permitindo, ainda, a divulgação dos ideais e realizações de uma notável organização de âmbito mundial, destinada à preservação da paz.

Considerando

— que um dos objetivos da escola é a formação cívica e moral do educando;

— que para e efetivação das relações internacionais é imprescindível criar, desde cedo, nos educandos o sentimento de amizade e fraternidade nacionais e de aproximação entre os brasileiros de todos os Estados, recomenda êste Órgão observe êsse estabelecimento de ensino um plano de atividades que, articulado ao de comemoração à Semana da Pátria, propicie ao educando, de acôrdo com suas possibilidades, o conhecimento da O.N.U. e a integração do aluno nos elevados propósitos que a inspiram.

Deverá servir de motivo central para os trabalhos a serem realizados o tema "SOMOS TODOS IRMÃOS" e, para o desenvolvimento das atividades, enviamos algumas sugestões:

I — Para o Curso Primário

As atividades de tôdas as matérias do curso primário atenderiam ao assunto *"Aproximação entre os brasileiros"* e consistiriam no:

A — estudo dos vários aspectos característicos que apresenta a vida humana nas diferentes zonas do território brasileiro, tais como: habitação, meios de transporte, instrumentos de trabalho, hábitos, usos e costumes, curiosidades, músicas, folclore, etc.;

B — conhecimento da vida de brasileiros, que em diferentes épocas e atividades, contribuiram para a grandeza da Pátria e o bem-estar coletivo, e de outros vultos da história geral a quem a humanidade deve contribuições valiosas (nas ciências, nas artes, etc.).

Sugestões de atividades:

— Desenhar, recortar, colar ou coser bonecos com vestuário característico das diversas zonas do País ou da nações amigas;

— dramatizar lendas características das diferentes regiões e cenas sugestivas da vida de pessoas que se tenham destacado por atitudes de solidariedade, dedicação e compreensão humanas;

— estimular a prática de uma atitude de simpatia e interêsse para com os colegas ou pessoas provenientes de outros Estados;

— desenhar mapas, bandeiras e escudos de cada unidade brasileira;

— ouvir música, comentada, proveniente de outros Estados;

— compor, por escrito, sôbre temas relacionados ao motivo do plano;
— fazer um estudo comparativo das unidades territoriais brasileiras, do ponto de vista estatístico (extensão, população, produção, etc.);
— confeccionar bandeiras de todos os Estados e de países amigos.

No 5.º ano pode o aluno tomar conhecimento dos esforços que na época atual empreendem os povos no sentido de se organizarem para a paz e a colaboração mútua. E' ocasião, pois, para um estudo sôbre a Organização das Nações Unidas, que poderia incluir:

— pesquisa para colher material informativo sôbre a instituição;
— composições:
  a) sôbre a O.N.U.;
  b) sôbre intercâmbio cultural e comercial entre os povos;
  c) sôbre usos e costumes dos diferentes países que a compõem;
— confecção das bandeiras dos países que formam a O.N.U.;
— cartas dirigidas à O.N.U., nas quais os alunos relatem as atividades desenvolvidas e as comemorações realizadas na escola;
— exposição do material de pesquisa sôbre a O.N.U., tais como: mapas, bandeiras, fotografias, publicações, cartazes, etc.;
— montra de objetos de procedência estrangeira de países integrantes das Nações Unidas, etc.;
— encaminhamento de mensagem de congratulação às autoridades representantes da O.N.U. no Brasil.

II — Para o Curso Normal e Secundário

"A adolescência é de tôdas as idades pelas quais passam os homens a que possui influências intelectuais mais decisivas. E' a idade em que, ao desprender-se da subjetividade afetiva da infância, o colegial tem acesso à análise racional dos textos literários, dos problemas matemáticos, das leis da natureza, dos fatos da Geografia e dos acontecimentos da História.

"Por que não aproveitar essas disposições para fazer participar o aluno, graças a uma educação cívica ativa, no melhoramento do meio em que atua, no estudo dos fenômenos econômicos e sociais, na observação dessa realidade viva, que é a comunidade mundial?

O ensino dos adolescentes está cheio de questões que removerão prejuízos, de incitações a refletir sôbre fatos, do despertar da sensibilidade e do juízo para um mundo novo, de uma realidade premente que nos

solicita, não como um espetáculo, mas como o laço de um compromisso pessoal" (Torres Bodet).

Em geral não se extrai dos temas comuns da aprendizagem todo o partido que seria possível para fazer evidente e viva a realidade internacional. A explicação de textos porá de relêvo, por exemplo, o jôgo de influências estrangeiras que se cruzam no estilo e no pensamento de determinados autôres. Que lição interessante constitui, chamar a atenção do jovem que a agência dos Correios está vinculada à União Postal Universal; que o centro municipal de higiene trabalha com o mesmo fim que a Organização Mundial da Saúde; que, à imagem do conselho municipal, existe uma Assembléia Geral das Nações Unidas.

Se no curso primário a aprendizagem sôbre as Nações Unidas deverá ter um caráter todo ocasional, nos cursos secundário e normal ela deverá tomar um caráter mais sistemático.

Os alunos poderão fundar um Clube Juvenil de Estudos Sociais que inclua entre seus objetivos os de cultivar a solidariedade entre os indivíduos e o respeito e a compreensão para com os outros povos.

O clube seria dirigido por um comitê, formado por membros eleitos em assembléia.

Entre as atividades que poderão ser desenvolvidas por um clube dessa natureza, apontamos:

— promover um levantamento das necessidades locais e pôr em pràtica medidas tendentes a saná-las, como, por exemplo: apelar para a boa vontade das autoridades, solicitando providências, etc.;
— desenvolver o intercâmbio com instituições nacionais ou estrangeiras que possam favorecer o conhecimento das realidades educacionais em outros centros;
— estabelecer contatos com um clube semelhante em outro país, com o qual poderá se corresponder e fazer trocas de informações;
— promover intercâmbio mediante a permuta de cartões postais com vistas das respectivas terras, sêlos para coleção filatélica e outros artigos característicos;
— corresponder-se regularmente com uma pessoa da mesma idade, em outro país;
— ler livros e peças de teatro, concernentes a outros países e mesmo reproduzir uma dessas peças de tempos em tempos;
— mostrar-se amigàvelmente disposto para com tôda a criança ou estudante estrangeiro que esteja na escola ou que pertença à comunidade;

— organizar, na cadeira de Didática e Prática de Ensino no curso normal, planos relativos à O.N.U. para serem desenvolvidos na escola primária;

— aprender tudo que fôr possível, concernente às atividades das Nações Unidas e às negociações internacionais em geral, através não só da imprensa, mas da leitura e exame de documentos que emanem diretamente das organizações internacionais (Correio da UNESCO, folhetos, livros, etc.) e difundir estas informações;

— realizar concurso de teses, sôbre temas relativas à ONU e à necessidade de paz mundial.

Instruções para a realização do concurso:

A escolha dos temas a serem desenvolvidos pelas diferentes classes será procedida, considerando-se os interêsses e possibilidades da classe, as experiências dos alunos, bem como as deficiências observadas em face dos objetivos gerais dêste plano.

Efetuada a escolha do tema, deverá o professor da classe de Português, de acôrdo com o de História e de Sociologia, orientar a pesquisa, fornecendo aos alunos bibliografia conveniente e dirigindo, mais tarde, a discussão do material consultado. Nessa oportunidade caberá, ainda, ao professor esclarecer dúvidas, corrigir falsas interpretações e proporcionar o enriquecimento da linguagem cuidando que o aluno expresse suas idéias em frases claras, corretas e elegantes.

Execução

Na execução do trabalho deverão ser observadas as seguintes normas:

a) em dia prèviamente estabelecido pela Direção realizar-se-á o trabalho escrito, que deverá ser presidido por uma comissão de professôres;

b) a comissão deverá prever para que os alunos não troquem impressões ou se auxiliem mùtuamente, durante a realização do exercício;

c) os trabalhos deverão:

— ser executados em fôlhas de papel almaço, rubricadas pela comissão;

— indicar: nome do aluno, idade, sexo, série, escola, localidade e município.

Julgamento dos trabalhos:

Os trabalhos serão julgados pela comissão que presidiu sua realização. No julgamento deverão ser considerados os seguintes pontos:

— obediência ao tema proposto;
— exatidão dos conhecimentos apresentados;
— originalidade no desenvolvimento;
— conclusões objetivas;
— correção e elegância de linguagem requeridas pelo nível da classe;
— apresentação cuidadosa, legibilidade, margens, paragrafação, etc.

Encerrados os trabalhos do julgamento de redações, deverão ser selecionadas as que irão ser lidas em sessão de auditório, em comemoração da data das Nações Unidas.

Sugestões para a realização de uma sessão de auditório:

Poderá constar a solenidade comemorativa de uma sessão de auditório, no dia 24 de outubro, do seguinte programa:

1. Palestra alusiva à data pelo Diretor, por um professor ou por uma autoridade, especialmente convidada.

2. Leitura do Preâmbulo da Carta das Nações Unidas (Anexo n.º 2).

3. Números de canto ou danças, do folclore internacional.

4. Leitura das teses premiadas, de autoria dos alunos.

5. Dramatizações.

6. Desfile de Bandeiras das Nações Unidas.

PREÂMBULO DA CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS

" NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, DECIDIDOS

" a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que, por duas
" vêzes, no curso de nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à Huma-
" nidade;

" reafirmar nossa fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade
" e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das
" mulheres, assim como das nações, grandes e pequenas;

" a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obriga-
" ções decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional
" possam ser mantidos;

" a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de
" uma liberdade mais ampla;

" E PARA TAIS FINS

" a praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons
" vizinhos;

" a unir as nossas fôrças para manter a paz e a segurança internacionais;

" a impedir, pela aceitação de princípios e instituição de métodos, o emprêgo
" da fôrça armada, exceto no interêsse comum;

" a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso eco-
" nômico e social de todos os povos;

" RESOLVEMOS CONJUGAR NOSSOS ESFORÇOS PARA A CONSE-
" CUÇÃO DÊSSES OBJETIVOS.

" Em vista disso, nossos respectivos govêrnos, por intermédio de represen-
" tantes reunidos na cidade de São Francisco, que exibiram seus plenos
" poderes, os quais foram achados em boa e devida forma, concordaram
" com a presente CARTA DA NAÇÕES UNIDAS, e estabelecem, por meio
" dela, uma organização internacional que será conhecida pelo nome
" de "NAÇÕES UNIDAS".

OFÍCIOS

OFÍCIO N.º 328

Pôrto Alegre, 16 de agôsto de 1954.

Senhor Diretor.

Visa a educação integral na escola promover o desenvolvimento harmonioso da personalidade, integrar o indivíduo na comunidade social e assegurar a transmissão de conhecimentos práticos e teóricos, pontos de vista e sentimentos.

A UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, propõe aos educadores, não acrescentar a estas uma nova finalidade, mas colocar a educação, em seu tríplice aspecto, ao serviço da compreensão internacional.

As diversas circunstâncias da aprendizagem, sem limite de tempo, visando transmissão de conhecimentos, ideais e sentimentos cívicos ou patrióticos, devem pois se mover ao impulso e à idéia de entendimento entre os povos.

A escola deve conduzir a infância e a juventude a amar a própria Nação, mas ao mesmo tempo a compreender e respeitar as demais.

Se a tarefa de aproximação dos povos muito depende do Govêrno e da Imprensa, em origem, muito mais dependerá do espírito que anima a escola primária de um País, porque, se aquêles agentes orientam a opinião pública, a escola é quem alicerça e cimenta suas bases.

Em se aproximando o dia 7 de setembro, data magna da nossa nacionalidade, recomenda êste órgão que seja desenvolvido intenso trabalho em tôdas as classes, para que se comemore, com o maior brilhantismo possível, a passagem de tão significativo acontecimento, pelos variados e oportunos estímulos educativos que suscita, para levar a criança a se aproximar daquele conceito de fraternidade humana.

Por se tratar de grau primário, o trabalho de classe deverá, paralelamente, fomentar a compreensão nacional, entre os brasileiros do norte e do sul, através de trabalho diário e contínuo, visando levar a criança a

— conhecer e compreender fatos históricos e heróis nacionais;
— aprender a estimar e respeitar todo homem, qualquer que êle seja;
— aprender a considerar as pessoas que vivem em outras terras ou outros estados de civilização, como seres humanos;
— informar-se da maneira como êles habitam, se alimentam, vestem-se, trabalham, se divertem, porque para respeitar é imprescindível conhecer, e só conhecendo é que se chega à fraternidade humana.

Para alcançar os objetivos acima focalizados, sugerimos sejam, especialmente, desenvolvidos em classe os seguintes aspectos, ajustando-os aos programas de ensino e ao nível de maturidade dos educandos:

1. O Brasil, sua história e os principais vultos nacionais, especialmente ligados à Independência.
2. Causas e conseqüências da emancipação política do Brasil.
3. Nossas possibilidades econômicas. Nossa cultura.
4. O Brasil em relação a outros povos do continente americano e do mundo.
5. Tipos e aspectos característicos do Brasil e dos outros povos.

Contando com a eficiente e dedicada colaboração sempre demonstrada por V. S.ª, apresentamos nossas cordiais saudações

Ruth Ivoty Torres da Silva
Técnico em educação, respondendo pela
Direção do C.P.O.E.

OFÍCIO CIRCULAR N.º 340

Pôrto Alegre, 18 de novembro de 1955.

Sr.ª Diretora

A Associação Rio-Grandense de Bibliotecários promoverá, pela primeira vez no Estado, a "Semana do Livro", a se realizar no período de 20 a 26 de novembro.

Considerando os aspectos educativos que o tema envolve, julgamos oportuno seja efetuada nessa escola, ainda que em período de provas, uma campanha com o fim de desenvolver nos alunos os hábitos e atitudes desejáveis referentes a êsse importante meio de cultura e recreação.

Solicito, pois, a V. Senhoria seja designado um ou mais professôres dêsse estabelecimento de ensino para realizar, durante a "Semana do Livro", pequenas palestras destinadas aos alunos dos diferentes níveis sôbre o tema "Histórico e importância do Livro".

À professôra bibliotecária competirá organizar relações de obras de literatura infantil, de acôrdo com os interêsses dominantes em cada idade, as quais deverão ser divulgadas entre os alunos, oferecendo-lhes estímulo e sugestões para a aquisição de livros recreativos.

Outrossim, poderão ser realizados, nas classes de 3.º a 5.º ano, concursos de frases sôbre "o livro". As escolas que desejarem participar de um concurso geral, entre os grupos escolares da Capital, com o objetivo de concorrer a um prêmio para sua biblioteca, constituído de obras de literatura infantil, deverão remeter a êste Centro, até o dia 30 do corrente, as cinco melhores frases elaboradas pelos alunos sôbre o referido tema.

Deverão acompanhar as frases os dados seguintes:
escola, nome do aluno, idade e série que freqüenta.

Durante a "Semana do Livro" outras atividades, a critério dos professôres, poderão ser planejadas e desenvolvidas, tais como:

— visita à Feira do Livro;

— organização de cartazes sugestivos, ressaltando os cuidados que nos merecem os livros e o valor da boa leitura;

— campanha para o enriquecimento da biblioteca de classe e da escola;

— leituras de textos, poesias e quadrinhas sôbre o livro;

— pequenas dramatizações, organizadas pelos alunos.

Em anexo, encaminhamos a êsse Grupo Escolar o cartaz oferecido pela Associação Rio-grandense de Bibliotecários.

Contando com o interêsse de V. S.ª para que a "Semana do Livro" se efetue nessa Escola nas condições recomendadas, apresentamos

Cordiais saudações

Alda Cardozo Kremer
Diretora do C.P.O.E.

OFÍCIO-CIRCULAR N.º 483

Pôrto Alegre, 2 de Dezembro de 1954.

Senhora Diretora

O estudo do rendimento escolar realizado neste Centro tem demonstrado que a Matemática é a disciplina que, nos últimos anos, apresenta maior percentagem de reprovação.

Nas classes de 2.º a 5.º ano, a percentagem de reprovação, determinada por essa disciplina, situou-se entre 43% e 49% do total de alunos submetidos à prova de verificação da aprendizagem.

Num estudo comparativo, nota-se que essa percentagem vem se elevando, não sòmente com relação aos sucessivos anos letivos, como também à gradação das séries do currículo primário.

Não influindo, por razões já conhecidas, na promoção dos alunos do 1.º ano, levou, entretanto, no último estudo realizado por êste Órgão, 9% dos alunos aprovados para classes especiais de 2.º ano, visto não haverem atingido o limite mínimo de aprovação nessa matéria.

Baseado nos trabalhos aludidos acima, resolveu o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais estabelecer que, na organização das classes de *2.º a 5.º ano*, no próximo período letivo, sejam os alunos agrupados de acôrdo com a nota final, obtida em *Matemática*. A classe A, portanto, reunirá os alunos que obtiveram, nessa disciplina, as notas finais mais altas; a classe B, os de classificação imediatamente inferior e, assim, sucessivamente.

Recomenda-se um trabalho intenso com essa disciplina, como uma das medidas tendentes a sanar a deficiência comprovada. No 1.º ano, essa matéria deve ser atendida desde o início do ano letivo, a fim de que sejam vencidas, gradualmente, tôdas as dificuldades do programa e fixados os conhecimentos mínimos, nêle previstos. No 2.º ano especial devem os

alunos receber um tratamento adequado, para que possam superar as deficiências de que são portadores.

As classes de *1.º ano* e as *especiais de 2.º* devem ser organizadas de acôrdo com o que preceitua o Comunicado n.º 1, expedido por êste Órgão em 30 de janeiro de 1954.

Devem também orientar-se pelo citado Comunicado as provas destinadas à classificação dos alunos que

1) por motivo de moléstia devidamente comprovada, não puderam prestar exame no fim do ano;
2) não alcançaram o limite mínimo de promoção em Estudos Sociais e Naturais e nas matérias especializadas;
3) procedem de outras escolas.

Nota — Ficam isentos dessa prova os alunos procedentes de estabelecimentos de ensino oficiais do Estado e Cursos de Aplicação de Escolas Normais Particulares, sob regime de fiscalização desta Secretaria.

Havendo na escola casos de desajustamento de alunos, por já terem dominado totalmente o programa da série, poderão ser submetidos, até 15 de maio, mediante autorização do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, a uma prova de reajustamento, de acôrdo com o Decreto n.º 787 de 14 de junho de 1943, art.º 2.º, parágrafo XII.

Constatada a necessidade da aplicação dessa prova e ouvida a Orientadora de Ensino, deverá a Direção da escola oficiar a êste Centro para que sejam tomadas as providências necessárias à sua realização.

Contando com o interêsse de V. S.ª na rigorosa observância das presentes diretrizes, apresentamos

Cordiais saudações

Ruth Ivoty Torres da Silva
Técnico em Educação, resp. pela
Direção do C.P.O.E.

OFÍCIO-CIRCULAR N.º 343

Pôrto Alegre, 21 de novembro de 1955.

À direção e ao corpo docente das escolas primárias
da 8.ª Região Escolar.

Tendo o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, em comemoração ao Jubileu de Prata do G. E. "Cícero Barreto", de Santa Maria, realizado uma Missão Pedagógica naquela cidade, enviamos as principais conclusões relativas às palestras e reuniões de estudo efetuadas, das quais participaram grande número de professôres e quase a totalidade das direções das unidades escolares da 8.ª Região.

As diretrizes para as atividades educacionais aqui apresentadas, deverão ser observadas pelos professôres e atendidas de acôrdo com as possibilidades e os recursos dos estabelecimentos de ensino.

CONCLUSÕES

I — A criança é um ser integral.

Os aspectos físico, mental e emotivo de sua vida estão intimamente vinculados e, na realidade, não se podem separar. Devem, portanto, as experiências educativas estar suficientemente relacionadas, para permitirem um desenvolvimento regular e uma expressão harmoniosa de tôda a personalidade do educando.

II — A criança é um ser dinâmico e inteligente.

O pensar, investigar, perguntar, descobrir, experimentar e criar lhe são naturais e espontâneos, por isso a atividade a satisfaz ao passo que a inatividade lhe é aborrecida. Logo, as situações de aprendizagem devem solicitar da criança adequada atividade motora, mental e estética, através de oportunidades para resolver problemas, fazer observações e experiências,

expressar-se de forma artística, planejar, executar seus planos e julgar os resultados.

III — A personalidade é o caráter unitário e dinâmico da vida psíquica.

Falar em educando é falar na própria unidade de sua vida na realidade cultural onde se encontra. Portanto, a escola não pode ser indiferente à posição da criança na família e na comunidade.

IV — O educando necessita sempre de orientação.

O estudo da personalidade deve-se apoiar numa concepção antropológica e espiritualista do ser humano, que tende para uma unidade plena de vida e espírito. Por isso, na situação pedagógica, o educador deve conhecer as etapas do crescimento e os traços de amadurecimento do educando, distribuindo os valores vitais e espirituais segundo o significado que êles possuem nas diferentes fases de crescimento, as quais preparam, lenta e progressivamente, a maturidade da personalidade.

V — A escola é um patrimônio social e que se propõe continuar a missão educativa da família. Logo

a) O educador deve dar considerável atenção para o conteúdo emocional da conduta do educando e da sua própria. Êsse conteúdo distingue-se do intelectual que, sendo importante, não o é suficientemente para suplantar o outro.
b) A transferência emocional negativa ou positiva, resultante da relação entre educando e professor é uma oportunidade para um auxílio mútuo entre criança e adulto, pois são os problemas anímicos que influem e mesmo determinam o modo de agir do indivíduo.

VI — Ao lado do aspecto informativo tem a escola, na função formativa, um papel imponderável na obra educacional. Assim sendo, deve merecer atenção especial dos educadores a formação, no educando, de hábitos, atitudes e habilidades, conceitos e ideais.

VII — A formação moral é o aspecto mais importante da educação, pois tôda a conduta do indivíduo será pautada segundo a orientação que receber, nesse sentido. E' fator preponderante na formação moral do educando a personalidade do educador. Por isso a seriedade do trabalho do educador, o conhecimento da natureza psicofisiológica do educando, os processos didáticos, bem como o sistema de ensino e a própria organização da escola, influem poderosamente na formação moral do educando.

VIII — As tentativas de socialização por meio de formas externas fracassam. A Escola tem de valer-se de processos que garantam a sua eficiência e, para isso, foram criadas as instituições escolares. Essas têm a missão de dar caráter socializador à Escola. Devem ser apenas orientadas pelo professor, cabendo à criança a plena execução das atividades a elas relativas, porque o desenvolvimento integral da cidadania depende do contato com os outros sêres.

IX — As instituições escolares devem estar perfeitamente integradas na vida da comunidade e responder a estímulos internos e a necessidades reais do educando e do meio. Devem estar perfeitamente articuladas com as atividades de classe, delas fazendo parte integral, expressando interêsses do educando, na comunidade.

X — Tôda escola deve estabelecer um plano de ação social, pelo qual será responsável a direção, que o estudará com professôres, famílias e autoridades educacionais (Delegacia Regional de Ensino). Para isso deve ser auscultado o meio social em suas deficiências e possibilidades bem como serem convidados a colaborar os pais dos alunos, os líderes naturais da comunidade e as autoridades, em geral, pois o sistema democrático pressupõe colaboração e divisão de responsabilidades.

XI — Nos países democráticos a administração de um sistema escolar deverá ser uma emprêsa de cooperação do povo, das autoridades escolares, dos mestres e dos educandos, cabendo a todos participar na seleção de princípios e planos de ação educacionais. A organização escolar deve, pois, ser flexível, de modo que se possa ajustar ao meio, tomando como ponto de partida a criança e sua comunidade, levando-a a um são nacionalismo inspirado no espírito de fraternidade universal.

Contando com o interêsse dos professôres dessa região, no sentido do seu constante aperfeiçoamento para alcançar os elevados fins da educação, apresentamos, nesta oportunidade,

Cordiais saudações

Alda Cardozo Kremer
Diretora do C.P.O.E.

OFÍCIO-CIRCULAR N.º 262

Pôrto Alegre, 9 de setembro de 1955.

Senhor Diretor

Atendendo solicitação encaminhada ao Govêrno do Estado pelo Centro de Informações das Nações Unidas do Rio de Janeiro, elaborou êste Centro um plano especial de estudos e atividades a ser desenvolvido, nas escolas, em comemoração à passagem do decênio do estabelecimento da Organização das Nações Unidas, bem assim como da assinatura e observância da Carta de tão importante agremiação internacional.

Nos dias conturbados que atravessamos, quando os direitos da pessoa humana e das nações sofrem, contìnuamente, os ataques das fôrças do egoísmo e da prepotência, mais do que nunca deve a escola atuar no sentido de estender e acentuar o ambiente de compreensão e respeito, de cooperação e amor que deve presidir as atividades educacionais, irradiando, na família e na comunidade, êsse clima espiritual indispensável à dignidade da vida humana.

Que o sentido da caridade seja vivido em nossas casas de educação, impregnando as atividades de todos que nelas desempenham suas funções, partilhando de um mesmo ideal.

Se à O.N.U. compete, numa ação de conjunto, atenuar as tensões entre os povos e promover o perfeito entendimento e colaboração entre os mesmos, aos educadores corresponde a missão de concorrer para o estabelecimento de bases seguras para uma paz duradoura, a qual decorre do desenvolvimento harmonioso da personalidade, do equilíbrio individual, baseado na integridade das relações da criatura com o Criador. Não haverá paz, enquanto o homem não a criar dentro de seu coração, e o aperfeiçoamento do mundo está condicionado à regeneração pessoal.

E' mister, portanto, que a escola tenha presente o que lhe corresponde na formação das consciências e a esperança que se deposita nas gerações renovadas pelos sistemas de educação que atendam ao homem integral.

Confiando à Direção e aos professôres dêsse estabelecimento de ensino a execução do presente plano educativo, guardamos a certeza de que à infância e à juventude de nosso Estado serão propiciadas oportunidades de desenvolver o espírito de fraternidade e compreensão, imprescindível às relações entre os povos e os indivíduos.

Apresentamos a V. S.ª e ao Corpo Docente

Cordiais saudações

Alda Cardozo Kremer
Diretora do C.P.O.E.

DIVERSOS

EXERCÍCIOS INDICADOS DE ACÔRDO COM AS FALHAS VERIFICADAS NO TESTE A. B. C.

Considerando que ler e escrever são atividades que se resumem em movimentos, e que a 1.ª fase da aprendizagem é predominantemente mecânica, isto é, de atividades motrizes, deverá o professor:

a) — relacionar os alunos, procurando agrupá-los de acôrdo com as deficiências verificadas no teste A.B.C.;

b) — controlar o grupo, mas sem descuidar do estudo de cada criança, isoladamente, de modo a conhecer as causas de suas deficiências;

c) — considerar a predominância das atividades manuais e procurar atividades que estimulem uma razoável movimentação, (jogos, exercícios físicos, principalmente os que incluam movimentos respiratórios e de equilíbrio, brinquedos ao ar livre, etc.) possibilitando às crianças, uma boa oxigenação dos centros nervosos;

d) — considerar o problema da fadiga, não permitindo atividades que ultrapassem de 15 a 25 minutos;

e) — escolher o método de aprendizagem de leitura mais adequado à criança, considerando as deficiências que apresenta, através, sempre, de uma boa objetivação tanto para a linguagem, como para a matemática e conhecimentos gerais;

f) — procurar uma boa motivação para tôdas as atividades da classe no sentido de interessar a criança em tudo que tiver de fazer;

g) — procurar o fim utilitário de tôdas as atividades realizadas;

h) — analisar as deficiências verificadas, podendo traçar o *perfil do aluno e da turma* com as médias de cada prova e com o total atingido por aluno bem como o quadro com a análise das deficiências, de acôrdo com os modelos apresentados;

i) — aplicar os exercícios corretivos, a par da aprendizagem da leitura e da escrita, quando não se tratar de crianças em condições totais de imaturidade;

j) — tratando-se de crianças imaturas, exercitá-las durante dois meses em atividades pré-escolares, antes de iniciar a aprendizagem da leitura e escrita;

l) — procurar certificar-se, através de exames especializados, se existem defeitos visuais ou auditivos.

A — *Falhas na coordenação visual motora.*

Provas: I — III — VII — VIII

a) — Exercícios respiratórios, acompanhados de movimentos coordenados dos membros superiores e inferiores.

b) — Marchas ritmadas, primeiro mais lentas, depois mais aceleradas. Exercícios de equilíbrio, primeiro estáticos, depois em marchas, primeiro mais lentas, mais rápidas, depois, acompanhadas de movimentos dos membros superiores e inferiores.

c) — Exercícios com movimentos assimétricos: levantar um braço para o alto e o outro para a frente — rodar os braços em sentido oposto; bater palmas e bater ora com um pé ora com outro — tocar no nariz com uma das mãos e na orelha com a outra — bater com um pé no chão e com a mão, do lado oposto na cabeça, etc.

d) — Recortes partindo do material mais resistente para o menos resistente, láminas de madeira, (caixas de charuto, de goiabada, etc.), papelão, papel cartão, cartolina, revistas, papéis de outras consistências e pano.

e) — Colorido, procurando desenvolver a observação na seguinte sequência: figura humana, animais, frutas, objetos.

f) — Desenhos de imaginação ou cópia do natural levando a criança à observação global e de detalhes.

g) — Trabalhos em massa plástica — destacar pedaços — compondo e decompondo, levando à percepção global e de detalhes — Fazer cobrinhas e com elas formar palavras copiando dos modelos em cartão, já na fase de aprendizagem.

h) — Dobrados, alinhavos, tecelagem, (tiras largas), colagem, combinando recortes de papel colorido, formando mosaicos. Procurar obedecer a direção da escrita: da esquerda para a direita.

i) — Jogos educativos: — paciência, de armar, lotus, de encaixe, de reconhecimento, de classificação, de comparação, etc.

B — *Deficiência na percepção visual.*

Provas: I — II — III — VII

As crianças que têm falhas na percepção visual *para detalhes* devem iniciar a leitura, de preferência, pelo tipo de imprensa, partindo de palavras ou mesmo de sílabas que não ofereçam dificuldades à decomposição e com as quais possam, logo, construir sentenças curtas. O tipo manuscrito será logo identificado com o de imprensa, para iniciação da escrita. As crianças que apresentem falhas na percepção visual de movimentos (prova III) deverão iniciar a aprendizagem, de preferência, pelo tipo manuscrito. A escrita deverá ser iniciada no quadro negro, para só depois passar ao plano horizontal no papel.

a) — Ginástica respiratória indicando movimento dos membros superiores e inferiores.

b) — Exercícios com equilíbrio do corpo, fazendo a flexão dos membros inferiores, alternadamente; braços abertos, ponta do pé inclinada para baixo. Exercícios físicos que exijam não sòmente desenvolvimento muscular, mas esfôrço de atenção. (Item b da parte A.)

c) — Jogos educativos (de paciência, de construção, de executar ordens orais, que demandem movimento e atenção; de encaixe, de reconhecimento, de classificação, etc.).

d) — Trabalhos em massa plástica — fazer letras com pequenos fios, compondo e decompondo palavras e sentenças, apresentadas em cartões.

e) — Desenhos do natural levando à observação de detalhes — Coloridos orientados no sentido de uma boa discriminação de formas, posições, tamanhos, côres, etc. Completar desenhos (figuras humanas, animais, frutas, objetos).

f) — Recortes, colagem, jogos de armar e desarmar com observação de modelos.

g) — Armar sentenças e palavras, combinando elementos apresentados em cartões, ou destacá-los de conjuntos — compondo e decompondo palavras e sentenças.

NOTA - As crianças que apresentem falhas na percepção visual de *estruturas* — dificuldade de globalizar (dislexia), deverão iniciar a aprendizagem pelo tipo manuscrito, começando com palavras de uma sílaba, que se prestem à formação de pequenas sentenças, e depois, de 2 e 3 sílabas, adquirindo o conhecimento dessas palavras, inicialmente, por meio de audição e do tato, com os olhos vendados; fazer a criança passar o dedinho pela palavra (pá, pé, vê, por exemplo), em letra recortada de lixa, ou com areia colada, em relêvo — pronunciando ao mesmo tempo, dentro de um certo rítmo e distintamente, cada uma das sílabas, sem levantar o dedo. Conhecer primeiro as palavras, com um todo e depois os detalhes através do tato, e só depois de bem reconhecidas passar à visão das formas escritas no cartão ou no quadro negro. Essas crianças deverão fazer com freqüência exercícios de composição e decomposição, de recortes, colagem, coloridos e massa plástica, a começar pela forma humana, animais, frutas e objetos domésticos.

C — *Casos de tendência à inversão.*

Prova: — III

a) — Ginástica com marchas dentro de determinado rítmo, da esquerda para a direita.

b) — Marchas sôbre linhas traçadas no chão representando letras, seguindo a direção da escrita.

c) — Trabalhos em massa plástica (com fios), seguindo o movimento da escrita, dando-se o bloco para ela destacar pedaços.

d) — Coberturas de desenhos com làpis de côres, (gregas, da esquerda para a direita) seguindo o movimento da escrita; com giz de côres, marcando-se a direção a seguir, dos mais simples para os mais complexos.

e) — Colorido e cobertura de letras, palavras ou números com a indicação da direção.

f) — Movimento de dedo no ar e sôbre letras de lixa, seguindo a direção da escrita (letras, palavras curtas e números).

NOTA — Os exercícios devem seguir uma graduação e exigem observação rigorosa do professor para que, em todos êles, seja obedecida a direção da escrita: da esquerda para a direita.

D — *Deficiência na percepção e na fixação auditiva — prolação — vocabulário — atenção dirigida — compreensão geral.*

a) — Ginástica respiratória acompanhada de movimentos bem coordenados e lentos dos membros superiores e inferiores.

b) — Exercícios de equilíbrio, primeiro estáticos, depois em marcha com um certo rítmo e acompanhados de movimentos de braços e pernas.

c) — Exercícios repetidos com movimentos assimétricos: levantar um braço para a frente e o outro para o alto — rodar cada braço para um lado — bater palmas e bater ora com um pé, ora com outro — tocar no nariz com uma das mãos e na orelha com a outra — bater com um pé no chão e com a mão do lado oposto na cabeça; segurar no nariz com uma das mãos e na orelha com a outra e vice-versa.

d) — Jogos que incluam repetição da palavra: dramatização, fantoches, narrativas, canções, recitativos, execução de ordens, transmissão de ordens, críticas de trabalho e recados, perguntas e respostas, etc. Registro dos sons que são imperfeitamente pronunciados, procurando focalizá-los nos exercícios indicados. Leitura em voz alta.

NOTA — Nos casos em que se verificam grandes perturbações de linguagem (disartrias ou gagueira), impõe-se uma técnica especializada.

E — *Casos de imaturos totalmente. Crianças com 7 ou 8 pontos para baixo.*

Falhas em tôdas as provas.

Necessidade de um trabalho pré-escolar (todos os exercícios indicados para tôdas as falhas já verificadas, principalmente — exercícios ao ar livre — respiratórios — marchas — exercícios de equilíbrio e de atenção. — Dançar — pular — correr — brincar. — Jogos educativos (letras, paciências, dominó, de reconhecimento, de encaixe), brinquedos de armar, desenhar, recortar, colorir, colar, dobrar, embrulhar, forrar caixinhas, modelar, etc. — separar objetos, procurar, descobrir, agrupar, separar objetos, figuras, etc. (Ver as partes A. B. C. e D.)

Deverá haver uma razoável adaptação ao material e ao ambiente, sem que seja tentada a aprendizagem da leitura e escrita. Poderá haver aprendizagem de matemática e de conhecimentos gerais, com constante objetivação, treino de linguagem oral. Só depois de aplicado novo teste ABC e verificadas as condições da criança, poderá ser tentada a aprendizagem regular, embora nem todos os níveis de maturidade tenham sido ainda atingidos, continuando-se os exercícios, a par da aprendizagem para as falhas ainda existentes.

Material organizado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais da S.G.E.C. do Distrito Federal.

PROGRAMA DE ATIVIDADES PARA AS CLASSES DE ADAPTAÇÃO AO PRIMEIRO ANO DA ESCOLA PRIMÁRIA

CLASSES DE ADAPTAÇÃO

I — *Da finalidade e constituição*

As classes de adaptação, destinadas a integrar os alunos no ambiente escolar e a desenvolver, nos educandos, interêsses, atitudes e capacidades imprescindíveis ao início das técnicas fundamentais da leitura e escrita, serão constituídas:

a) de crianças que não atingiram ao nível de maturidade suficiente para iniciar o aprendizado da leitura e escrita. (Número de pontos obtidos no teste ABC - até 7 pontos);

b) de crianças do último período do Jardim e que revelam interêsse especial pela leitura e escrita;

c) de crianças descendentes de estrangeiros há pouco tempo domiciliados no Brasil ou de meios onde pouco se fala o idioma nacional.

II — *Das atividades*

A) Música, Educação Física e Recreação

1) Jogos que ativem os sentidos, a coordenação motora e desenvolvam a capacidade de atenção e observação;

2) Pequenas canções, brinquedos cantados, movimentos rítmicos e organização de bandinhas;

3) Dancinhas folclóricas;

4) Evoluções, marchas, brinquedos de roda, bola, peteca; movimentos imitativos;

B) Desenho e pintura

Desenho espontâneo. Interpretação.
Desenvolvimento de hábitos e habilidades, tais como: hábito de utilizar convenientemente o material, conservá-lo e guardá-lo; habilidade em manejar o lápis e o pincel.

C) Construções

Recortes, dobraduras, colagem, modelagem e outras atividades relacionadas.
Desenvolvimento de hábitos e habilidades, tais como: coordenação de movimentos, uso conveniente da cola, habilidade em manejar a argila ou massa plástica.

D) Linguagem

1) Conversas

2) Audição e reprodução de histórias

3) Observação de gravuras

4) Excursões

5) Dramatizações

6) Poesias

7) Jogos de linguagem (com a finalidade de corrigir defeitos de linguagem)

8) Leitura e escrita

a) Memorização de pequenos contos.
Visualização, reconhecimento e escrita de sentenças e palavras simples.
Formação de novas sentenças com palavras conhecidas.
Uso do ponto de interrogação e exclamação nas sentenças organizadas pelas crianças. Emprêgo da inicial maiúscula nos nomes próprios.
Exercícios caligráficos ritmados.

E) Matemática

Desenvolvimento dos conceitos numéricos até 10. Reconhecimento, pela forma, do grupo que êle representa, reconhecimento pela medida, pela contagem e pelo símbolo numérico.

Escrita da série numérica até 10.

Resolução de problemas reais dentro dêste limite.

Noção de forma, tamanho, posição, direção e distância, relacionadas com as atividades manuais.

G) Conhecimentos Gerais

Noções relativas à família, à habitação, à classe, à escola, à comunidade, à vida dos animais e das plantas, aos fenômenos naturais, ao vestuário, à saúde, à recreação, à alimentação, a fatos geográficos ligados à vida da criança e dos pais e adquiridas de maneira informal.

III) *Da orientação pedagógica*

Cuidará o professor de que as atividades sejam desenvolvidas pelas crianças com interêsse, a fim de serem alcançados os objetivos específicos desta classe, quais sejam a integração do aluno no ambiente escolar e a predisposição favorável ao início da aprendizagem da leitura e escrita.

Para que consiga êste propósito, a sala de aula deverá ser rica de sugestões, com ambiente semelhante ao do Jardim, concorrendo para que o trabalho nela se realize de maneira informal.

Variedade de estímulos, como brinquedos, livros de histórias, cavaletes para pintura e desenho, blocos, taboleiro de areia, coleções de gravuras e outros objetos de interêsse da criança, como pedras, sementes, cartazes, constituem o material didático desta classe.

A técnica de trabalho mais aconselhável é a do trabalho em grupo, porque favorece a socialização do educando.

Procurará o professor, nesta classe, oferecer oportunidades tais que levem ao enriquecimento de experiências, ao desenvolvimento de habilidades e à formação de hábitos desejáveis e atitudes convenientes.

O professor deverá estimular e respeitar as atividades espontâneas da criança, orientando-as convenientemente, procurando, através delas, atingir os objetivos previstos para esta classe.

Consultar as "Sugestões para o desenvolvimento das atividades no Jardim de Infância" (Publicação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, desta Secretaria).

MATERIAL NECESSÁRIO ÀS ATIVIDADES DESTA CLASSE

Cartazes; fichas; lixas; livros; giz branco e de côr; quadros; gravuras; mostradores; massa para modelagem; teatro de fantoches e sombra; tampinhas, caixas, rôlhas; barro; cinema, sobras de papel, figuras; revistas; papel couché, de imprensa, lustroso, de sêda; cadernos sem pauta; tintas; lápis, grafite, crayon; material para recorte, colagem, pintura, incluindo-se tesoura e cola; cartolina; material de ciências, como aquário, plantinhas, limalha de ferro, ímã, animais, quando possível, lente, várias espécies de couro de animais, camurça, pedras, sementes, etc.; material de jardinagem (enxadinhas, pás, ancinho, etc.); blocos coloridos; material para a bandinha; material de carpintaria (martelo, serrinhas, etc.).

INSTRUÇÕES RELATIVAS AO DECRETO N.º 4895, DE 13 DE MARÇO DE 1954, QUE REGULA O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS OFICIAIS DO ESTADO

I. O ensino religioso, constituindo disciplina integrante do plano de estudos, dos cursos primário, rural, secundário, normal e profissional, é de matrícula facultativa.

II. Para harmonizar-se com as normas da pedagogia contemporânea, o ensino religioso deverá atender, entre outras, aos seguintes princípios:

a) despertar e manter o interêsse do educando, com relação à matéria a ser ensinada, pela mobilização de suas fôrças espirituais e afetivas e pelo uso de material rico, variado e interessante;

b) dar maior relêvo, nos primeiros anos da escola primária, sem desvirtuar os fundamentos, a natureza e as finalidades da doutrina, aos aspectos mais concretos da vida religiosa, tais como: existência de templos, prática de atos cristãos, interpretação de símbolos e quadros, significação de imagens, etc.;

c) ajustar o ensino ao nível de maturidade e ao desenvolvimento geral da classe a que se destina para que os dogmas e práticas peculiares aos credos religiosos sejam compreendidos ou aceitos, e respeitados;

d) não dissentirem os interêsses, ideais, atitudes, opiniões e atos do professor das idéias e práticas que prega;

e) estabelecer íntima relação entre a religião e a vida para que aquela dê a esta sentido e direção, inspirando as ações humanas.

III. Acham-se registradas nesta Secretaria:

a) Igreja Católica Apostólica Romana;
b) as Igrejas Evangélicas;
c) a Religião Israelita.

Podem, pois, as autoridades religiosas dos credos acima mencionados providenciar por si ou por seus representantes, junto às direções dos estabelecimentos de ensino oficiais do Estado no sentido de cumprir as disposições legais que lhes competem por fôrça do Decreto n.º 4898, acertando, quando fôr o caso, com as autoridades educacionais ou com o diretor da escola, as medidas necessárias.

IV. As aulas de religião serão assistidas pelos alunos inscritos para as mesmas atendendo a declaração feita, no ato da matrícula, pelos pais ou responsáveis, ou pelo próprio aluno, no caso de já ter êste completado dezoito anos.

V. Para os alunos inscritos a freqüência será obrigatória.

Os demais (não inscritos), nos períodos destinados à religião, assistirão a aulas que devem versar sôbre princípios de moral que orientaram a vida de homens e mulheres que se destacaram em suas ações por altas qualidades de espírito e caráter.

VI. As aulas de religião não deverão exceder de 35 minutos nas três primeiras séries da escola primária e de 40 nas últimas séries, podendo o período de 50 minutos ser adotado nas escolas de nível secundário.

VII. Os programas de ensino, a indicação de livros e de material didático, elaborados ou selecionados pelas autoridades confessionais, serão encaminhados às direções das escolas por intermédio do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais desta Secretaria.

VIII. A determinação do processo a ser adotado na aferição do aproveitamento do aluno, em religião, ficará a critério do respectivo professor o qual receberá do C.P.O.E. assistência técnica, sempre que esta por êle fôr solicitada.

IX. A nota obtida em religião não interfirará na promoção do aluno; será, entretanto, computada, na avaliação da *nota global* (média aritmética das notas finais obtidas pelo aluno em tôdas as disciplinas integrantes do currículo).

Exemplificando:

Notas finais obtidas por um aluno de escola primária:

Linguagem — 80	Desenho — 70
Matemática — 75	Artes Aplicadas — 80
Estudos Sociais e Naturais — 90	Educação Física — 60
Música — 80	Religião — 90

$$\text{Nota global} = \frac{80+75+90+80+70+80+60+90}{8}$$

A nota global dos alunos que não freqüentam as aulas de religião, por nelas não estarem inscritos, será avaliada da seguinte maneira:

Notas finais obtidas por um aluno de escola primária:

Linguagem — 80
Matemática — 75
Estudos Sociais e Naturais — 90
Música — 80
Desenho — 70
Artes Aplicadas — 80
Educação Física — 60
Apreciação de valores morais — 90

$$\text{Média global} = \frac{80+75+90+80+70+80+60+90}{8}$$

X. As escolas mantidas por comunidades religiosas, em regime de inspeção pelo Estado, ficam desobrigadas de ministrar ensino de credos religiosos diversos daquele que a ordem professa. Os alunos pertencentes a outros credos se ocuparão, durante as aulas de religião, nas atividades referidas no item V destas Instruções.

SEMANA DA CRIANÇA

O Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, atento a todos os ensejos de proteção à infância, elaborou, para comemorar a Semana da Criança, um programa destinado a orientar pais e pessoas responsáveis pela educação das crianças na solução de problemas que comumente se apresentam na vida infantil.

O programa desenvolvido de 9 a 15 de outubro de 1955 teve a colaboração de distintos educadores, a imprensa, emissoras e comércio locais. Constou êle do seguinte:

I — *Palestras radiofônicas por eméritos educadores.*

1. Os direitos da criança — pelo Exmo. Sr. Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, D. Secretário de Educação e Cultura.

2. Pela infância! — pela professôra Dorothy C. Fossati, do C.P.O.E.

3. Saudação às crianças — pela professôra Idelvira Machado Rosa, DD. Delegada de Ensino da 1.ª Região Escolar.

4. A educação de alguém pressupõe a reeducação do educador — pela professôra Eloah Brodt Ribeiro, DD. Diretora do Centro Regional do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

5. A criança precisa ser feliz! — pela professôra Odete Campos, técnico em educação do C.P.O.E.

6. Palavras aos Mestres — pela professôra Alda Saldanha Teixeira, DD. Superintendente do Ensino Primário.

II — *Hora da Professoranda* — Trinta minutos de irradiação a cargo das alunas de Escolas Normais da Capital.

Números apresentados:

1. "Pela criança" — Palestra da aluna Elisabeth Cruz, do Instituto de Educação.

2. "Olhemos os olhos das crianças" — Poesia de Jorge Lima, pela aluna Lucinda Reis, da Escola Normal N. Senhora da Glória.

3. Palestra pela aluna Dulce Borsato da E. N. 1.º de Maio.

4. Diálogo — Do Livro "O Príncipezinho" de A. Saint-Exupéry — pelas alunas Sara Sibemberg e Rosete Ramos, da E. N. Carmem Chacon.

5. "Pardal da Rua" — Poesia de Terezinha Grippi — pela aluna Maria Coelho Leal, da E. N. Nossa Senhora da Glória.

6. Palestra pela aluna Leoni Gonçalves da E. N. do Colégio Sevigné.

III — *Palestras em Grupos Escolares da Capital,* a cargo das Sras. Orientadoras de Educação Primária e destinadas a orientar pais e professôras em diferentes aspectos da educação infantil.
Foram os seguintes os temas desenvolvidos:

1. Unidade de propósitos e de meios na ação educativa de família e de escola.

Orientadora — Ada Vaz Cabeda
GG. EE. Otávio de Souza e Prof. Alcides Cunha

2. A formação integral da criança é tarefa conjunta da escola e da família.

Orientadora — Juracy Leonardo
GG. EE. Gonçalves Dias e da Rua Eduardo Cartier

3. A eficiência, a elevação e a dignidade da educação das novas gerações muito dependem da harmonia e solidariedade que devem unir e identificar a família e a escola.

Orientadora — Lucinda Lorenzoni
G. E. Roque Gonzales

4. Influência da família na formação integral da criança e a escola como centro de saúde emocional.

Orientadora — Florisbela Machado Barbosa
G. E. D. Luiz Guanela

5. A família e a escola — agentes preponderantes no desenvolvimento integral da criança.

Orientadora — Lady Godiva Crossetti
GG. EE. Mal. Floriano Peixoto e Gen. Daltro Filho

6. A criança e o meio escolar e familiar.

Orientadora — Nair Coelho Russel
G. E. Souza Lobo.

IV — *Difusão de frases educativas* por jornais e emissoras locais.
Frases publicadas:

1. Devemos proporcionar à criança vivências que atualizem o potencial de Amor, de Beleza, de Justiça, de Verdade que ela traz em si, a fim de conduzi-la à plenitude do seu desenvolvimento.

2. Sòmente pelo exemplo, pela vivência das virtudes que se deseja cultivar na criança, é que podemos fazer com que ela creia na excelência das mesmas.

3. O excesso de rigor pode ser, na educação, tão prejudicial como a excessiva tolerância.

4. A criança, no seu desejo de realizar-se, busca a compreensão, o amor e a experiência dos que com ela convivem, ou melhor, dos responsáveis pela sua educação.

5. Nos países adiantados, mais do que o govêrno, o povo se responsabiliza pela educação da criança.

6. A preguiça infantil em grande número de casos é simples sintoma de uma enfermidade e como tal capaz de ser removida mediante tratamento adequado.

7. A criança anela realizar-se. Para isso, necessita de quem a oriente, de quem a conduza às escaladas do Bem.
Pais e professôres são os responsáveis por essa tarefa.

8. A criança que sempre se sentiu segura da afeição de seus pais apresentará comportamento muito menos tumultuoso.

9. Tôda criança tem direito à educação. E' dever do adulto colaborar na obra educacional.

V — *Exposição de cartazes* com dizeres sugestivos nas vitrinas de casas comerciais especializadas em artigos infantis.

VI — *Colaboração do C.P.O.E.* no programa de comemorações elaborado pela Rádio Gaúcha.

Como representantes do órgão tomaram parte nos debates sôbre os temas propostos por essa emissora

— Delinqüência infantil

— Problemas da vida da criança

as professôras Antonietta Barone e Dorothy Fossati, técnicos especializados, respectivamente, nos assuntos focalizados.

APRECIAÇÃO DE LIVROS

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

FICHA DE ANÁLISE DE CARTILHAS

Título do livro: .....
Autor: .....
Editôra: .....
Data da publicação: .....
Preço: .....

ASPECTOS DO CONTEÚDO	COTAÇÃO			
	Ótimo	Bom	Reg.	N. satisf.
MÉTODO:				
I CONTO				
Arte	.....	....	....	.....
Interêsse para o aluno	.....	....	....	.....
Assunto da experiência do aluno	.....	....	....	.....
Linguagem	.....	....	....	.....
Variedade dos sons	.....	....	....	.....
II PARTE TÉCNICA				
Número total de palavras (100 a 150).....	.....	....	....	.....
Número de palavras por página ..... (lições básicas — até 15, nas 1.as lições, até 30 no máximo)	.....	....	....	.....
Número de repetições por palavra ..... (nas 1.as lições repetições mais freqüentes)	.....	....	....	.....
Comprimento das linhas (7 cm.).....	.....	....	....	.....
N.º de letras por linha (36 — contar os espaços como letras).				
Tipo (2/6 mm — largura e altura).....	.....	....	....	.....
Espaçamento entre as linhas (7 mm.).....	.....	....	....	.....

ASPECTOS DO CONTEÚDO	COTAÇÃO			
	Ótimo	Bom	Reg.	N. satisf.
III ILUSTRAÇÕES (capa e conteúdo)				
Singeleza nos traços	.....	....	....	.....
Colorido	.....	....	....	.....
Representação do que narra o texto	.....	....	....	.....
Colocação	.....	....	....	.....
Tamanho (metade da página)	.....	....	....	.....
IV PARTE HIGIÊNICA				
Papel branco, ligeiramente amarelado, opaco..	.....	....	....	.....
V EXERCÍCIOS				
Fixação	.....	....	....	.....
Decomposição e recomposição de frases e palavras	.....	....	....	.....
Revisão	.....	....	....	.....
VI INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA USO DO PROFESSOR	.....	....	....	.....
VII ÍNDICE	.....	....	....	.....

INDICAÇÃO: .....

Prof.as Alda C. Kremer e

Sarah A. Rolla

técnicos em educação do C.P.O.E.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

JULGAMENTO DE LIVROS DE LEITURA

Nome do livro —
Nome do autor —
Editôra — (sede da casa editôra)
N.º da edição — Data da edição — Preço —
Grau a que se destina —
Já aprovado? Onde? Quando?
Data em que foi aprovado pela Comissão Nacional do Livro Didático —

PARTE MATERIAL

Encadernação	Dorso de papel e tela de pano — de couro — capa cartonada — de percalina —
Higiene	Côr conveniente — Tons suaves — Levemente creme — Opaco — fosco —
Linhas	Número em cada página Comprimento das linhas Largura das entrelinhas

N.º de palavras por página —
Tipo, dimensões (milímetros) —
Impressão (uniformidade da distribuição da tinta; nitidez) —

VALOR PEDAGÓGICO

A — Método

Quanto à técnica de apresentação

1. Conduz à finalidade do livro?
   Fins primários — Serve à leitura expressiva?
   Torna eficiente a leitura silenciosa?
   Fins secundários — Serve ao ensino globalizado?
   Serve ao ensino das matérias descriminadas?

2. Tem seqüência lógica em cada lição?
3. Há graduação de dificuldades?
   a) Quanto ao número de lições
   b) Quanto à extensão das lições
   c) Quanto às sentenças
   d) Quanto ao vocabulário.
4. Apresenta questionário e sugestões para exercício?

B — Assunto

1. Em relação à criança: Está de acôrdo com a psicologia infantil?
2. Em relação ao meio: Há predominância de temas da vida da cidade?
   Há predominância de temas da vida do campo?
   Serve aos dois ambientes?
3. Em relação à maneira de ser apresentado:

a) Desperta interêsse:

pela variedade do assunto —
pela variedade de gêneros literários: poesia, prosa —
(narração, descrição, dissertação, cartas, diálogos, contos) —
pela originalidade —

b) Há prefácio de valor educativo?

C — Ilustração

Adequação ao assunto da lição — sugestões —

D — Valor moral e cívico

Desperta sentimento de amor à família? à sociedade? incute respeito à autoridade? infunde respeito às nações estrangeiras? inspira amor à virtude? ao trabalho? nega, combate ou destrói qualquer confissão religiosa?

E — O livro está de acôrdo com o grau a que se destina?

Observações:

Por satisfazer (sim ou não) os itens desta ficha, é êste livro indicado para — .....

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

APRECIAÇÃO DE LIVROS INFORMATIVOS

Título do livro: .....
Autor: .....
Editôra: .....
N.º da edição:..... Data:..... Preço:.....
Grau a que se destina? .....
Já foi aprovado?..... Onde?..... Quando?.....
Data em que foi aprovado pela Comissão Nacional do livro Didático ....
.....

APRESENTAÇÃO MATERIAL

1. Encadernação: .....
2. Capa: .....
3. Papel: .....
4. Impressão: .....
   a) Tipo de letra:..... b) Linha (Comp.) .....
5. Ilustração: .....
   .....

PARTE TÉCNICA

1. Fundamentos psicopedagógicos: .....
2. Linguagem: .....
3. Exatidão: .....
4. Obediência ao programa: .....
5. Conexão com os princípios metodológicos que regem a matéria: ....
   .....
6. Apresentação de exercícios: .....
7. Jogos .....
   Indicação: .....

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS

AVALIAÇÃO DE LIVROS INFORMATIVOS

(Adaptação de "Normas para la Evaluación de Libros de Lectura para la Escuela Elemental" — Unesco).

Título da Obra:
Autor:
Assunto:
Série a que se destina:
Editôra:
Data da publicação:
N.º de páginas: Edição:
Preço: Data da análise:

Classificação:
I parte:
II parte:

Total:

Indicação — classe e zona:

	A	B	C	D	Valor relativo	Pontos
I - APRESENTAÇÃO MATERIAL:	4	3	2	1	20	
A — CAPA:						
1. ilustração (adequada, artística)					1	
2. encadernação (durabilidade)					1	
B — PAPEL:						
1. côr (branco, creme, etc.)					1	
2. transparência					1	
3. lustro					1	

	A	B	C	D	Valor relativo	Pontos
C — IMPRESSÃO:						
1. nitidez					1	
2. tipo de letra (manuscrita, imprensa)					1	
3. tamanho					1	
4. variação (excessiva, escassa, conveniente)					1	
5. linhas:						
a) extensão					1	
b) espaçamento					1	
c) margens					1	
D — ILUSTRAÇÕES:						
1. exatidão					2	
2. objetividade					1	
3. atratividade (interêsse, arte)					1	
4. colocação					1	
5. tamanho					1	
6. nitidez					1	
7. colorido					1	
					Soma:	
II - CONTEÚDO:						
A — MATERIAL DE REFERÊNCIA:	4	3	2	1	90	
1. prefácio					1	
2. sumário					1	
3. índice					1	
4. bibliografia					1	
5. orientação metodológica					5	

	A	B	C	D	Valor relativo	Pontos
B — ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO	4	3	2	1		
DA MATÉRIA:						
1. fundamentos psico-pedagógicos:						
a) interêsse						
b) métodos						
I - único (indutivo, dedutivo, analítico, sintético)					2	
II - misto					5	
c) processos						
I - específicos da matéria					5	
II - variados					5	
d) atenção aos objetivos gerais da matéria					5	
e) atenção aos objetivos específicos					5	
f) hábitos (pesquisa, trabalho independente, etc.)					5	
g) exercícios						
I - aplicação e fixação						
graduados					3	
variados					3	
interessantes					3	
II - revisão:						
completos					2	
objetivos					1	
III - ordens (completas; orações em ordem direta até o 2.º ano)					2	
h) jogos						
I - objetivos definidos					2	
II - técnica de aplicação (fácil e rápida)					1	
III - contrôle (fácil)					1	

	A	B	C	D	Valor relativo	Pontos
2. fundamentos lógicos:	4	3	2	1		
a) obediência ao programa (integral, parcial)					3	
b) exatidão das noções (atuais, anacrônicas)					5	
c) graduação de dificuldades					5	
3. linguagem						
a) estrutura da sentença						
I - simples (admitir a composta do 3.º ano em diante)					2	
II - direta (admitir a inversa do 3.º ano em diante)					2	
III - plena (todos os têrmos claros, até o 2.º ano)					2	
IV - curtas (até o 2.º ano)					2	
c) vocabulário (acessível, apropriado)					5	
					Soma:	

Índice: $\frac{\text{Total de pontos}}{\text{Total do valor relativo}}$ Total

I parte $\frac{\quad}{20} =$

II parte $\frac{\quad}{90} =$

Assinatura: .....

Prof.ªs Ruth Ivoty Torres da Silva e
Eddy Flores Cabral
técnicos em educação do C.P.O.E.

LIVRARIA SELBACH
P. ALEGRE
59741